UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANGELITA SILVA DE ALMEIDA

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS CONTOS POPULARES PARAIBANOS

JOÃO PESSOA
13.10.2009

ANGELITA SILVA DE ALMEIDA

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS CONTOS POPULARES PARAIBANOS

Dissertação elaborada por Angelita Silva de Almeida e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, área de concentração *Linguagens e Cultura*, Linha de Pesquisa *Semiótica*, com vistas à obtenção do grau de mestre em Letras.

Orientadora: Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão

João Pessoa

13.10.2009

A447v Almeida, Angelita Silva de.
Variações linguísticas nos contos populares paraibanos / Angelita Silva de Almeida. - João Pessoa, 2009.
234f.
Orientadora: Maria do Socorro Silva Aragão
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA
1. Literatura popular. 2. Conto popular – estudo - termos. 3. Ciências do léxico. 4. Conto popular – glossário.

UFPB/BC CDU: 398.2(043)

ANGELITA SILVA DE ALMEIDA

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS CONTOS POPULARES PARAIBANOS

Dissertação aprovada em 04 de dezembro de 2009.

Banca Examinadora

Professora Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão - UFPB
Orientadora

Professora Dra. Marinalva Freire da Silva
1ª Examinadora

Professora Dra. Josete Marinho de Lucena
2ª Examinadora

Professora Dra. Ivone Tavares de Lucena
Suplente

A meu esposo Joaquim e meus filhos Thiago e Thaísa para que compreendam que somos aprendizes até à morte.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Ser onipotente, onipresente e que sabe todas as coisas, por me conduzir pelo caminho do bem.

À minha família, pela satisfação e orgulho do nível alcançado.

Às professoras Hérica Paiva e Ivone Lucena, pela avaliação e sugestões dadas no exame de qualificação que enriqueceram o meu trabalho.

Aos professores da banca examinadora, por tão prontamente aceitarem o convite para analisarem o meu trabalho, sugerindo melhoras.

Às amigas: Helenita, pelo incentivo, e Nazareth, pelo apoio constante.

A Renato Mota, pelo trabalho de ilustração.

À coordenação do Curso de Pós-Graduação e a secretária Rosilene Marafon, pelo carisma com que sempre me receberam.

Aos colegas e professores que somaram conhecimento durante o curso.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A minha orientadora
Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão

Pelo cuidado, dedicação e paciência ao conduzir-me, a cada etapa, para a realização deste trabalho. Pelas incansáveis correções de minhas dúvidas. Pela simplicidade, consideração e amor com que desempenha voluntariamente um lindo trabalho com tantos ensinamentos a seus alunos, de forma lúdica, tratando todos com igualdade e sempre com o mesmo sorriso acolhedor.

E especialmente pelo otimismo e incentivo como uma boa amiga, pelos bons conselhos que me enviou quando realmente estava necessitando, dando-me forças e coragem para superar coisas inesperadas que surgiram durante a realização deste trabalho, fazendo-me entender que os desafios devem funcionar como impulsionadores dos nossos sonhos e projetos e que devemos superar coisas negativas dando a volta por cima, com muita garra e perseverança, provando, assim, que com fé e muita vontade podemos vencer obstáculos.

HOMENAGEM

Ao meu pai - *in memorian* - pelos ensinamentos, persistência, otimismo e valentia diante das dificuldades que, por vezes, surgiram na caminhada da nossa existência, ensinando-me sempre a ter perseverança, não desistir e recomeçar sempre quantas vezes forem possíveis, em busca da realização do sonho almejado.

À minha mãe, pela sabedoria prática que sempre demonstrou na sua didática materna, com tantos ensinamentos que me serviram de estímulo para a realização deste trabalho, através das inúmeras histórias que contava à noite e que guardadas na memória, hoje tive a oportunidade de por em prática, através da pesquisa realizada sobre o conto popular, algo que tanto me fascina por fazer parte do meu imaginário infantil e que sempre me causou admiração e desejo de realizar um trabalho...

Os contos celebram a confiança perplexa, alerta e por fim jubilosa do homem em si mesmo. Ou de cada homem em si mesmo e dos homens no que todos os homens têm de humano.

Fernando Savater

ABREVIATURAS

Adj. – adjetivo;

f. – feminino;

m. – masculino;

S. – substantivo;

S./Adj.f. – substantivo ou adjetivo feminino;

S. /Adj. m. – substantivo ou adjetivo masculino;

V. – verbo;

T.o – termo onamatopaico;

Conj. – conjunção;

Interj. – interjeição;

Loc.Interj. – locução interjetiva;

Pron. – pronome;

Loc.Verbal – locução verbal;

Loc. Adv. – locução adverbial;

Var. – variante;

Vars. – variantes.

LISTA DE SIGLAS

SIGLA	CONTOS
MT	A Moura Torta
JC	João Cinza
MBL	Manoel da Beira da Lagoa
CSA	O Corpo Sem Alma
RBCR	A Rainha que Botou Chifre no Rei
MO	O Macaco e a Onça
RC	O Reinado das Caveiras
TSFG	Os Três Soldados que Fugiram da Guerra
PE	O Papagaio Encantado
RLE	O Reinado dos Leões
BM	A Bota Misteriosa
M	As Melancias
PSF	A Pedra Sem Fim
JM	José e Maria
AM	A Árvore da Miséria

SIGLA	DICIONÁRIOS
ABH	Aurélio Buarque de Holanda
M	Michaelis
TC	Tomé Cabral
HA	Horácio de Almeida
JBL	José Batista da Luz

SIGLA	DICIONARIZAÇÃO
TND	Termo não dicionarizado
TDAE	Termo dicionarizado com acepção equivalente
TDAD	Termo dicionarizado com acepção diferente
END	Expressão não dicionarizada
EDAE	Expressão dicionarizada com acepção equivalente
EDAD	Expressão dicionarizada com acepção diferente

RESUMO

O presente trabalho apresenta considerações acerca do conto popular Paraibano e sua construção linguística com o objetivo de organizar um glossário com termos e expressões, que figuram na linguagem oral como veiculadores de uma cultura. Os materiais utilizados como corpus da nossa pesquisa foram colhidos no NUPPO (Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular). O *corpus* é pertencente à coletânea de Altimar Pimentel (1995), constando de 64 histórias contadas por Luzia Tereza das quais retiramos onze como amostra para nossa pesquisa; foram analisados ainda quatro contos da Coleção Trancoso que fazem parte do Projeto "Biblioteca da Vida Rural Brasileira" sob a responsabilidade de Aragão e outros pesquisadores (1981), consta um total de 40 histórias. O nosso objeto de estudo são os termos dos contos populares, levantados na modalidade escrita, considerando-se também a variação. Para tanto, desenvolvemos a pesquisa que partiu de referenciais teóricos fundamentados em pressupostos epistemológicos das ciências do léxico e seus enfoques teóricos, com ênfase na sociolingüística e suas orientações metodológicas. Seguiram-se os procedimentos metodológicos a partir de um estudo sobre o conto popular, focalizando aspectos como a memória sócio-histórica e o caráter artístico desses contos. Em seguida, elaboramos o glossário, constando de 204 termos cuja dicionarização obedeceu à seguinte classificação: termos e/ou expressões não dicionarizadas; termos e/ou expressões dicionarizadas com acepção equivalente e termos e /ou expressões dicionarizadas com acepção diferente. Dos verbetes registrados, há uma predominância de verbos, seguidos de substantivos, adjetivos, locuções, advérbios, conjunções, interjeições e termos onomatopaicos. O intento de levantar este corpus se justifica pela necessidade de que sejam desenvolvidos mais trabalhos escritos de organização e sistematização de glossários sobre os contos populares Paraibanos. Assim, esperamos que este trabalho sirva de estímulo e possibilite novas pesquisas sobre a cultura popular, em especial, o conto.

Palavras-chave: Conto Popular. Ciências do Léxico. Glossário.

ABSTRACT

This paper presents considerations about the folk tale of Paraíba and its linguistic construction in order to organize a glossary of terms and expressions which appear in the oral language as a culture vehicle. The materials used as corpus of our study were collected in Nuppo (Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular). The corpus collection belongs to Altimar Pimentel (1995), showing 64 stories told by Luzia Tereza which we pulled eleven as sample for our research. We also analyzed four stories from Trancoso collection that are part of the Project (Biblioteca da Vida Rural Brasileira), under Aragão and other researchers responsibility (1981), containing a total of 40 stories. Our work aims at studying folk tales terms, raised in the written form, focusing on aspects such as socio-historical memory and the artistic character of these tales, considering also the variation. In this work different lexical sciences are introduced and also their respective theoretical approaches, but the main emphasis is put on Sociolinguistic and its methodological guidelines. Next, we prepared the glossary, which contains 204 terms, distributed in the following classification: words with different meanings, words with equivalent meanings, and no-dictionary words. In the entries registered there is a predominance of verbs followed by nouns, adjectives, expressions, adverbs, conjunctions, interjections and onomatopoeic terms. The attempt to raise this corpus is justified by the need to be developed more researches about the organization and systematization of glossaries on the folk tales. Thus, it is expected that this work will stimulate and enable new researches on popular culture in particular the folk tale.

Keywords: Folktale. Lexical Sciences. Glossary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO I – OS ESTUDOS DO LÉXICO NOS CAMINHOS DA SÓCIO E DA ETNOLINGUISTICA 20

1.1 Heterogeneidade linguística 20

1.2 A variação linguística: regras categóricas e variáveis 26

1.3 As ciências do léxico 33

1.3.1 Lexicologia 33

1.3.2 Lexicografia 40

1.4 Língua, sociedade e cultura 43

1.5 Considerações sobre a Etnolinguística 47

CAPÍTULO II – A ARTE DE CONTAR: O CONTO NA LITERATURA POPULAR 50

2.1 O conto popular: definição, origem e estrutura 50

2.2 O conto popular: uma memória sócio-histórica? 54

CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA 59

3.1. Delimitação e Constituição do Corpus 59

3.2 O Universo da Pesquisa 59

3.3 Metodologia de organização do glossário 62

CAPÍTULO IV – GLOSSÁRIO DA LINGUAGEM DE CONTOS POPULARES PARAIBANOS 66

CONSIDERAÇÕES FINAIS 134

REFERÊNCIAS 137

ANEXO 1 - A Moura Torta (MT) 147

ANEXO 2 - João Cinza (JC) 155

ANEXO 3 - Manoel da Beira da Lagoa (MBL) 161

ANEXO 4 - O Corpo Sem Alma (CSA) 169

ANEXO 5 - A Rainha que Botou Chifre no Rei (RBCR) 176

ANEXO 6 - O Macaco e a Onça (MO) 186

ANEXO 7 - O Reinado das Caveiras (RC) 200

ANEXO 8 - Os Três Soldados que Fugiram da Guerra (TSFG) 204

ANEXO 9 - O Papagaio Encantado (PE) 209
ANEXO 10 - O Reinado dos Leões (RLE) 216
ANEXO 11 - A Bota Misteriosa (BM) 227
ANEXO 12 - As Melancias (M) 234
ANEXO 13 - A Pedra Sem Fim (PSF) 240
ANEXO 14 - José e Maria (JM) 246
ANEXO 15 - A Árvore da Miséria (AM) 253

INTRODUÇÃO

Os contos de tradição oral são histórias contadas em voz alta por um narrador a um grupo de ouvintes. Essa é uma tradição antiquíssima que até hoje é cultivada tanto nas tribos primitivas, espalhadas em diferentes regiões do mundo, como em lugares em que a literatura oral convive com os registros escritos.

Escutar um(a) narrador(a) contando histórias ainda é um costume comum, principalmente em ambientes onde os valores da cultura popular continuam fortes, mesmo havendo os avanços tecnológicos e o poder de massificação dos meios de comunicação de um modo geral.

A importância social da narrativa oral cujas finalidades variam de acordo com as circunstâncias, fez com que as referências literárias, que são históricas, ganhassem novas formas, o que gerou muitas maneiras de contar uma história, de estruturar o conto. Por meio dos inúmeros gêneros da ordem do narrar, tais como o conto popular, de fadas, as fábulas, os apólogos, as parábolas, as lendas e os mitos, entra-se em contato com o mundo ficcional e as idéias que fazem parte do patrimônio cultural de um povo ou até mesmo da própria humanidade.

Portanto, conhecer a literatura popular é ampliar o nosso conhecimento de mundo e da história do homem, de suas peculiaridades identitárias, valores, visões de mundo, linguagens, sentimentos, poesia. Além disso, essas histórias, em especial por sua engenhosidade e criatividade , também entretêm e proporcionam diversão.

O conto popular é uma narrativa de tradição oral que não possui um autor específico, é anônimo, criado em local e época ignorados, transmitido de geração a geração, sofrendo, portanto, modificações ao longo do tempo por causa da habilidade inventiva que os(as) contadores(as) possuem. Os personagens desses contos possuem perfis identitários característicos da região na qual a história se originou, sendo, portanto, fonte de conhecimento das manifestações culturais populares. Nascido do imaginário do homem simples e não tendo uma vinculação com regras gramaticais, o conto popular possui particularidades em sua forma de composição que prende a atenção das pessoas, de diferentes idades e nível de escolaridade, por possuir uma riqueza expressiva e imagética.

Muitos contos clássicos conhecidos hoje, que fazem parte do repertório literário infantil, foram recolhidos de contadores populares e registrados por pesquisadores, como o

2qfrancês Charles Perrault (1628-1703) que recolheu histórias como “Cinderela” e o “O Pequeno Polegar”; os alemães Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), que registraram os contos “Chapeuzinho Vermelho” e “João e Maria”; e o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) que registrou muitas histórias da tradição oral de seu país, como "A Pequena Sereia". Todos eles ao documentarem estes contos, também registravam o modo como a linguagem popular era falada em seu país.

No Brasil, Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), um dos mais importantes pesquisadores da nossa cultura popular brasileira, é um dos responsáveis pela documentação de contos populares brasileiros, imortalizando personagens como o Saci, a Mula-sem-cabeça e o Curupira. Autor do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Câmara Cascudo trouxe para nós um referencial de cultura, que ultrapassa os limites epistemológicos da antropologia cultural e da sociologia, porque seus estudos abarcam referências de vida e de produção literária riquíssimas, que delimitam as peculiaridades do povo brasileiro.

Por tudo o que significa a cultura popular e por ser amante da literatura oral, das histórias de Trancoso e dos Cordéis, a nossa pesquisa sobre *Variações linguísticas nos contos populares paraibanos* se justifica pela importância que os contos populares exercem enquanto veículo de valores culturais, tendo em vista que a linguagem popular promove interação nos diversos contextos sociais.

Diante do exposto, a escolha do tema deu-se em razão da pretensão de realizar uma análise léxico-semântica de termos e expressões em contos populares paraibanos para a construção de um glossário, com o intuito de incentivar e valorizar as narrativas de caráter oral, especialmente o conto, bem como servir de estímulo a futuras pesquisas, além de contribuir com as já existentes. A título de exemplo, podemos citar A Linguagem Regional Popular na obra de José Lins do Rego (ARAGÃO, 1990); Glossário aumentado e comentado de *A Bagaceira* (ARAGÃO et al, 1984) e O Conto Popular na Paraíba (ARAGÃO, 1992), Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba: estudo de glotologia e semântica paraibana(CLEROT, 1959).

Diante desse pressuposto, decorre a seguinte problemática: Qual a importância em sistematizar um estudo do léxico nos contos de Luzia Tereza, José Francisco Mendes, Fernando Ferreira, Hermes do Nascimento e Maria Matias da Costa?

Compreendendo ser o conto popular uma das formas mais antigas de expressão e um bem que vem se perpetuando como parte integrante da cultura popular, as reminiscências transmitidas e perpassadas através de gerações seculares, constituem através da oralidade uma

das maiores fontes de riqueza cultural de um povo. Desse modo, para resolvermos esta problemática, fizemos o levantamento de algumas hipóteses: 1. Nos contos de Luzia Tereza, José Francisco Mendes, Fernando Ferreira, Hermes do Nascimento e Maria Matias da Costa, existem palavras e/ou expressões que representam variações do falar regional paraibano. 2. As variações linguísticas mais comuns encontradas nos textos dos autores estudados são de caráter léxico-semântico. 3. O léxico nos contos populares de Luzia Tereza José Francisco Mendes, Fernando Ferreira, Hermes do Nascimento e Maria Matias da Costa veicula valores identitários presentes no repertório cultural do povo paraibano.

Para investigarmos as hipóteses, traçamos como objetivo principal organizar um glossário de termos populares existentes nos contos de Luzia Tereza, José Francisco Mendes, Fernando Ferreira, Hermes do Nascimento e Maria Matias da Costa a fim de valorizar e propagar a cultura do povo paraibano no que concerne à linguagem popular.

A fim de realizarmos esta pesquisa, traçamos como objetivos específicos: fazer o levantamento de contos de autoria de Luzia Tereza, José Francisco Mendes, Fernando Ferreira, Hermes do Nascimento e Maria Matias da Costa; identificar nos contos selecionados as variações léxico-semânticas neles contidas; apresentar através das variações linguísticas a linguagem regional popular da Paraíba e organizar um glossário com os termos regionais populares existentes nos contos dos autores que fazem parte do *corpus* de nosso trabalho.

Para a realização desta dissertação, buscamos fundamentos em estudos sobre a cultura popular, a Sociolinguística, a Etnolinguística, que nortearão a discussão sobre a relação entre língua, sociedade e cultura, dando-nos suporte para a elaboração do glossário, cuja função é possibilitar, por meio do registro dos verbetes e de seus respectivos significados, a divulgação e uma melhor compreensão do léxico dos contos analisados.

Selecionamos um *corpus* composto de contos revestidos do imaginário popular, que engendram verdades, ao mesmo tempo subjetivos e culturais que se (re)constroem através do (re)contar. Tais narrativas se estruturam em torno de valores que caracterizam o universo imaginário dos personagens: medo, sacrifício, aventura, falsidade, bravura, perspicácia, mentira, opulência, maldade, fragilidade, pessimismo, vitória, desengano, riqueza, desvantagem, dentre outros, que são refletidos pela linguagem.

No intuito de alcançar os objetivos da pesquisa, foram analisados quinze contos. As versões foram extraídas da coletânea publicada em 1995 por Pimentel e Maia, em *Estórias de Luzia Tereza*, levantadas em Guarabira, e quatro contos, colhidos no acervo do NUPPO (Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular), pertencentes ao Projeto Biblioteca

da Vida Rural Brasileira, sendo um de José Francisco Mendes, um de Fernando Ferreira, um de Hermes do Nascimento e um de Maria Matias da Costa, todos de Cabedelo.

As histórias são expressas a partir de uma linguagem construída pelo "tesouro lexical", característico de grupos sociais do estado da Paraíba, a saber: comunidade de Guarabira e Cabedelo, deixando fluir valores que fazem parte do universo imaginário das pessoas. Para sistematizar o estudo, a pesquisa foi estruturada em quatro capítulos, envolvendo informações sobre o conto, o arcabouço teórico e construção do glossário.

O primeiro capítulo *Os estudos do léxico nos caminhos da sócio e da Etnolinguística* foi reservado ao estudo da variação sociolinguística que serviu de suporte teórico para as análises, baseando-se nas visões de Labov, Pretti, Lemos, Bagno, entre outros que versam sobre a heterogeneidade linguística. Seguiu-se, ainda, um estudo sobre as ciências do léxico, tomando como base a teoria de Vilela, Barbosa, Rey e Biderman dentre outros. Discutimos, também as relações existentes entre língua, sociedade e cultura e suas implicações na definição do léxico.

O segundo capítulo *A arte de contar: o conto na literatura popular* comporta um estudo sobre a teoria do conto popular, considerando definição, origem e estrutura. Argumentamos ainda sobre a memória sócio-histórica presente nos contos populares e, por fim, a contação de histórias como uma arte veiculadora da cultura de um povo.

O terceiro capítulo *Procedimentos metodológicos da pesquisa* trata da metodologia empregada na realização das etapas de organização do glossário. Primeiramente fizemos a delimitação e constituição do *corpus*, em seguida, descrevemos o universo de pesquisa; por último, mostramos a metodologia de organização do glossário.

O quarto capítulo destina-se à elaboração de um glossário a partir do levantamento de termos e expressões extraídos dos contos selecionados como *corpus*, constando 204 itens lexicais. Primeiramente extraíram-se termos e expressões que melhor representam o repertório do falar popular regional paraibano. Em seguida, estruturamos o glossário.

Portanto, esperamos incentivar a pesquisa acadêmica no âmbito da cultura popular, uma vez que poucas pesquisas foram realizadas sobre o referido assunto, bem como contribuir para a valorização da literatura popular, em especial o conto.

CAPÍTULO I – OS ESTUDOS DO LÉXICO NOS CAMINHOS DA SÓCIO E DA ETNOLINGUÍSTICA

1.1 A heterogeneidade linguística

O termo Sociolinguística surge na década de 1960, a partir dos estudos de William Labov: mudança em progresso no inglês de Martha's Vineyard, em 1962, e da cidade de Nova York, em 1966. O primeiro consistia em pesquisar sobre o papel decisivo dos fatores sociais na busca pela explicação da variedade linguística; o segundo era sobre a estratificação social do inglês em Nova York. Labov, ao impulsionar o estudo da variação e da mudança, na perspectiva sociolinguística, tornou-se o nome mais conhecido da área. A Sociolinguística moderna teve como precursora a Dialetologia, disciplina que, segundo Morales (1993), cabe a tarefa de estudar os *letos* diatópica e diastraticamente, à sociolinguística é atribuído o trabalho de estudar esses fenômenos no contexto social, preocupando-se com as possibilidades de realização.

O modelo apresentado por Labov - sociolinguística variacionista divergia de outros trabalhos sobre mudança, apresentado por outros estudiosos. Antoine Meillet (1866-1936) como exemplo, considerava o contexto social na explicação da mudança. Já Martinet em suas análises estruturais de mudanças históricas, discorda da rígida análise saussurriana sincronia e diacronia. Mas é Gauchat o precursor da abordagem sociolinguística, com o estudo da comunidade francófona suíça de Charmey, trabalho que tem destaque dentre os demais por ser considerado o primeiro a ter como objeto a mudança linguística em progresso. (LUCCHESI, 2004, p.166).

Ao relacionar seus estudos aos de Gauchat, Labov colocou em evidência um propósito da análise sociolinguística: rever a tese de que a mudança linguística não podia ser pesquisada diretamente, mas só após sua conclusão. Com relação a este estudo Lucchesi destaca ainda que:

> [...] o recurso utilizado por Labov para superar esse obstáculo foi o de procurar entrever a mudança em progresso na variação observada na língua num determinado momento, o que ele definiu como o estudo da mudança no tempo presente (LUCCHESI, 2004, p.166).

Segundo Bagno (2007, p. 29-49), a Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando se decidiu que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. Com referência à variedade linguística, podemos ler nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

> A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em "Língua Portuguesa" está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre "o que se deve e o que não se deve falar e escrever", não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.

A Sociolinguística é uma disciplina que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. Segundo Mollica (2003, p.10), são muitas as áreas que constituem temas de investigação na Sociolinguística. Entre outras, a autora cita contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança . Afirma ainda que:

> [...] em cada sistema o fenômeno da diversidade linguística é diferente do que entendemos por multilinguismo e aborda o caso do Brasil que, além do português, fala-se 180 línguas indígenas, de comunidades étnico-culturalmente diferenciadas, afora as populações bilíngues que dominam igualmente o português e línguas do grupo românico, anglo-germânico e eslavo oriental, como em comunidades multilíngues português/italiano, português/espanhol, português/alemão.

A linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico e a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais a comunidades maiores. Ao estudar qualquer comunidade linguística, constatamos a existência de diversidade ou da variação. Toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística denomina

variedades linguísticas. O conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade é chamado repertório verbal.

Alkmin (2006, p.33) diz que “todas as línguas do mundo são continuações históricas e que gerações sucessivas de indivíduos legam a seus descendentes o domínio de uma língua particular. As mudanças temporais são partes da história das línguas” e exemplifica:

> No português arcaico (entre os séculos XII e XVI), ocorriam construções impessoais em que a indeterminação do sujeito era indicada pelo vocábulo "homem", com o mesmo sentido que, atualmente, usamos o pronome "se". Por exemplo: "E pode homem hyr de Santarém a Beia [Beja] em quatro dias", que corresponde, modernamente, a "E pode-se ir de Santarém a Beja em quatro dias"; A forma de tratamento "Vossa Senhoria" é atestada nos meados do século XV, como expressão reservada ao rei. Já no final do século XVI, esta perde seu estatuto de realeza, sendo empregada no trato com arcebispos, bispos, duques, marqueses, condes, além de uma gama de altos funcionários (como, por exemplo, vice-rei ou governador da índia) (ALKMIN, 2006 p.34).

Lemos (2000, p.57) argumenta que a Sociolinguística contrapõe-se a modelos teóricos que, numa posição homogeneizadora, não consideram a variação como característica essencial das línguas e cita autores que se posicionam a favor da heterogeneidade linguística: Hudson (1984) diz estar convicto que dois falantes não têm a mesma linguagem porque é impossível terem a mesma experiência linguística. Já Dorian (1994) considera que a heterogeneidade linguística reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes linguísticas, correspondem às diversidades dos grupos sociais e a sensibilidade que eles mantêm de uma ou mais normas de prestígio. Bagno (2007, p. 46-47) classifica a variação sociolinguística da seguinte maneira:

> Variação diatópica - é a que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades, dentre outros; variação diastrática - é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais; variação diamésica - é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita; variação diafásica - é a variação estilística, e refere-se ao uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal e a variação diacrônica - é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua.

Referindo-se ainda à variação estilística, Bagno 92007,p.43-44),cita fatores extralinguísticos que podem auxiliar na identificação de seus fenômenos:

> Origem Geográfica: a língua varia de um lugar para outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.;
> Status Socioeconômico: as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;
> Grau de Escolarização: o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;
> Idade: os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;
> Sexo: homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;
> Mercado de Trabalho: o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este, os mesmos de um cortador de cana;
> Redes Sociais: cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento lingüístico.

Camacho (2006, p.60) argumenta que a variação estilística ou de registro é o resultado da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão do falante sobre as formas que seleciona para compor seu enunciado. E a respeito da variação motivada por diferença na origem geográfica, este estudioso refere que:

> [...] toda região nordestina se identifica com base na abertura sistemática da vogal pretônica de “dezembro e “colina”, sistematicamente fechada na região sudeste. Em certas regiões do sul do país, pronunciam-se como médias as vogais em posição átona final, como no sintagma nominal “leite quente”, que, em outras regiões, aparecem como atlas, “leiti quenti” [...] (CAMACHO, 2006, p.58).

Para Alkmin (2006, p.34), a variação social relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Dentre eles destacamos: classe social, a idade, o sexo, a situação do contexto social. A autora faz uma exposição destes fatores, dos quais mencionamos os seguintes como exemplos:

> a) classe social:
> – uso da dupla negação, como em “ninguém não viu”.

> – presença de [r], em lugar de [l], como em “brusa” (blusa) e “grobo” (globo).
> b) Idade:
> – o uso do léxico particular, presente em certas gírias (“maneiro”, “esperto”), denota faixa etária jovem.
> c) Sexo:
> – a duração de vogais como recurso expressivo, como em “maaravilhoso”, costuma ocorrer na fala de mulheres.
> d) – Situação ou contexto social:
> – qualquer pessoa muda de fala de acordo com, o (s) seu (s) interlocutor (es). – se é mais velho ou hierarquicamente superior – segundo o lugar em que se encontra e até mesmo segundo o tema da conversa.

Na concepção de Mollica (2003, p. 9), as línguas são heterogêneas e todas apresentam um dinamismo inerente. Assim, encontram-se formas distintas que, em princípio, equivalem-se semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe, morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático discursivo. A referida autora afirma que marcas de concordância nominal e verbal, estão presentes no português do Brasil e exemplifica, dizendo que:

> [...] “os estudos sociolingüísticos” e “eles estudam Sociolinguística” em geral alterna-se com a possibilidade de ocorrência de enunciados em que tais marcas estão ausentes: “os estudo sociolinguístico”, “eles estuda Sociolinguística”. A realização de “framengo”, “andano”, “ta”, “fala”, “paia” é encontrada no português do Brasil coexistindo com “flamengo”, “andando”, “está”, “falar”, “palha”. Construções sintáticas como “eu vi ele ontem”, “nós fomos no Maracanã”, “é o tipo de matéria que eu não gosto dela”, “a Linguística, ela é muito difícil” estão presentes no português do Brasil (PB), alternando com os equivalentes semânticos "eu o vi ontem", “nós fomos ao Maracanã”, “é o tipo de matéria de que eu não gosto”, “a Linguística é muito difícil” (MOLLICA, 2003, p.9).

As diferenças que ocorrem nos aspectos morfossintático, léxico e fonológico, podem ser classificadas por estudiosos, em língua popular e língua culta ou padrão, sendo que esta segunda detém maior prestígio social, e é usada pelo grupo social dominante, em situações de maior formalidade, a popular, de menor prestígio é usada pelas classes populares e/ou nas situações sociais de menor formalidade.

Referindo-se à língua popular, Pretti (1982) diz que do ponto de vista morfossintático, a língua popular caracteriza-se pela economia de gênero e número, com redução na utilização das pessoas gramaticais e dos tempos verbais Caracteriza-se, ainda, pela simplificação gramatical das frases, através da redução das estruturas subordinadas em benefício das frases simples, justapostas ou coordenadas. No aspecto lexical, o autor observa que na língua padrão há um vocabulário mais variado, com maior precisão no emprego dos significados e com

maior incidência de termos técnicos; enquanto na popular há predominância de um vocabulário mais restrito, empregado amplamente nos diversos sentidos, com maior frequência de gírias e de recursos enfáticos, também pela simplificação gramatical das frases através da redução das estruturas subordinadas em benefício das frases simples, justapostas e da coordenação (uso excessivo de “aí” e “então”, como exemplos), maior emprego da voz ativa em lugar da passiva e predomínio das regências diretas nos verbos e do emprego de pronomes pessoais retos como objetos (“vi ele”, “encontrei ela”). Com referência às diferenças fonológicas observadas na língua popular, verificamos que, embora não comprometam a comunicação, servem para marcar as formas linguísticas de maior ou menor prestígio social.

Segundo o referido autor, dado o caráter dinâmico da língua que se modifica e evolui, fica difícil estabelecer uma distinção entre a língua culta e a popular, uma vez que elementos de um terminam sendo assimilados pela outra. Do ponto de vista do léxico, da sintaxe e da fonologia, também há estruturas comuns pertencentes às duas formas de linguagem, já que se trata de uma mesma língua. Há linguistas que sugerem que se estabeleça um nível hipotético intermediário entre a língua popular e a língua padrão, denominado ‘linguagem comum’.

A escrita é apontada por Lemle (1985) como fator principal responsável pela existência de uma forma padrão para representar todas as variedades de uma determinada língua. Assim, a escrita atua como fator de unificação linguística, uma vez que as modificações gramaticais e ortográficas são mais lentas que as transformações apresentadas pelos atos de fala. Por ser a língua padrão a utilizada pelo grupo social dominante, esta dentre as variedades linguísticas é a escolhida para a escrita. Portanto, podemos afirmar que a escrita tem como uma de suas funções, manter a unidade linguística das sociedades letradas, opondo-se à diversidade que é observada em termos de fala. Deste modo, o prestígio que o grupo social detém acaba sendo atribuído à sua linguagem, que associada à escrita, passa ser considerada a norma padrão. Segundo Gnerre (1998), a estigmatização da linguagem popular como “incorreta” é consequência do status inferior ocupado pelos falantes na sociedade. Assim a valoração linguística baseia-se numa valoração social.

A linguística moderna tem demonstrado que é cientificamente incorreto realizar uma classificação hierárquica das diversas variedades de uma língua baseando-se em critérios de “inferioridade” e “superioridade” linguística. Com base nos conhecimentos da sociolinguística pode-se afirmar que as diferentes formas de linguagem decorrem de um

processo natural de variação linguística, o qual visa atender às diversas situações comunicativas existentes no meio social.

1.2. A variação linguística: as regras categóricas e variáveis

A variação linguística, segundo Lemos (2000, p.63) é consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através do discurso. Em todo sistema linguístico existe um conjunto de regras categóricas denominadas de invariantes que não podem ser infringidas a fim de não dificultar ou inviabilizar a comunicação dos enunciados. Além das regras categóricas ou invariantes, existem as variáveis e em maior abundância que são aplicadas quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto, e a escolha de uma depende de fatores de ordem interna ou externa (LEMOS, 2000, p.58). Uma variável linguística é constituída por duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo. Podemos citar como exemplos os termos “mandioca”, “aipim” e “macaxeira”, usados conforme a região. Já as variantes linguísticas são formas alternantes que num mesmo contexto, expressam a mesma coisa. Podemos exemplificar o termo Recife onde a a vogal pretônica /e/ /ɛ́/ ou /i/, não apresenta diferença semântica.

As línguas naturais humanas consistem em sistemas organizados de forma e conteúdo e a variação é uma de suas propriedades mais marcantes. Assim, a diversidade é uma propriedade funcional e inerente aos sistemas linguísticos, sendo o papel da Sociolinguística enfocá-los como objeto de estudo, em suas determinações linguísticas e não linguísticas. A esse respeito Labov (1972) diz:

> A existência de variação e de estruturas heterogêneas na comunidade de fala investigadas está de fato provada. É da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar... a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores linguísticos básicos. Alegamos que é a ausência de alternância de registro e de sistemas multi-estratificados de comunicação que seria disfuncional.

Segundo Lemos (2000, p-59-59), uma variável linguística é constituída por duas ou mais formas distintas para se transmitir um conteúdo informativo, enquanto variante é cada uma das realizações possíveis de uma variável. De acordo com o autor, nem todos os fatos da

língua estão sujeitos a variações. Existem regras gramaticais que se definem desde que um falante não possa violá-las.

Interagindo nessa discussão, Bagno (2007, p.49) diz que nem tudo na língua apresenta variação e exemplifica dentre outros, os seguintes casos: o artigo definido vem sempre colocado antes do nome; os pronomes oblíquos não admitem outros elementos entre eles e o verbo; e os verbos regulares têm sempre uma terminação “o” na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Wardhaugh (1993) aborda que as regras categóricas são “as que especificam exatamente o que é e consequentemente o que não é possível na língua”. Labov (1972) estabelece outra distinção e diz que “as regras variáveis têm uma função comunicativa (estilística, expressiva ou enfatizadora), enquanto as invariantes servem apenas para facilitar a expressão das seleções já feitas”.

De acordo com Labov (1972), para definirmos uma variável linguística é necessário: definirmos o número exato de variantes; estabelecermos toda a multiplicidade de contexto em que ela aparece; elaborarmos um índice quantitativo que nos permita medir os valores das variáveis. O autor acrescenta ainda que somente atribuem valores sociais às regras linguísticas quando existe variação, porque os falantes não aceitam facilmente o fato de que duas expressões distintas signifiquem exatamente a mesma coisa, havendo forte tendência de conferir-lhes significados diferentes.

Lemos (2000, p.59) diz que os sociolinguistas entendem que, para estabelecer-se o conceito de variável linguística, é necessário que as duas ou mais variantes tenham um mesmo significado referencial ou denotativo, exemplificando, o vocábulo elixir, em que o /r/ final ao ser pronunciado com maior ou menor força, pode ser enfático e adquirir um símbolo de prestígio, ou, ser estigmatizado, se pronunciado à moda caipira, não havendo modificação no significado denotativo. Uma variável é concebida como dependente no sentido de que o emprego não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural. As variáveis independentes podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência. As variantes são sequências que têm o mesmo sentido e comportam os mesmos itens lexicais, mas seus processos combinatórios e hierarquias de categorias são diferentes.

Já numa variação morfossintática, Lemos (2000, p 59) diz que não podemos afirmar com precisão quando duas ou mais estruturas expressam um significado único, mesmo no nível referencial ou denotativo. Com referência a esta afirmação, outros autores apresentam os seus pontos de vista: Godard (1992) diz que o programa de Labov não pode ser adaptado aos

problemas de ordem sintática porque a hipótese de uma variação sintática é problemática por natureza; Lavandera (1978) argumenta que a extensão da análise da variação desenvolvida com base em dados fonológicos é inapropriada a outros níveis devido a uma teoria do significado que permita a análise quantitativa da variação morfológica, sintática e léxica. Boutet (1992, p.108) diz que a teoria variacionista não tem condições de ser aplicada a níveis acima do fonológico e do morfofonológico, porque há dificuldade em se admitir a equivalência semântica de construções sintáticas, formalmente distintas. Morales (1993) acrescenta que na decisão de identidade de formas, alguns parâmetros de significação tais quais: a perspectiva funcional da oração, as implicações pragmáticas e a intenção comunicativa do falante, devem ser levadas em conta. Na opinião de Van Dijk (1984), a descrição das expressões, nos níveis de forma e significado, deve ser completada pelo nível da ação, ou seja, as regras pragmáticas, que são conhecidas pelos falantes de uma comunidade de fala, determinariam o uso sistemático das expressões.

Lavandera (1984) assinala que na sintaxe, ao contrário da fonologia, construções que parecem sinônimas pode não sê-las porque não é possível considerá-las membros do mesmo conjunto de equivalência. Os segmentos morfológicos, sintáticos e léxicos, ao contrário dos fonológicos apresentam um significado referencial próprio.

Segundo Mollica (2003, p.11), o termo “variável” pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores que consistem os parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes. As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas durante um período curto de tempo ou até séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece.

Mollica (2003, p.11) afirma que é tarefa da Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreendemos que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros, um complexo estruturado de origens e níveis diversos.

Uma variante adquire prestígio se for associada a um falante ou grupo social de *status* considerado superior. Um dialeto que se encontra em voga, passa a ser imitado por outras pessoas de classe inferior, como podemos exemplificar o caso do /s/ implosivo ou chiante que a partir de 1908 passou a existir no dialeto, quando a corte portuguesa fixou residência no Rio de Janeiro. A partir daí o /s/ pronunciado pelos nobres passou a ser imitado pela população

local transformando-se numa espécie de símbolo de nobreza. Daí podemos afirmar que uma marca de prestígio da classe dominante é o que vai determinar a atitude dos falantes das classes linguísticas inferiores, face à sua própria variedade.

Nesse sentido, Labov (1972) afirma que a variedade das classes dominadas tende a se desestruturar, quando em contato com a variedade da classe dominante, gerando sentimentos de culpabilidade ou de inferioridade linguística, levando muitos falantes a se envergonharem de seus próprios dialetos.

Numa sociedade de classes se instauram fortes preconceitos nos usos da linguagem. Em todos os níveis linguísticos se manifesta essa distância: na fonologia, no léxico, na sintaxe. Há uma acentuada diferença entre o modo de falar de uma pessoa letrada e de outra analfabeta. As formas como **vrido, pranta, nós veve, eu se danei**, por exemplo, são usadas, e desta forma, são discriminadas. Uma vez que a variação linguística pressupõe a valoração social, as variantes empregadas por falantes dos estratos mais baixos da população são, em grande parte, estigmatizadas. Assim, quanto maior for a identificação da forma com a classe discriminada, tanto mais forte é o preconceito. Mollica (2003, p.13) diz que "embora os julgamentos de valor não se apliquem, os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social".

No Brasil, por exemplo, esse preconceito é estampado com frequência em meios de comunicação, livros, revistas, livros didáticos, gramática normativa que pretendem ensinar o que é "certo" e o que é "errado". Há estudos que comprovam esse preconceito sobre o povo brasileiro, como podemos observar a reflexão que Bagno (2007, p.15) faz sobre a fala de Darcy Ribeiro (Folha de São Paulo, em 5 de fevereiro de 1995) "É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são hoje, um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos".

Sobre esta fala, Bagno mostra que o preconceito linguístico baseia-se na concepção de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas, catalogada nos dicionários e, qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola, gramática e dicionário, é considerada sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estereotipada, rudimentar, deficiente. Em consonância com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) (1997, p.26), Bagno (2007, p.27) ainda diz que:

> A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma "certa" de falar- a que se parece com a escrita- e o de que a escrita é o espelho da fala - e, sendo assim, seria preciso "consertar" a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico.

O autor argumenta que essa ideia de a escola tentar moldar, a critérios formais, o que aluno constrói, considerando errado, fá-lo acreditar que é incapaz, inibindo-o de expressar-se, mediante os desafios de comunicação nas práticas sociais, uma vez que desconsidera a língua a qual ele domina.

Mollica (2003, p.13), interagindo nessa discussão, diz que:

> Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima.

Na transmissão de uma informação de duas ou mais formas, é natural que se configure um processo de mudança linguística. Há uma espécie de conflito em que a forma mais antiga pode terminar sendo substituída pela inovadora. Quando se trata do dialeto padrão, a conservadora é de maior prestígio na comunidade e a inovadora sofre alguma restrição até ser aceita.

A vocalização do /I/ pós vocálico, no português do Brasil na palavra real, se realiza como /w/, variante inovadora que entrou em competição com a pronúncia antiga, tida como padrão e dotada de certo prestígio.

Um exemplo no nível morfossintático é a formação do plural dos sintagmas nominais, onde a marca /s/ cada vez mais a regra é simplificada. As instituições educativas insistem através do ensino sistematizado, nas regras do falar formal, mas é a gramática coloquial que

predomina na comunicação oral. A esse respeito Lemos (2000, p.66) afirma que “Se prestarmos bem atenção, notaremos que muitos falantes cultos já dizem ‘meus amigo’ ou ‘vinte pau’, evitando a redundância própria da variante conservadora”.

De acordo com Bell (1997), os estilos de fala constituem um dos maiores desafios no estudo da variação sociolinguística. Nenhum falante utiliza a língua da mesma forma em todas as ocasiões, o que implica na escolha de várias possibilidades de expressão. Na opinião de Chaica (1982), o estilo de fala representa um sistema de comunicação controlador da interação social, indicando o modo de produção ou interpretação de uma mensagem por parte dos falantes. Além das indicações acerca da formalidade ou informalidade, intimidade ou distanciamento da relação entre interlocutores, o estilo ainda engloba usos da linguagem, como as formas de saudação de tratamento, entre outras, representando assim um sistema de comunicação controlador da interação social.

Complementando essas afirmações, Lemos (2000, p.68) ressalta que numa comunicação, o estilo pode fornecer mensagens indicativas da escolaridade, origem e classe social dos falantes; como também, provocar intimidade ou distanciamento entre os interlocutores. Segundo Chaica (1982), faz-se necessário compatibilizar o estilo e a identidade social dos falantes a fim de garantir a continuidade de uma interação. Labov (1972) distingue os seguintes tipos de estilo:

> Estilo casual - entendido como a fala cotidiana empregada em situações informais, sem atenção à linguagem. Discurso cuidado - Ocorre quando o falante responde às perguntas reconhecidas como parte da entrevista, e se essa tem como objeto declarado a linguagem do falante, o grau de formalidade é maior do que qualquer outro tipo de conversação. Pode ser qualificado como estilo consultivo. Estilos de leitura - Ocorre quando realizada a maior parte da entrevista e o informante a pedido do entrevistador ler dois textos em que a variável apareça com frequência. Se a variável for fonológica, um dos textos deve ser construído apresentando pares mínimos a fim de evidenciar os traços pertinentes do fonema.

Lemos (2000, p.69) afirma que o contexto ou situação que constitui o ambiente físico – social em que se encontra o informante, pode ser informal ou formal e que se necessita de atenção para o caráter de informalidade ou formalidade, pois poderá admitir graduação, mesmo num discurso espontâneo. Lemos (p. 70), parafraseando Labov, diz ainda que não há falantes de estilo único, e mesmo apresentando um campo de alternâncias estilísticas mais amplo do que outros, à medida que mudam o contexto social e o tema, demonstram modificação de algumas variáveis.

O autor faz uma panorâmica de autores que apresentam concepções sobre o estilo. Assim, no entendimento de Dittmar (1997), o estilo transmite informações sobre o falante; enquanto que o registro, levando-se em consideração o contexto, a situação, e a tarefa, fornece informações sobre o uso da linguagem. Por outro lado, Gamardi (1983) diz que para evitar as conotações e juízo de valor, prefere o termo registro aos correlatos, estilo ou nível de uso. Já na opinião de Amusategi (1990), registro e socioleto se equivalem.

Complementando essa ideia, Lemos (2000, p.68) afirma que os falantes de uma língua ou dialeto, ao utilizarem diferentemente os traços de estilo produzem modelos distintos de percepção e interpretação desses traços. Assim, numa comunidade de fala os seus membros possuem um repertório que pode variar de acordo com o lugar onde se encontram sobre o que falam e com quem falam..

Sintetizando, Trudgill (1979) afirma que os diversos tipos de registro podem ser concebidos como variedades dialetais, pois ocorrem na fala de um indivíduo, como resultado de traços do contexto social, mostrando ainda as características da bagagem social e regional do falante.

A Sociolinguística considera como objeto de estudo a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Esses fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido de que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemática e estatisticamente previsível.

Todo sistema linguístico encontra-se permanentemente sujeito à pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade. Esse princípio opera por meio da interação e da tensão de impulsos contrários, de tal modo que as línguas inibem inovações mantendo-se, contudo, coesas; de um lado, o impulso à variação e possivelmente à mudança; de outro, o impulso à convergência base para a noção de comunidade linguística caracterizada por padrões estruturais e estilísticos. Assim, as línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio à heterogeneidade.

1.3 As ciências do léxico

1.3.1 Lexicologia

A Linguística, cujo objeto de estudo é bastante complexo, subdivide-se e cada uma de suas ramificações encarrega-se da análise, da descrição e da explicitação de relacionamento com outras instituições sociais e humanas e, principalmente dos diferentes aspectos da língua. Como parte dessas ramificações, encontra-se a Lexicologia, ciência que estuda o léxico e que, segundo Barbosa (1992, p. 4), cabe-lhe numerosas tarefas, entre outras, citamos definir conjuntos e subconjuntos lexicais – o universo léxico, conjunto vocabulário léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo; conceituar e delimitar a unidade lexical de base - a lexia - bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como instrumento de construção e detecção de uma "visão de mundo", de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes, entre as quais destacamos: polissemia, homonímia, paronímia, hiponímia a sinonímia e a antonímia.

A polissemia segundo Welker (2004, p. 28), ocorre quando um lexema ou fraseologismo tem vários significados, várias acepções, por exemplo, cabeça 'parte do corpo humano', cabeça 'de alho', cabeça 'chefe de família', a homonímia é o fato de um lexema possuir dois ou mais significados sem que haja nenhuma relação entre eles, ou seja, nenhum sema em comum, por exemplo, manga de 'camisa' e manga 'fruta', na paronímia destacam-se os lexemas com significados bem diferentes, mas parecidos na forma, razão pela qual, às vezes são confundidos pelos falantes, por exemplo, 'conjuntura' 'conjectura', 'destorce', 'distorcer'. Segundo Vilela (1979, p.291-301), a hiponímia é a relação de significado existente entre um lexema mais específico ou subordinado e outro lexema mais geral ou superordenado, por exemplo, boi-animal, rosa-flor, em que boi é hipônimo de animal, rosa de flor;a antonímia segundo Oliveira (2001), são da mesma categoria sintática e se opõem dentro de uma classe semântica por um ou mais traços , por fim, a sinonímia que, de acordo com Ilari (2003, p.43-44), para que duas palavras sejam sinônimas, não bastam que tenham a mesma extensão, mas que tenham todos os seus empregos, a mesma contribuição, no mesmo sentido da sentença.

O léxico de uma língua é utilizado para nomear objetos, possibilitando, desta forma, registrar o conhecimento desta língua. Ao mesmo tempo em que o homem foi estudando o

mundo ao seu redor, reunia objetos em grupo, identificando semelhanças e distinguindo traços diversos e individualizando esses seres e objetos em identidades diferentes.

Os termos léxico e vocabulário em Vilela (1994, p. 14) têm as seguintes definições:

> [...] o léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística; o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório. (p.13)
> Há ainda uma outra perspectiva, a de "coleção de unidades", em que o vocabulário se opõe a dicionário e glossário: o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um sector determinado duma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época.

Segundo Biderman (1987, p.8), o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ainda de acordo com a citada autora (1987, p.83), pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística que tem uma história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um *thesaurus*, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. As palavras de uma língua são estudadas pela Lexicologia em todos os seus aspectos, incluindo-se a Etimologia, a formação de palavras, a Morfologia, a Fonologia e a Sintaxe numa relação muito estreita com a Semântica.

Segundo Rey (1977, p.163), o léxico de uma língua é entendido de três maneiras: conjunto dos morfemas; conjunto das palavras; e também como "Conjunto indeterminado mas finito de elementos, de unidades ou de 'unidades ou de entradas' em oposição aos elementos que realizam diretamente.", diferenciando-se neste caso de morfemas lexicais e gramaticais.

Para Vilela (1979, p. 9), o léxico é entendido como um conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras e locuções) próprias duma língua. Essas unidades se encontram listadas por ordem alfabética num dicionário e subordinadas, no caso das palavras flexionadas, segundo a unidade linguística que metalinguisticamente as representa, e que incluem informações fonéticas ou fonológicas e sintático-semânticas.

Vilela (1979:10) ainda faz as considerações:

> A lexicologia não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico, mas sim fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua. A sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à

> produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma.

O léxico entendido como competência lexical representa um sistema de possibilidades, no locutor ouvinte ideal, que abrange as palavras reais pautadas pela norma e ainda as palavras possíveis. Considerando-se a função representativa da linguagem, o léxico é o conjunto das unidades léxicas, ou, a totalidade das palavras lexicais (lexemas). Distingue-se no conjunto das unidades inventariáveis no dicionário, as palavras lexemáticas (lexemas), das palavras categoremáticas (categoremas) e morfemáticas, que representam apenas a forma de configuração da realidade, as morfemáticas (morfemas ou palavras instrumentais), as que não representam diretamente a realidade e apenas estabelecem relações de (morfemas). Desta forma, as palavras lexemáticas são as que configuram e representam a realidade extralinguística, as categoremáticas, as que configuram unidades da língua com outras unidades. Apenas os lexemas pertencem diretamente ao léxico. Sobre este estudo, Barros (2004, p.60), afirma:

> Sua unidade padrão é a unidade lexical, caracterizada pela não separabilidade dos elementos que a realizam do ponto de vista fonético e é identificada pela possibilidade de comunicação no sintagma ou frase [...]
> Em Lexicologia a análise do signo pode ser feita em diferentes perspectivas, de acordo com o recorrente no tempo e no espaço: ponto de vista sincrônico ou ainda pancrônico; sintópico e diatópico.

Até pouco tempo o estudo do léxico de uma língua vinha sendo quase exclusivamente desenvolvido através de estudos tradicionais que abordavam dentre outros temas, a formação e o estudo do léxico e o significado das palavras. Relativamente recente, tem suas raízes na gramática e na filologia tradicionais e remonta até mesmo à Antiguidade.

A origem da palavra já era especulada por gregos e romanos. Relevantes observações eram feitas no tocante ao seu emprego e sentido. Como exemplo, citamos Demócrito que observou o fato de uma mesma palavra poder ter mais de um sentido e, inversamente, poder haver mais de uma palavra como unidade significativa de fala e a observação de que algumas delas, mesmo isoladas, mantinham o seu significado, enquanto outras se constituíam palavras funcionais.

Através dos postulados de Ferdinand Saussurre, nos fins do século XIX e início do século XX, foram revalidadas as ideias sobre os estudos e os fenômenos linguísticos e estudiosos da linguagem assumiram e revalidaram novas posições em relação aos estudos

anteriores. Nas palavras de Jean Dubois (1993), Saussurre “considerava o vocabulário como um nível completamente sistemático e afirmava que ‘o sentido’ de uma palavra é puramente negativo, porque a palavra está integrada num sistema de relações e sua única realidade significante provém das delimitações que lhe impõem a existência desse sistema.

Entre os pesquisadores foram provocadas grandes discussões no que se refere ao reconhecimento científico da Lexicologia, pois um número significativo destes pesquisadores considerava essa ciência como o objeto de estudo assistemático. A distinção das unidades significativas do léxico era fundamental assim como, considerá-lo como o conjunto de vocábulos do falante de uma língua, e também numa perspectiva cognitivo-representativa, a materialização da experiência interiorizada no saber da comunidade linguística por meio das palavras. André Martinet (1975), referindo-se às unidades de significação, entende que os mesmos segmentos do discurso aos quais se podem atribuir um sentido são os monemas, distinguindo-os em lexemas, monemas que se situam no léxico, e morfemas, os que se situam na gramática; denomina ainda, de sintagma toda a combinação de monemas. Para o referido autor, cada língua tem o seu modo próprio de articulação, manifestando-se tanto na combinação dos monemas, na elaboração do enunciado como também na escolha de que as pessoas dispõem para elaboração do discurso. O citado autor refere-se à conceituação da palavra (1975, p.120), fazendo o seguinte comentário:

Para a compreensão dos fundamentos da estrutura linguística, é o sintagma que deve reter a atenção, de preferência ao tipo particular de sintagma autônomo caracterizado pela inseparabilidade dos elementos constituintes e reunido, na rubrica de “palavra”, aos monemas que não entram em tais sintagmas.

Bernard Pottier (1974) chama de morfema à unidade mínima de significação, distribuindo-o em lexemas, os morfemas de base conceitual pertencentes ao léxico, e gramemas os indicadores de função pertencentes à estrutura interna da língua isto é, os gramaticais. O referido linguista enfatizou em suas pesquisas, a importância das lexias, definindo-as como elementos lexicais ou lexemas. São em outros termos unidades funcionais significativas de comportamento linguístico que se opõem ao morfema e à palavra assumindo, quando distinguem os pares do discurso, uma função importante. Pottier a define como “unidade de comportamento” que resulta de hábitos associativos, e a classifica em simples, composta, complexa e textual.

A lexia simples é monolexemática, ou seja, constitui-se de um único lexema; coincidindo assim com a noção de palavra simples e de palavra derivada da gramática

tradicional. A lexia simples se combina com outras lexias simples para formar novas unidades lexemáticas: a lexia como os gramemas, definida por Pottier “como resultado de uma integração semântica”. As lexias compostas são separadas ou não por hífen e são aglutinadas ou justapostas e consideradas polixemáticas e, podem ser postas à prova por critérios de ordem semântica: pode-se considerar que há uma lexia única, numa expressão em que se combinam mais de um lexema, quando com tal forma complexa, se designa uma entidade concreta ou noção abstrata única. Barros (2004, p.100-101) cita as lexias compostas como termos compostos. Assim, na opinião da referida autora:

> Os termos compostos também são unidades lexicais formadas por dois ou mais radicais. distinguem-se , no entanto dos termos complexos pelo alto grau de lexicalização e pelo conjunto de morfemas lexicais e/ou gramaticais que os constitui, em situação de não autonomia representada graficamente pela utilização do hífen, como em mão-de-obra, pé de cabra, pá-de-cavalo.

O léxico de uma língua constitui um inventário aberto, ou seja, pode ser, e é enriquecido a cada momento por criações dos usuários da língua segundo as possibilidades que o sistema linguístico ofereça, para responder a novas necessidades culturais ou pessoais. Portanto, é impossível determinar o número de unidades de que se compõe qualquer léxico. Pode-se, no entanto, somar uma série de vocabulários em que ele se atualiza e chegar a uma aproximação do que seja o léxico de uma língua. É essa a meta dos grandes dicionários ou ‘tesouros linguísticos’, que se propõem ser repositórios tão fiéis quanto possíveis da riqueza lexical de um determinado sistema linguístico em um determinado tempo e lugar ou em diacronias sucessivas e áreas geográficas distintas.

1.3.2 Lexicografia

A preocupação de organizar o léxico de uma língua, por meio da técnica lexicográfica de elaboração de dicionários, remonta o III milênio a. C., sendo as primeiras recolhas de signos linguísticos, designados como uma ciência das listas sumério-acadianas, apresentando um embrião de classificação semântica com base em dados linguísticos formais. São catálogos com séries de nomes divinos, nomes de profissões, animais, derivados de uma mesma base lexical. Essas listas parciais continuam a ser elaboradas através dos séculos até a Idade Média. No Século XVI, eclodem os dicionários, que procuram abarcar toda a riqueza lexical de uma língua. Para a língua portuguesa, o mais antigo repertório lexical que se

conhece está em manuscrito alcobacense do sec. XIV, e consiste numa lista de verbos latinos com os correspondentes verbos portugueses. É do Séc. XVI (1570), o mais antigo dicionário português de Jerônimo Cardoso Lisboa (1569) em que às palavras portuguesas se seguem as correspondentes latinas.

Segundo Welker (2004, p.11), o termo Lexicografia tem dois sentidos: numa acepção, designa a "ciência", a "técnica" ou mesmo a "arte" de elaborar dicionários (Lexicografia prática) e Lexicografia teórica, termo empregado em línguas como o inglês, o francês, o alemão (Metalexicografia), que abrange o estudo ligado à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da Lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários. As várias introduções existentes na Lexicologia são, segundo o referido autor (2004, p.11-12), devidas aos seguintes fatos: elas foram redigidas em diversas línguas; a Lexicografia evoluiu; cada um dos autores tem o seu próprio ponto de vista, quer ressaltar fenômenos específicos ou apresentá-los de determinada maneira.

Barbosa (1990, p.153) define a Lexicografia como sendo "uma tecnologia que trata da palavra no que concerne à atividade de compilação, classificação e análise das unidades do léxico e sua organização em dicionários, vocabulários técnico-científicos e vocabulários especializados". A referida autora faz, ainda, uma distinção dos termos vocabulário/termo, palavra e lexema: enquanto o lexema é a unidade-padrão do nível do sistema e a palavra ocorrência no nível da fala, o vocabulário ou termo é a unidade padrão de uma norma linguística e sociocultural.

A autora, referindo-se à estruturação semântico-sintática, afirma que no sistema, o lexema apresenta maior número de semas lexicais e gramaticais em seu semema; o vocabulário de determinada norma sofre restrições semântico-sintáticas, correspondentes às constantes coerções de um universo de discurso; e a palavra ocorrência sofre restrições, mas ao mesmo tempo, acréscimos da combinatória dos semas contextuais, no percurso sintagmático. Desta forma, Barbosa (1994, p.292) argumenta :

> [...] nessas condições, o **lexema** enquanto unidade-padrão do dicionário de língua tem um significado abrangente, estruturado como um sobressemema polissêmico, que resulta da recuperação de normas semânticas diversas, das variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas. Compreende vários vocábulos, correspondentes a distintas acepções, que, no entanto, mantêm uma intersecção, isto é, um subconjunto semêmico definido como núcleo sêmico. Trata-se de unidade de sistema in absentia.
> O **vocabulário** e/ ou **termo**, como unidade padrão de um vocabulário técnico-científico ou especializado, tem um significado restrito e caracterizador de um universo de discurso, estruturado como semema que tende à monossemia e

> que contém semas a que podem relacionar-se a vários topoi, cronoi, strata, mas são específicos de uma phasis. Resulta da recuperação de ocorrências relacionadas a uma norma discursiva, para cuja configuração contribui. É um modelo de realização ou uma classe de equivalência de **n** palavras, concretamente realizadas, em textos-ocorrência integrantes do universo de discurso em causa. Trata-se de unidade de norma *in absentia*. A **palavra** enfim enquanto unidade padrão do glossário, tem significado específico, estruturado como epissemema - daquela ocorrência, naquela combinatória, relacionado a um cronos, a um topos, a um stratus a uma phasis.Trata-se de unidade de discurso manifestado, in presentia.

À lexicografia compete a produção dos dicionários especiais, ou seja, os que registram apenas um tipo de unidade lexical ou fraseológica conforme podemos citar os de sinônimos e antônimos, os de sinais, de ditados, de provérbios. Estes dicionários podem ser monolíngues, bilíngues ou multilíngues.

Segundo Biderman (2001), “o dicionário de uma língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados da cultura”. A atividade desta disciplina já é bem antiga e tradicional, como podemos comprovar na observação feita por Krieger e Finato (2004, p.47):

> No conjunto das disciplinas que, em razão de seus objetos e propósitos, são correlatas à Terminologia, situa-se a Lexicografia, consensualmente definida como arte ou técnica de compor dicionários. A Lexicografia ocupa um lugar histórico entre as disciplinas dedicadas ao léxico, pois milenar é sua atividade essencial.

A lexicografia nasceu como uma necessidade social informativa bem antes de que a linguística a constituísse como ciência . Nesse sentido, Isquerdo (2004, p.142) afirma: “Seria possível sustentar que a própria ideia de língua que depois daria origem à linguística se criou com a ajuda da Lexicografia”. É uma disciplina aplicada que se ocupa ainda da elaboração de vocabulários e glossários. Os glossários se referem a uma parte do saber linguístico. De acordo com Aragão (1987, p.34), há de se diferenciar glossários de dicionários, embora compartilhem da mesma técnica. Os glossários se referem a uma parte do saber linguístico, refere-se a um vocabulário especifico a determinada atividade, enquanto que os dicionários são mais gerais, prendendo-se ao léxico da língua, saber ativo e passivo dos usuários.

Dessa forma, em nossa pesquisa, o glossário é a produção lexicográfica mais adequada, considerando sua propriedade de reunir termos específicos a certa prática, ou atividade, como é o caso dos termos utilizados nos contos selecionados para elaboração do

nosso glossário. Frubel e Isquerdo (2004, p.153) falam ainda de dicionários, glossários e vocabulários de cunho regionalista. Os autores afirmam que esse tipo de produção contribui para o registro de particularidades lexicais.

A língua, apesar de ser geralmente considerada unidade, totalidade, em sua concretude é, todavia, um compósito de incomensuráveis variações que se prestam à análise nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico. Essas variações relacionam-se diretamente com a maneira pela qual os indivíduos de um dado grupo social estruturam o pensamento e articulam a linguagem conforme o sistema de vida e cultura em que vivem. As variações linguísticas geradas sob a influência de fatores de natureza geográfica, sociocultural, histórica, além de outros, apesar de proporcionarem expressiva mutabilidade à língua, não comprometem o funcionamento desta enquanto instrumento de comunicação e interação social.

1.4 Língua, sociedade e cultura

O termo cultura, antes confundido com ideia de civilização, emerge nos séculos XVIII e XIX, período em que floresceu a revolução industrial e a partir daí foi sendo entendido como arte, literatura. O termo não envolve apenas valores espirituais, mas também materiais, incluindo-se as qualidades que são peculiares ao homem e também as adquiridas no período de sua existência, do seu desenvolvimento, na aquisição da linguagem e nas suas relações com os outros.

Cultura pode ser considerada um conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização em que fazem parte, entre outras, as seguintes atividades e manifestações: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, dança, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social.

Segundo o Dicionário Houaiss (2003), cultura é definida como “conjunto de crenças costumes, atividades etc. de um grupo social; civilização, conhecimento; instrução”. Para Aurélio Buarque de Holanda (1999), “cultura é o conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos.”

Estudiosos de áreas diversas têm apresentado pontos de vista diferentes no que concerne às relações de língua, sociedade e cultura. Há quem afirme estarem intrinsecamente relacionados e os que defendem existir demarcação de suas fronteiras. Às diferentes línguas correspondem realidades diversas e diferentes recortes culturais.

O conceito de cultura para Antônio Augusto Arantes (1990, p.7), não está bem definido pelas ciências humanas, especialmente a Antropologia Social. Os seus significados são vários e os eventos que essa expressão recobre são heterogêneos e variáveis. Ainda segundo Arantes, um grande número de autores pensa a "cultura popular" como "folclore", como um conjunto de objetos, práticas consideradas "tradicionais". A exemplo dessa afirmação, Câmara Cascudo (1939), com referência ao modo de vida do sertão nordestino, no prefácio aos Vaqueiros e Cantadores, afirma: "a cultura se mantinha fiel ao século XVIII".

Chauí (1981) afirma que a cultura popular se caracteriza por "um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria (o jogo interno do conformismo, do inconformismo e da resistência)", distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência. A referida autora critica duramente a ideia de cultura popular como dominada, ou ainda aos que consideram esta como tendo um quadro simbólico reduzido e por esta razão se constituiriam uma cultura pobre.

Segundo Peter Burke (1988), "razões estéticas, razões intelectuais e razões políticas foram alguns dos fatores que provocaram o interesse pela cultura popular na Europa, desde o final do século XVIII e início do século XIX". No Iluminismo surge o conceito antropológico de cultura como competência da capacidade genérica e ideológica do ser humano, não se restringindo apenas à formação de uma simbologia, mas corporificando-se na sua competência linguística.

O pesquisador Renato Ortiz (2005, p.142), com referência à cultura como fenômeno linguístico, define "a cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre possível de interpretação nas em última instância são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação".

Em sua obra, LINGUAGEM REGIONAL/POPULAR: uma visão léxico-semântica de MENINO DE ENGENHO, de José Lins do Rego, Schellin (1990, p. 30-31) afirma que "A linguagem humana abrange especificamente a combinação de símbolos capazes de expressar relações entre coisas indivíduos e acontecimentos".

A referida autora acrescenta ainda que "a cultura segundo a definição antropológica é um fenômeno supra-individual. Ela é aprendida, partilhada e adquirida, tornando-se permanente através do tempo e independente de seus portadores".

Segundo Lyons, Sapir-Whorf (*apud* LYONS, DATA) argumenta que os seres humanos não vivem no mundo objetivo sozinhos, nem sozinhos no mundo da atividade social, nós estamos em todo o nosso pensamento e para sempre, à mercê da língua determinada que tornou-se o meio de expressão para a nossa sociedade, porque só podemos ver, ouvir, experimentar em termos de categorias e distinções codificadas na linguagem. As categorias e distinções codificadas em um sistema linguístico são exclusivas àqueles sistemas e incomparáveis aos outros sistemas. É completamente ilusório, imaginar um ajuste à realidade sem o uso da língua e que a língua é meramente um meio de resolver problemas específicos de comunicação e reflexão. O fato é que o "mundo real" é construído pelos fatos da língua. (SAPIR-WHORF, *apud* LYONS, 1987, p.276).

A língua, a sociedade e a cultura são tão interdependentes e relacionadas que não podemos pensar o uso da língua em suas diversas expressões e contextos, sem atrelá-la aos processos de interação social produzidos em diferentes espaços geográficos, tendo em vista que a língua revela modos de vida, crenças, perfis identitários e os valores culturais de uma sociedade ou grupo social – ou seja, a língua é marcada pelos aspectos socioculturais que revestem essas realizações. Por isso, "ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados" (ARAGÃO, 1983). Cabendo, portanto, à Sociolinguística, à Dialetologia e à Etnolinguística analisar as relações entre linguagem, sociedade e cultura em sua heterogeneidade dialetal, uma vez que a Sociolinguística abarca a análise da língua em seu contexto social, buscando sistematizar e descrever os processos de variação e mudança linguística; a Dialetologia estuda os dialetos de determinadas comunidades de fala, estabelecendo a interpretação de seus traços característicos e a Etnolinguística é responsável pela pesquisa sobre a relação existente entre língua e cultura.

Nesta pesquisa partimos do pressuposto de que há intrínsecas relações entre língua, sociedade e cultura. Ferdinand Saussure ao definir a língua como parte social, situa a dimensão linguageira no seio das relações sociais e como fundadora do próprio convívio social. Benveniste (1976, p.20) segue a mesma distinção saussuriana relativa à linguagem como faculdade universal que se realiza nas línguas "sempre particulares e variáveis", e

ressalta duas propriedades essenciais da linguagem. A primeira referente à função modalizante da linguagem, isto é, a propriedade da linguagem que a faz produzir e reproduzir a realidade por meio da capacidade simbólica e a segunda como comunicação intersubjetiva:

> A linguagem reproduz a realidade. Isto deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento.
> Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é o da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade: para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem a própria constituição da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 1976, p.26).

Também chamada de cultura de massa, a cultura popular é assim chamada pelas suas características especialmente da moderna civilização urbana. Criada e inventada pelo povo, convive lado a lado com a cultura erudita, mostrando uma visão de mundo que contradiz aspectos formais, partindo de expressão criadora, estabelecendo uma harmonia em cada hábito, crença, emoção, inferindo novos significados, em constante reelaboração, através da ação do homem, enquanto renovador vai entrelaçando ao longo da história, o moderno com o arcaico, numa expressão única de arte.

A cultura popular segue em ritmo da vida cotidiana, através da qual o artista busca nos objetos e fatos, formas ricas e variadas de externar a vida do povo, como podemos evidenciar através dos contos populares, selecionados como corpus para o nosso trabalho e cuja teoria será descrita a seguir. Percebemos nos contos apresentados, o entrelaçamento de humor, suspense, numa ação que não perde de vista a retratação da vida do homem nordestino.

A divulgação do Nordeste como repositório da cultura popular deve-se a vários artistas, dentre os quais podemos citar: José Lins do Rego, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna, este último, grande divulgador e colaborador da cultura popular, reafirmando com sua obra a expressão do fazer popular, e estabelecendo um elo entre o real e o imaginário. Os referidos intelectuais têm em comum a cultura popular, atreladas ao regionalismo, buscando no passado a memória e estabelecendo uma relação com o presente.

O tema cultura popular nos remete ao cenário do corpus que estamos trabalhando tendo como cerne a linguagem popular paraibana, retratada através dos contos e pelo(s) autores sobre os quais nos debruçamos.

1.5 Considerações sobre a Etnolinguística

A Etnolinguística é o estudo das relações existentes entre linguagem e cultura, entre língua e cultura, portanto entre duas ciências, a linguística e a etnologia. Também chamada de linguística antropológica ou antropologia linguística, desenvolveu-se principalmente entre os norte-americanos, a partir do século XIX. A Etnolinguística propõe-se a analisar os possíveis relacionamentos da linguagem em geral, e das línguas em particular, com o ambiente cultural em que são produzidas. Procura analisar as línguas faladas pelas diversas sociedades, a adaptação dessas línguas ao ambiente cultural do grupo, bem como a sua capacidade de exprimir as experiências vividas.

Produto da união entre a Antropologia e a Linguística envolve também princípios teóricos da Sociologia, da Psicologia ou Ciência Cognitiva, entre outras vertentes que têm interesse pelas relações linguísticas culturais e processos cognitivos, podendo desse modo com maior profundidade fazer a investigação de um ou outro aspecto. Assim, a linguística se desdobra em sócio, geo e psicolinguística, entre outras vertentes que, muitas vezes, complementam-na.

A Etnolinguística, talvez seja quem melhor caracterize esse caráter de complementação, tendo em vista a interdisciplinaridade com a antropologia e a linguística, visto que a análise de um fato social não permite uma delimitação do objeto de forma unilateral. Através de um estudo etnológico sobre elementos culturais, incluindo a linguagem, Boas (2004, p.41-52) afirma:

> Os fenômenos da linguagem mostram claramente que condições bastante diferentes daquelas para as quais a psicanálise dirige sua atenção determinam o comportamento mental do homem [...] As categorias de linguagem nos compelem a ver o mundo arranjado em certos grupos conceituais determinados, que, pela nossa falta de conhecimento dos processos linguísticos, são tomados como categorias objetivas e, portanto, se impõem à forma de nossos pensamentos.

O estudo dos usos linguísticos no seio da vida social está concentrado na Etnolinguística, explicando, desse modo, o significado que as formas linguísticas adquirem nos contextos em que são utilizadas, permitindo descobrir padrões interativos reveladores de visões do mundo e a forma de relação entre os indivíduos. Segundo Valls (2000, p.10), este

ramo da Linguística produz instrumentos de descrição e análise que proporcionam a observação do funcionamento das línguas na construção das identidades individuais.

O contexto é extremamente importante, nesse sentido, uma vez que a enunciação vincula-se a uma situação particular, para fins particulares. Assim sendo, a atividade verbal, na qual sua existência vai depender de fatores ligados a algo coletivo, seja visão de mundo, relações sociais, ou ideologia, tendo em vista que o falante é um ser social e histórico, é uma atividade situada. O interesse da Etnolinguística é pelo contexto de enunciação.

Os métodos de estudo da Etnolinguística variam de acordo com os interesses e orientações de linguistas e antropólogos. A Etnolinguística revela especialmente em seus estudos a função das línguas, que é promover a comunicação entre os seres humanos. As pesquisas etnolinguísticas revelam que é possível provar a influência da cultura no vocabulário e mesmo na gramática dos povos. Assim, o léxico de uma língua é condicionado pelos interesses, organização social e situação geográfica das sociedades que a fala. À medida que determinado grupo humano demonstra maior interesse em um elemento, seu léxico tende a apresentar vocábulos específicos, que distinguem as variedades ou as qualidades desse elemento. Por outro lado, o menor interesse de uma sociedade em determinado elemento revela-se na existência, de apenas um termo genérico para designá-lo. Podemos citar como exemplo um termo genérico em português para designar neve, enquanto os esquimós utilizam três palavras que designam tipos diferentes de neve. O ambiente geográfico condiciona os interesses da sociedade e, consequentemente, o seu vocabulário.

Na concepção de Duranti (2000, p.21-22), a disciplina se apresenta como “o estudo da linguagem como um recurso da cultura, e da fala como uma prática social” o falante seria um ator social e a linguagem “conjunto de estratégias simbólicas que formam parte do tecido social e da representação individual de mundos possíveis ou reais”. Para o referido autor (p. 143), a Etnolinguística tem como temas de interesse: a organização básica de relação entre sons e significados, tal como aparece no uso da linguagem real em diversas atividades sociais; a distribuição espacial do uso da linguagem; os significados culturais do que se entende como ritual ou linguagem cerimonial; distribuição social de estilos e gêneros de fala; o papel da socialização linguística na configuração da pessoa, da mente e das relações sociais; a interpretação de códigos distintos na constituição das mensagens e suas representações (análise semiótica).

Outras questões que poderiam parecer de interesse apenas de antropólogos ou cientistas políticos podem ser avaliadas pela Etnolinguística. Neste sentido, Souza afirma que:

> A distinção entre os antropólogos linguistas e os outros estudos da linguagem está “no foco da linguagem como um conjunto de recursos simbólicos” que entra na constituição do sistema social e a representação individual de mundos reais ou possíveis. Isto permite que se abordem algumas questões da pesquisa antropológica: política de representação, constituição de autoridade, legitimação do poder, conflito cultural da pessoa, política de emoção e a relação entre desempenho ritual e formas de controle social entre conhecimentos específicos e cognição, entre a performance artística e a política de consumo estético e entre o contato cultural e a mudança social (SOUZA, 2000).

A descrição dos fatos não é única preocupação do método etnológico. Sua principal preocupação é com a compreensão desses fatos em relação com o conjunto ao qual pertencem. Segundo Cuche (1996, p. 445), “Um costume particular só pode ser explicado se relacionado ao seu contexto cultural”. A Etnolinguística compartilha desse princípio ao adotar o método antropológico da observação participante, partindo da premissa de que não se pode estudar uma cultura analisando-a do exterior, menos ainda à distância. Assim sendo, a contribuição teórica e metodológica que a Antropologia Cultural pode fornecer à nossa pesquisa é de grande significância, uma vez que essa disciplina se apresenta como o estudo da linguagem como recurso cultural, e da fala como uma prática social.

CAPÍTULO II - A ARTE DE CONTAR: O CONTO NA LITERATURA POPULAR

2.1 O CONTO POPULAR: DEFINIÇÃO, ORIGEM E ESTRUTURA

O conto popular é um relato oral, transmitido de gerações a gerações. Também chamado História de Trancoso, veicula narrativas do imaginário tradicional de reinos, reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, mistérios, encantamentos, monstros e ainda facécias, contos etiológicos e de animais. A variação de temas tem despertado a atenção de pesquisadores e servido de motivos a estudos.

Com origem na narrativa de lendas e mitos, o conto ocupou um lugar entre as grandes obras universais com Boccacio, autor do *Decamerom*. Seus contos originaram a novela renascentista italiana. No campo religioso existia também o conto popular. Os monges bordavam de episódios a vida dos mártires e dos santos e espalhavam entre a gente tosca bem como a nobreza histórias edificantes de conversões, milagres e bênçãos.

Aragão (1992) refere que a origem do Conto Popular perde-se na esteira do tempo, havendo muitas teorias sobre sua origem, entre elas a de que ele tem uma raiz única, tendo surgido em um único ponto e daí difundindo-se progressivamente; outra teoria diz, ao contrário, que ele surgiu simultaneamente em várias regiões do planeta, sem qualquer ponto em comum.

No século XIV, o conto era até então unicamente transmitido pela via oral, beneficiava-se com a invenção da imprensa e afirmava seu caráter estético. *O Decamerom* (1350), coleção de contos eróticos de Boccaccio, foi traduzido em várias línguas.

O século XVI produziu o *Heptamerom* (1558) de Marguerite de Navarra. O início do século XVII foi marcado pelo surgimento das Novelas exemplares de Miguel de Cervantes. Charles Perrault publica *Histoires ou conts du temps passé*, com o subtítulo de *Contes de Ma Mère L'Oye.* (*Contos de Mamãe Gansa*) e Jean La Fontaine escreveu as fábulas. No século XX, o conto se desenvolveu estimulado pelos atrativos da cultura medieval, pela pesquisa sobre a cultura popular e sobre o folclore.

O interesse dos intelectuais pelo conto surgiu no século XVII, quando, Perrault publica os contos populares franceses (1697). O interesse pela literatura popular acentuou-se no século XIX, com os trabalhos dos irmãos Grimm na Alemanha e Hans Christian Anderson na Dinamarca. Desde a primeira metade do século passado, de acordo com os ideais estético–

românticos, já se propunha a valorização dos temas nacionais, inspirados nas tradições medievo-populares com retorno ao passado e às origens de cada país.

Almeida Garret publicou o Romanceiro (1843) reproduzindo os romances tradicionais colhidos da boca do povo. Posteriormente, Silvio Romero organizou em coletânea de contos populares em 1883, o trabalho pioneiro de Wlademir Propp. Em 1928, propôs um método de análise Morfológica de contos populares, obra que serviu de ponto de partida para estudos estruturais modernos da narrativa.

Apesar dos meios de comunicação em massa, o "contar história", ainda resiste porque a narrativa e a ação do homem estão intimamente relacionados. No contexto de cada povo e de cada comunidade, seus atores estão articulados e organizados de forma que cada um cumpre o seu papel. Os contos possuem uma ligação profunda com as origens socioculturais e pragmáticas, porque envolvem as comunidades por onde percorrem.

No Nordeste brasileiro, onde ainda permanece viva a literatura de cordel, guarda estreitas relações com esse imaginário. Têm sido recontados, recriados poeticamente, em "folhetos de cordel", "folhetos de feira", além de várias estórias maravilhas, vários contos já consagrados, cuja origem se perde no tempo como se pode exemplificar: O Gato de Botas, Branca de Neve e os Sete Anões dentre outros.

Aragão (1992, p.7), em seu livro *O conto popular na Paraíba* diz que a experiência pioneira em termos de coleta, estudo e divulgação do conto popular, foi realizada pela UFPB através do NUPPO (Núcleo de Pesquisa e documentação da cultura popular), que já promoveu quatro Jornadas de Contadores de Estórias da Paraíba, reunindo cerca de dois mil contos populares, colhidos de trezentos narradores em 27 municípios paraibanos. Desenvolveram-se projetos com base no material coletado, como podemos citar os da "Biblioteca da Vida Rural Brasileira", onde a referida autora, destaca-se como uma das responsáveis. Publicou-se 252 mil exemplares de textos de cultura popular para as escolas rurais paraibanas.

Pimentel (1981) desenvolveu estudos relevantes, tendo sido coordenador e idealizador da I Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba com publicações de sua autoria dos contos: *Contos da Carochinha, O diabo e outras entidades míticas no conto popular* (1970).

Portanto, na Paraíba, há também grande interesse pelos contos populares, como podemos citar o acervo existente no NUPPO - Núcleo de Pesquisa da Cultura Popular, constando de 1.542 contos, coletados em várias cidades paraibanas. Dentre estas, cita-se a coletânea de dez volumes, contendo 40 histórias, publicadas através do projeto "Biblioteca da

Vida Rural Brasileira". Os contos coletados em Catolé do Rocha, Patos e Santa Helena, além das 243 histórias contadas por Luiza Tereza, coletâneas por Miriam Gurgel e publicadas por Pimentel. Os contos coletados nas cidades de Mari e Pilar, já foram transcritos e quase a totalidade dos coletados em João Pessoa.

A estrutura do conto é muito simples e fixa como se observa a fórmula inicial (Era uma vez...) e final (foram felizes para sempre). Essa estrutura pode ser traduzida em: ordem existente - situação inicial; ordem perturbada - a situação de equilíbrio inicial é destruída, o que dá origem a uma série de peripécias que só se interrompem com o aparecimento de uma força retificadora; ordem restabelecida. A fórmula inicial (Era uma vez... ou outra equivalente) remete para o passado e, desse modo, funciona como um sinal de que se vai passar do mundo real para um mundo de fantasia, onde tudo é possível. A caracterização das personagens é sumária e estereotipada: os heróis concentram em si os traços positivos, enquanto os vilões evidenciam todos os aspectos negativos da personalidade humana. Assim, personifica-se o bem e o mal e manifesta-se a vitória do primeiro sobre o segundo.

Ainda com referência à estrutura do conto, Aragão (1992, p.4) diz que o conto além do código linguístico, em sua comunicação narrativa, serve-se de outros códigos e afirma:

> Com um estatuto semiótico de prática significante oral, o conto é resultante de um tipo de comunicação narrativa que pressupõe a co-presença das instâncias emissora e receptora e a utilização de um canal natural. Compreende-se, portanto, que a estrutura do conto popular sirva-se não apenas do código linguístico, mas, também, de outros códigos, isto é, o cinésico (que regula os movimentos corporais), o proxêmico (responsável pela estruturação significante do espaço humano), o paralinguístico (regulador da entoação, qualidade e ênfase da voz) que contribuem para uma melhor performance do contador de histórias. (1992, p. 4)

As características presentes no conto, o faz ser distinto das demais narrativas populares e dentre estas, cita-se: a capacidade de resistir ao tempo, o anonimato da autoria, a antiguidade, o processo de divulgação, a convivência do homem como o mágico maravilhoso, a ficcionalidade, sem compromisso com a realidade e o reflexo de situações sociais. Contar exige criação de um espaço no qual os sentidos, as normas os valores e as experiências permitem que as pessoas sejam reconhecidas, estabeleçam convívio, solidariedade e recriem uma identidade.

Ainda podemos acrescentar que para haver de fato a contação de histórias é preciso que o narrador e o público ouvinte estejam em ambiente adequado, no qual os ouvintes devem colocar-se na posição de participantes concentrados. O silêncio faz com que o conto popular

se caracterize como um referencial de divertimento popular, sem exigir movimentação tampouco interação dialogada, porque:

> O conto permeia o universo da diversão, cumprindo, enquanto entretenimento, função essencialmente lúdica; no entanto, é depositário de singularidades em relação a outras formas de diversão popular, dado o caráter formador e universalizante de que mais especialmente se reveste. Não atingindo a dimensão de espetáculo, seja de cunho religioso, mítico ou profano, nem a movimentação coletiva comum aos folguedos infantis, a prática do conto se orienta pela escuta de um público diante da figura central do contador, numa concentração participante, em que o ponto básico é o silêncio. (LIMA, 1985, p.55)

Segundo Cascudo (1986, p.15), o conto popular constitui um índice revelador de informação histórica e representa uma riqueza cultural que é repassada, muitas vezes, com alterações - perda ou ganho de elementos, porém conservando o sentido original. Segundo o referido autor, os contos são classificados em: Contos de encantamento, Contos de exemplo, Contos de animais, Facécias, Contos religiosos, Contos etiológicos, Contos acumulativos, Contos de adivinhação, Anedotas, dentre outros. Essa classificação é feita de acordo com o significado do enredo e a função que tem interação entre o narrador e o público ouvinte. (CASCUDO, 1986, p.22). Com base na classificação feita por Cascudo sobre os contos, elaboramos a seguinte tabela:

TIPOLOGIOA DOS CONTOS	FUNÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Contos de encantamento:	Divertir	Tratam de temas sobrenaturais e maravilhosos.
Contos de exemplo:	Divertir e Ensinar	Apresentam casos edificantes de cunho moralizador.
Contos de animais:	Divertir e Reforçar a fé e os dogmas da igreja	Tematizam sobre questões sociais, através da abordagem de conflitos, comportamentos, sentimentos, qualidade e defeitos humanos.
Facécias	Fazer graça ou ironizar	Provocam graça ou ironia.
Contos religiosos:	Divertir e Reforçar a fé e os dogmas da igreja	Trazem em seu enredo a presença ou interferência divina.
Contos etiológicos:	Divertir	Explicam o aspecto, a forma, o hábito e o comportamento de um animal.
Contos acumulativos:	Divertir	Apresentam os episódios encadeados, que são contados e recontados.
Contos de Adivinhação:	Divertir e Promover o	Apresentam enigmas.

	raciocínio	
Anedotas:	Divertir	Provocam jocosidade, ridicularidade e desfecho inesperado.
Causos:	Divertir	Tratam de temas fantásticos, nos quais se misturam elementos míticos e lendários.

Esses contos trazem narrações, funções e características distintivas que encantam e são difundidos por meio da expressividade oral. São transmitidos por cada narrador, guardados pela plasticidade da memória e da voz, em diferentes épocas e lugares, fazendo com que as narrativas sejam modificadas de geração para geração, acolhendo acréscimos, substituições e influências culturais.

2.2. O CONTO POPULAR: UMA MEMÓRIA SÓCIO-HISTÓRICA?

A reminiscência é a base da tradição que transmite os eventos mais importantes de geração a geração. Le Goff (1984) refere-se à atividade mnemônica como ordenação e releitura de vestígios. A releitura é, pois tomada como uma nova leitura que se apóia num retorno às experiências vividas pelo sujeito. A linguagem possibilita a materialização dos vestígios da memória e o ato mnemônico se faz pela narrativa.

Le Goff (1984, p.476) atesta a importância da memória coletiva para a reconstrução e preservação. Essa memória segura a sobrevivência do grupo, em favor de redefinições do presente, apoiado em acontecimentos do passado. “[...] memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades hoje, na febre e na angústia.” Prosseguindo, este estudioso afirma que sua percepção histórica do mundo começou a ser desenhada pela memória, pelas histórias contadas por seus pais:

> Foi através da memória de meus pais – e mais ainda pelo contato com uma memória dos tempos de sua infância e da sua juventude que sobrevivia nos seus caracteres, nas suas idéias, nos seus comportamentos cotidianos - que se edificou em mim o sentido da duração, da continuidade histórica e, ao mesmo tempo, das rupturas. (LE GOFF, 1984, p.172)

Ainda com relação à memória, Montenegro (2003, p. 19) argumenta:

> A memória coletiva de um grupo representa determinados fatos, acontecimentos, situações; no entanto, reelabora-os constantemente. Tanto o grupo como o indivíduo operam estas transformações. Embora parta do real, do fato, do acontecido, o processo da memória se desloca e passa a operar através de uma dimensão onde as motivações inconscientes e subjetivas constituem o vetor determinante da construção desse quadro. Com a história, a dimensão do fato, do acontecido, do acontecimento opera sempre em sintonia com o que é estabelecido no momento em que o fato ocorreu. A forma como o acontecido operou ou atuou no imaginário ou no próprio comportamento social não se constitui um elemento fundante [...]

O conto é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselho, estabelecendo normas e valores, atentando aos desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados.

Nesse sentido, Gotlib (1991, p. 7) argumenta:

> [...] enquanto a força de contar histórias perdura necessária e vigorosa através dos séculos, uma história se constrói paralelamente: aquela que tenta explicar a história dessas histórias, um modo de recontar caracterizado pela simples natureza dessa narração: a de contar histórias.

Por mais simples que seja qualquer ação humana, está sempre impregnada de traços de memória. Por meio das lembranças, vai-se (re)construindo, (re)vivendo a nossa história, alojada no que Santo Agostinho (1996, p. 267-268) chama de “o grande receptáculo da memória”, e ainda afirma:

> Tudo isto realizo no imenso palácio da memória. Aí estão presentes o céu, a terra e o mar com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que já esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem.

Para Le Goff (1996, p.423), a memória é concebida enquanto conservação de informações, e neste sentido ele afirma: “remete-nos em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas”. É neste processo de atualizações temáticas que o conto popular se constitui como um gênero literário pertencente ao domínio da cultura popular. A contação de história é arte. É um fazer dentro da vida.

Neste sentido, Patrinni (2005, p.172) destaca que “o conto oral pode ser representado ou narrado sob a forma artística, teatral, sem jamais perder sua forma concreta de vida.” O conto oral mantém uma relação em sua estrutura e em seu conteúdo com o tempo e com as fases históricas. Em sua atividade de contar, o contador de histórias reconstrói ritos de iniciação previstos na natureza, no homem e na sociedade. Dando continuidade a esta reflexão:

> O conto, matéria viva do contador, representa a vida com os elementos característicos da representação oral: gestos, vozes e melodia, canto e objetos com os quais o contador se envolve. O conto possui um caráter universal e dá às pessoas uma possibilidade de renovação e de renascimento. (PATRINI, 2005, p.172)

Em decorrência da organização social baseada nas técnicas de uma industrialização sofisticada, a arte do contador sofreu influências marcantes, tendo como temas principais a solidão e o individualismo. O que o contador tradicional conquistou ao longo de sua vida não faz parte de um ritual como era antes, em especial as trocas realizadas com seus ouvintes. Primeiro porque com a escrita que possibilitou o seu registro escrito, implicou alguma reelaboração necessária. Em segundo lugar, porque ao narrar oralmente, outros códigos acompanhavam o código linguístico, as variáveis ocorriam de contador para contador e eram irreproduzíveis na escrita. (a entonação, a ênfase, os movimentos corporais, a mímica). Hoje por toda a parte, a necessidade de divertimento e o desejo de encontros, são diversificados e dispersos.

Contar é uma atividade mnemônica. Em sua arte, o contador de histórias realiza de uma forma particular a tarefa de convocar imagens e ideias de sua lembrança, misturando-as às convenções contextuais e verbais de seu tempo, para adaptá-las segundo o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade. Esta convivência dispersa a solidão e anula as distâncias territoriais, ao mesmo tempo em que tece relações solidárias, favorece a troca do conhecimento. “Contar e recontar tudo” significa partilhar a lembrança das experiências do cotidiano e a sabedoria adquirida ao longo da vida.

Atualmente, o novo contador de histórias pode dizer, ler em voz alta, interpretar, narrar, e recontar, em múltiplos espaços antes ocupados principalmente pelos atores e pelos músicos. Na arte do conto, ritualizam-se os costumes e hábitos da origem de uma comunidade. Estas práticas mantêm o equilíbrio dos grupos sociais, evitando, assim a sua desagregação. As histórias não fazem referência a uma pessoa em particular; elas tocam toda

a família. Todos os incidentes são reveladores e têm graves consequências, sejam eles de nascimento, de batismo, ou casamento.

Os contos nutrem nossa experiência, nossa coragem e a exaltação e o maravilhoso comanda o desejo de escapar de uma vida medíocre. A literatura, que encerra em seu seio todas essas narrativas através dos tempos e das gerações, traduz um desejo perpétuo que já perseguia os primeiros homens. Ela permite estruturar em expressão artística as múltiplas formas de contar entrelaçadas numa vasta rede de troca.

É a arte de re-simbolizar narrativas, personagens, gestos, entonação e palavras aparentemente esquecidos na memória, que faz com que os ouvintes/leitores percebam que os contos populares falam da vida e da natureza da condição humana. Por isso, “é preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais” (CASCUDO, 2001, p.11), para que a transmissão consagre o conto popular como o mais expressivo, dentre os materiais folclóricos existentes.

Por registrarem a sabedoria tradicional e estarem intimamente relacionados com as origens sócio-culturais, os contos populares expressam modos de identificação do homem com o seu meio, veiculando seus saberes e valores culturais, além das peculiaridades existentes em diferentes comunidades – como o uso da linguagem e a significação atribuída às coisas do mundo.

CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 DELIMITAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

O Corpus da Pesquisa está constituído de 15 contos escritos, dos quais onze foram colhidos do livro "Estórias" de Luzia Tereza, coletadas por Altimar Pimentel em 1995 e quatro pertencentes à coletânea Trancoso, frutos do projeto "Biblioteca da Vida Rural" constando de dez folhetos, coletados em 1991. Os contos selecionados como amostra para a pesquisa foram: João Cinza, Manoel da Beira da Lagoa, O Corpo Sem Alma, A rainha que Botou Chifre no Rei, O Macaco e a Onça, O Reinado das Caveiras, As Melancias, A Pedra Sem Fim, José e Maria, A Árvore da Miséria e a Bota Misteriosa, Os Três Soldados que Fugiram da Guerra, O Papagaio Encantado, O Reinado dos Leões e a Moura Torta.

3.2 O UNIVERSO DA PESQUISA

Para realização desta pesquisa, buscaram-se subsídios no NUPPO (Núcleo de Pesquisa Popular). Consta no NUPPO a coleção publicada através do projeto "Biblioteca da Vida Rural Brasileira", do programa nacional Ações Sócio-Educativas e Culturais para o Meio Rural (PROPNASEC-RURAL), contendo" as seguintes Coleções: Cordel, Trancoso, Teatro e Escola (séries História e Geografia, Alimentação e Saúde, Agricultura e Produção).A coleção foi organizada por Altimar Pimentel e Myriam Gurgel da qual participaram diretamente Aragão, Trigueiro, Borges, dentre outros. No que concerne à Coleção Trancoso, o acervo reuniu desde 1977, 1600 narrativas de cerca de 300 narradores, em 27 municípios do Estado da Paraíba.Constitui-se de dez volumes, contendo contos e estórias de Cabedelo, Catolé do Rocha, Santa Helena. Consta ainda no NUPPO,a obra Estórias de Luzia Tereza, coletada e publicada por Altimar Pimentel, da qual por ser uma obra mais volumosa contendo assim mais informações para subsidiar o corpus da nossa pesquisa, extraímos onze narrativas, a saber: A Moura Torta, Manoel da Beira da Lagoa, O Corpo Sem Alma, A Rainha que Botou Chifre no Rei, O Reinado das Caveiras, Os Três Soldados que Fugiram da Guerra, O Papagaio Encantado, O Reinado dos Leões, Pedra Sem Fim, João Cinza e As Melancias. Da Coleção "Trancoso" que faz parte do projeto "Biblioteca da vida rural Brasileira", do Programa Nacional Ações Sócio-Educativas e Culturais para o Meio Rural (PROPNASEC-

RURAL), do Ministério da Educação e Cultura, por ser uma obra com estórias mais resumidas, extraímos apenas quatro como *corpus* para atender a finalidade a que nos propúnhamos: “O macaco e a onça”, de. José Francisco Mendes, A Bota Misteriosa de Maria Matias da Costa, A Árvore da Miséria de Fernando Ferreira, e José e Maria de Hermes do Nascimento.

3.3 METODOLOGIA DA ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO

O termo glossário designa o repertório em que os verbetes normalmente de uma área técnica ou científica, são apresentados em ordem alfabética. Barbosa (1995, p.24-25), fazendo referência a Muller (1968), distingue os termos dicionário, vocabulário e glossário da seguinte forma: dicionário: “o dicionário de língua tende a reunir o universo dos lexemas”, os quais são as “unidades padrão” lexicais do sistema; vocabulário: “o vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, n discursos manifestados – pelo menos; configura uma norma lexical discursiva” (p.21); “Os vocabulários técnico-científicos e especializados buscam situar-se ao nível de uma norma linguística e sociocultural [...]; o vocabulário fundamental, por sua vez, busca reunir os elementos constitutivos da intersecção dos conjuntos-vocabulários de uma comunidade, ou de um segmento social” (p.20).

Glossário: “pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado [...] numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusiva e bem determinada” (p.21); “o glossário *lato sensu* resulta do levantamento das palavras-ocorrências e das acepções que têm num texto manifestado” (p.20); “deve recuperar, armazenar e compilar palavras ocorrências [...] extraídas de um único discurso concretamente” (p.27), portanto, glossários se encontram geralmente no final de certos livros para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelo(s) autor(es): “as unidades que o lexicógrafo seleciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um *corpus*, exteriormente delimitado, que funciona como discurso individual, como exemplo de um ato de fala produzido num dado tempo e lugar” (Crispim 1990, p.61, *apud* Barbosa 1995, p.20). A unidade-padrão dos glossários é a palavra (Barbosa, p. 26).

Em nossa pesquisa, para a organização do glossário, buscamos fundamentos teóricos e metodológicos em: Barbosa (1995, p.18); Welker (2004, p.77-126); Aragão (1984, p. 14-21), Santos (2006, p.68-79) e Silva (2007, p.68-71).O glossário que organizamos apresenta a seguinte sequência: Termo entrada, classe gramatical, definição, contexto, fonte, indicação de dicionarização e suas acepções dicionarizadas. No caso das expressões que constam no glossário, foram consideradas, em alguns casos, as classes gramaticais e/ou locuções. Em algumas expressões, em virtude de sua constituição morfológica, não foi possível atribuir-lhes uma única definição gramatical. Nestes casos, optamos por definir cada classe gramatical que as compunham e em seguida atribuímos o significado desta expressão, de acordo com o contexto em que se encontram.

A organização interna do glossário: a macroestrutura e a microestrutura. A macroestrutura é a organização interna que está relacionada às características gerais do repertório. Para a organização dos termos na macroestrutura, no que concerne às relações de sentido entre os termos e suas entradas no glossário, o critério metodológico que adotamos é o de abrir tantos verbetes quantos forem os conceitos designados pelo termo. Assim os termos constituíram entradas independentes. No que concerne às relações de sentido entre os termos e suas entradas no glossário, optamos por abrir tantos verbetes quantos forem os conceitos designados pelo termo. Assim, os verbetes serão indicados por uma numeração em ordem crescente, cada um com sua entrada.

A microestrutura é o conjunto organizado e estruturado dos dados contidos no verbete. O verbete é a menor unidade autônoma de um dicionário. A entrada é cada um dos termos inscritos em ordem alfabética. O enunciado lexicográfico é o “conjunto de informações ordenadas que se seguem à entrada e que tem uma estrutura constante, correspondente a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada”. Barbosa, (1989, p.570).

Na organização do glossário em geral, os elementos que compõem os verbetes são:

a) Termo-entrada

É o termo propriamente dito que vem em negrito, começando por letra minúscula, a menos que a convenção obrigue em alguns casos a sua escrita com letra maiúscula, e estará separado do enunciado lexicográfico. Pode ser constituído de uma ou mais palavras, siglas acrônimos, abreviações. Uma redução sintagmática é uma forma abreviada como o termo também é conhecido, subdividida, geralmente, em sigla (redução de um sintagma sob forma de suas letras iniciais) e acrônimo (redução de sintagma sob a forma de sílabas, geralmente as iniciais,

pronunciadas como uma palavra autônoma). Em nosso Glossário, optamos por usar o termo entrada em letra maiúscula.

A entrada está apresentada sob forma lematizada: forma nominal (substantivo e adjetivo) no masculino, com exceção nos casos em que o feminino comporte traços semânticos distintos importantes, e no singular, exceto no caso de plurais lexicalizados ou quando há variações semânticas; já a forma verbal se apresenta no infinitivo.

Os termos sintagmáticos (unidades fraseológicas especializadas) nominais, adjetivais e verbais são registrados por inteiro e conservadas na ordem em que foram encontrados nos contos.

b*)* referências gramaticais

Indicativo que assinala a categoria lexical (substantivo, adjetivo e verbo) e a categoria gramatical (gênero e número) de um termo. No Glossário que elaboramos, as referências gramaticais foram marcadas pelas abreviaturas em letra itálica e tem as seguintes denominações:

Adj. – adjetivo;

f.- feminino;

m.- masculino;

m./f.- masculino e/ou feminino;

S. – substantivos;

S./Adj. f.- substantivo ou adjetivo feminino;

S. /Adj. m. – substantivo ou adjetivo masculino;

V. Verbo;

T.o - termo onomatopaico;

Conj.- conjunção;

Interj. – interjeição;

Loc.Interj. – Locução Interjetiva;

Pron. – pronome;

Loc. Verbal – locução verbal;

Loc. Adv. – locução adverbial;

Var. variante;

Vars. variantes.

c) Definição ou conceito

Para a elaboração do Glossário, achamos importante considerar alguns critérios na elaboração das definições:

1. adequação ao público: optamos por definições curtas e objetivas para facilitar o entendimento do usuário;

2. pertinência das informações para o domínio em estudo: procuramos selecionar informações pertinentes à natureza do universo pesquisado, caracterizando o termo de acordo com a sua representatividade no contexto de atualização.

3. redação da definição na forma afirmativa (sempre quando possível);

4. uniformidade sintático-semântico;

Os termos do glossário são definidos por meio do contexto social no qual se realizam. As definições apresentam um termo genérico e os traços que particularizam o termo definido. Além disso, baseiam-se em contextos, preferencialmente, definitórios. Mas quando os conceitos não forem dicionarizados, recorremos ao contexto do corpus de referência para uma melhor elaboração da definição final do termo.

Na elaboração das definições, sempre que possível, teremos as mesmas características estruturais. Os termos são definidos por itens pertencentes à mesma classe do termo definido. Por exemplo, para a definição de um substantivo, um outro substantivo. No nosso Glossário em alguns termos e/ou expressões, para uma melhor compreensão dos significados no contexto, foram mostrados alguns exemplos colhidos dos dicionários, com a respectiva autoria por estes citada.

5. contexto

É a ocorrência linguística do termo em um enunciado, o qual se encontra atualizado, de forma não-lematizada, no âmbito de seu funcionamento conceitual e morfossintático. Em nosso Glossário, indicamos entre parênteses logo após o contexto, as siglas dos contos dos quais extraímos os verbetes para análise.

6. indicação de dicionarização dos termos e suas acepções dicionarizadas

Em nossa pesquisa, como os termos colhidos do *corpus* vieram de narrativas populares, tivemos como obras de referência, além dos dicionários de Língua Portuguesa Aurélio Eletrônico e Dicionário Michaelis Eletrônico, os dicionários de termos populares de Tomé Cabral, Horácio de Almeida e José Batista da Luz. Esta opção se deu para que pudéssemos obter uma maior representatividade no que tange à necessidade de nossa pesquisa.

Assim, indicamos quando o termo e/ou expressão está dicionarizada ou não. Quando estão dicionarizados, informamos se estão com a mesma acepção, com acepção diferente, ou se ainda um termo é apresentado com mais significações além das que aparecem no contexto. Decidimos, em alguns verbetes, citar quantas vezes fossem necessárias o(s) autor(es), com as respectivas significações por eles apresentadas para o referido termo. Assim para marcar a informação de dicionarização, criamos a seguinte legenda:

TND: para termo não dicionarizado.

END: para expressão não dicionarizada.

Se o termo e/ou expressões forem dicionarizados, utilizaremos a seguinte nomenclatura para indicar a acepção encontrada em relação ao sentido em que estes se encontram no contexto:

TDAE: para termo dicionarizado com acepção equivalente ao do contexto.

TDAD: para termo dicionarizado com acepção diferente ao do contexto.

EDAE: para as expressões dicionarizadas com acepção equivalente

EDAD: para as expressões dicionarizadas com acepção diferente.

7. Var. para variante ou Vars. para variantes.

Cada uma das formas existentes para um termo, ou seja, é uma forma de alternância como o termo pode ser apresentado. Com base em Faulstich (1995, p. 5), levamos em conta as seguintes variantes linguísticas formais que são as mais comuns: variante morfossintática, variante lexical, variante gráfica.

O conceito de variação pode ser polissêmico. Segundo Cabré (1996, s/n), a variação pode ser considerada em pelo menos três perspectivas: a variante entre língua, que inclui a análise da tipologia linguística; a variação em uma norma linguística (observada pela sociolinguística); a variação grupal ou individual, dentro de uma mesma comunidade de língua ligados às características de falantes a situações de comunicação. No glossário que organizamos quando um termo e/ou expressão apresentaram mais de uma variante, optamos por mencioná-las.

A fim de expor com maior clareza a indicação de dicionarização e não dicionarização dos termos e /ou expressões colhidos como *corpus* para as análises da nossa pesquisa, elaboramos a seguinte tabela:

	TOTAL DE TERMOS E/OU EXPRESSÕES = 204											
	DICIONARIZAÇÃO DOS TERMOS E/OU EXPRESSÕES:											
	TND		TDAE		TDAD		END		EDAAE		EDAD	
A B H	63	30,88%	62	30,39%	30	14,71%	49	24,02%	2	0,98%	2	0,98%
M	60	29,41%	61	29,90%	28	13,73%	51	25,00%	2	0,98%	2	0,98%
TC	55	26,96%	72	35,29%	20	9,80%	37	18,14%	14	6,86%	2	0,98%
HA	110	53,92%	22	10,78%	09	4,41%	52	25,49%	4	1,96%	1	0,49%
JBL	81	39,71%	51	25,00%	21	10,29%	49	24,02%	3	1,47%	2	0,98%

CAPÍTULO IV: GLOSSÁRIO DA LINGUAGEM DE CONTOS POPULARES PARAIBANOS

A

À BOQUINHA DA NOITE – *Loc. Adv.* Forma popular de anoitecer, fim de tarde.

*"**À boquinha da noite** chegaram numa casa, bateram: [...]"* (MT)
EDAE: (AB, TC)
END: (M, HA, JBL)
Em (AB, M, HA e JBL), o termo "boquinha", dentre outras acepções, está registrado com o significado de 'beijo". Em (TC), "peixe de rio, parecido com a savelha de boca muito pequena e pouca espinha".
Em (AB), dentre outras acepções, o termo está registrado também com os seguintes significados:
1) Bras. PE refeição rápida;
2) Bras. AM. som de beijo;
3) Bras. AM. V. chupa."
Em (AB), a expressão "fazer boquinha" está registrada, com o significado de "franzir os lábios em sinal de contrariedade" e "fazer uma boquinha", com o significado de "Fazer uma refeição leve, comer um pouco" (Bras).
Var. Boca da noite.

À TODA – *Loc. Adv*. Velozmente.

*"O cavaleiro e Minervino foram-se embora **à toda**"*. (RLE)

EDAE: Em (TC), o termo está registrado com o significado de "a toda velocidade, velozmente".

END: (AB, M, HA, JBL)

Var. Na toda.

ABOLETAR – *V*. Hospedar.

*"A senhora não vá se **aboletar** em cidade, que é muito ruim para a senhora"*. (RBCR)

TDAE: (AB, M, TC, JBL)

TND: (HA)

ACABAR COM A VIDA – Exp. (*V.+Conj.+Art.+S.)* Ato de exterminar, tirar a vida. Indica também a forma de ameaçar alguém.

*"Se ele disser eu **acabo com a vida** dele!"* (CSA)

END: (AB, M, TC, HA, JBL)

ADIANTADO – *Adj*. Intrometido, metido.

*"Compadre Macaco, o senhor está **adiantado** demais. Todo mundo que vai encontrando no meio do caminho é falando sem conhecer, sem nada"*. (MO)

TDAE: (AB, M, JBL)

Em (AB), o termo está também registrado dentre outras acepções, com os seguintes significados:

1) Desenvolvido em cultura, civilizado;

2) Desenvolvido em estudos, avançado.

TND: (HA)

ADORNAR – *V.* Dormir, adormecer.

"Ele foi adornando, ***adornand****o, a jia passou a noite mais ele".* (MBL)
TDAD: Em (AB, M e JBL), o termo está registrado com o sentido de "adornar, guarnecer, ornamentar".
TND: (TC, HA)

AGARRAR NO SONO – Exp. (*V.+Prep.+S.).* Iniciar, pegar no sono.

"Depois, ***agarrou no sono,*** *passou a noite todinha dormindo mais a jia".* (MBL)
EDAE: (TC, HA)
END: (AB, M, JBL)

AJUNTAR – *V.* Por junto, aproximar.

"*No dia,* ***ajuntou*** *foi gente- todo mundo em redor do cercado*". (RLE)
TDAE: (AB, M, TC, JBL)
TDAD: Em (AB e M), dentre outras acepções, o termo está registrado também, com os significados de:
1) Colecionar;
2) Economizar;
3) Acasalar;
4) Casar;
5) Ter cópula.
Em (AB, M e HA), o termo está registrado com o significado de "amasiar-se, amancebar". Em (AB e TC), "economizar, juntar dinheiro".
TND: (HA)

ALINHAR– *V.* Ato de arrumar.

"Ela foi, enfeitou tudo quanto foi de bananeira, escapelou tudo, ajeitou, ***alinhou****. O sítio de bananeiras parecia uma coisa!"*. (CSA)
TDAE: (AB, M, TC, JBL)
TND: (HA)

ALISAR – *V*. Passar a mão por.

"*Pegou* ***alisar*** *o passarinho, achando o bichinho bonitinho...*" (M)
TDAE: (AB, M, JBL)
TDAD: Em (TC), o termo está registrado na forma negativa com as seguintes acepções:
1) Ser de poucas falas, não tergiversar;
2) Não tolerar, não poupar, não ser condescendente.
TND: (HA)

AMIUÇADOS – *Adj. m*. Forma popular de miuçalha, crianças pequenas.

"Um homem tinha muitos filhos. Muito ***amiuçados*** *– aqueles meninos miudinhos*". (MT)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

ANDAR PRA FRENTE – Exp. (*V.+Loc.Adv.)* O mesmo que seguir.

*"Andaram, andaram, andaram****, andaram pra frente***". (MT)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

APOIS – *Conj*. Prótese do a na forma popular depois (a+pois) .

"*– **Apois** bem. A senhora me venda essa viola que eu quero levar pra casa"*. (JC)
TDAE: (AB, M, TC, HA)
TND: (JBL)

ARRA LÁ – *Loc. Interj.* Expressão popular que exprime aborrecimento.

"*Haja andar, andar, andar... Ia passando por um cemitério, disse: "**Arra lá**! Agora vou tocar*". (JC)
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC, HA)
Var."Arre lá".

ARRECOLHER – *V.* Prótese do a na forma popular recolher.

"*Parou, aí os peixes se **arrecolheram** tudinho*". (JC)
TDAE: (M, TC)
TND: (AB, HA, JBL)

ARRESISTIR – *V.* Prótese do a na forma popular de resistir.

*"Olha, João, tu vais sofrer muito. Se tu não **arresistires**, tu dobras meu encanto*". (PSF)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)
Var. Arrisistir.

ARRETIRAR – V. Prótese do a na forma popular de retirar.

"A senhora se arretire daqui, ganhe as montanhas". (RBCR)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA,JBL)

ARRIBAR – *V*. Levantar.

"Pegou aquela fita, ***arribou*** *a jia assim por debaixo, amarrou como se fosse na cintura dela, ouviu!"* .(MBL)

TDAE: (AB, M, HA)

TDAD: Em (TC e JBL), o termo está registrado com o sentido de "ir embora, fugir".

Em (JBL), o termo está registrado também, com as seguintes acepções:

1) Dirigir-se ou chegar (o navio no porto obrigado pelo temporal);

2) Partir; largar;

3) Melhorar ou restabelecer-se (o doente).

AS SUAS VEZES – Exp. (*Art.+Pron.+S.)* Usada no sentido de substituição a alguém.

"– Ah! Minha filha, eu cheguei lá achei essa morena atrepada no pau, fazendo ***as suas vezes***". (M)

END: (AB, M, TC, HA, JBL)

ASSENTAR - *V.* Ato de tomar assento, sentar-se.

"Ela ficou assim maginando, triste, ***assentada*** *juntinho dele numa cadeira"*. (CSA)

TDAE: (AB, M, JBL)

TDAD: Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:

1) Ajustar, combinar;

2) Ajustar-se, ficar de acordo;

3) Firmar, tomar bom rumo;

4) Escrever, assinar.

TND: (HA)

ASSUBIR. – *V*. Prótese do a, na forma popular de subir.

"Soldado, ***assuba*** *num pé de pau para ver se você vê uma casa senão nós morreremos de fome dentro dessa mata*". (TSFG)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)

ATACAR-SE NO MEIO DO MUNDO – Exp. (*V+Pron.+Loc.Adv.).* Ir para lugar incerto.

"O rapaz amontou-se na burrinha e ***atacou-se*** *no meio do mundo – foi-se embora"*. (RBCR)
EDAE: (TC)
END: (AB, M, HA, JBL)

ATREPAR – *V*. Subir. Prótese do a na forma popular de trepar.

– "*Ah! minha filha, eu cheguei lá achei essa morena* ***atrepada*** *no pau fazendo as suas vezes*". (M)
TDAE: (M, TC)
TND: (AB, HA, JBL)

AVASSALO – *S.m*. Prótese do a, na forma popular de vassalo.

"*Vinha* ***avassalo*** *ali, vinham todos do reinado – todos feitos caveiras*". (RC)
TDAE: (AB, M)
TND: (TC, HA, JBL)

AVOAR – *V*. Jogar, atirar. Prótese do a na forma popular "voar".

"*A princesa dançou umas três partes, o sapato furou-se:*
– Meu sapato furou-se.
Avoou *para lá". (BM)*

TDAE: (TC, AB)
TND: (M, HA, JBL).

B

BATER EM CIMA – *Exp. (V.+Loc.Adv.).* Atacar.

"Os leões ***bateram em cima*** *de Zacarias e ele com a espada- pá! pá! pá!"*. (RLE)
EDAE: (TC)
END: (AB, M, HA, JBL)

BATER NA CUIA – *Exp. (V.+Loc. Adv.).* Comentar.

"*Ela namorava oculto, mas o povo já estava* ***batendo na cuia****"*. (RBCR)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

BATER PARA PEGAR – *Exp. (V.+Loc.Adv.).* Tentar.

"Ela ***bateu para pegar*** *o Veado, mas não pode"*. (MO)

EDAD: Em (AB, M, TC e JBL), o termo está registrado com o significado de "roubar, furtar". Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado também, com os seguintes significados:
1)Bater, dar pancadas;

2)Agitar;

3)Derrotar.

Em (TC), o termo está registrado também com as seguintes acepções:

1) Expedir, mandar chegar;

2) Ir ter. Ir até;

3) Insistir;

4) Aceitar;

5) Ganhar a vez;

6) Derrubar, fazer cair.

TND: (HA)

BEM DIZER – *Loc.Adv*. Praticamente.

"*Agora viver, **bem dize**r, sustentando vocês três*!" (MT)

TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

BESTA – *Adj.m*. Tolo, ingênuo.

*"Pegou a namorar a filha do barão. A dama conheceu que namoro a gente conhece, que ninguém é **besta**"*. (RBCR)

TDAE: (TC, HA, JBL)

TDAD: Em (AB e M), o termo está registrado com os significados de "arma antiga, formada de arco, cabo e corda, com que disparavam pelouros ou setas". Em (TC), o termo está registrado também com as seguintes acepções:

1) Atrevido, importuno;

2) Comum, corriqueiro;

3) Sem importância, fútil;

4) Em quantidade;

5) Sem expressão, sem fundamento, sem justificativa.

Em (HA), o termo está registrado também, com o sentido de "indivíduo pretensioso, ensimesmado".

BICHÃO – *S.m.* Animal grande.

*"Mais tarde, chegou aquele macaco orangotango, aquele **bichão**"*. (RBCR)
TDAE: (AB, M, TC, HA, JBL)
TDAD: Em (HA), o termo está registrado com os significados de "camarada, amigo".

BICHINHA – *S.f.* Forma diminutiva e/ou afetiva de chamar alguém.

*"– Ah! É você, **bichinha**, quem está aí! Desça para eu pentear seus cabelos*". (MT)
TDAE: (TC)
TDAD: Em (AB) o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Bolo de farinha, açúcar e ovos;
2) Mulher nova, mocinha(Bras.);
Em (M), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) O mesmo que valverde (a - Planta quinopodiácea, ornamental, com pequenas flores rubras b - Certa peça de fogo de artifício cujas faíscas imitam mais ou menos uma figura piramidal ou cone invertido).
2) Namorada ou amante(pop.).
Em (TC), o termo bichinha ainda está registrado com o significado de "cachaça".
TND: (HA, JBL)

BICHO ANTIGO – *Exp .(S.m.+Adj.)* Animal experiente.

*"– Não se importe. A gente deve se prevenir antes do tempo. eu, como sou um **bicho antigo**, dormindo no chão, encostadinho na parede,vem um bicho lá de fora e me pega"*. (MO)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

BICHO DANADO – *Exp. (S.m.+Adj.).* Qualidade daquele que é esperto, astuto.

"Abraçou o pai, beijou. (Falsidade é ***bicho danado****!*)". (CSA).
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

BOA PEÇA – *Exp. (Adj.+S.f.).* Pessoa indesejável, tratante.

"Eu conheci que aquele cara não era ***boa peça****, bom elemento*". (MO)
EDAE: (TC)
END: (AB, M, HA, JBL)
BOCADO – *S.m.* Grande quantidade.

"Tinha uma mulher que tinha um ***bocado*** *de menino"*. (JC)
TDAE: (TC)
TDAD: Em (AB), o termo está registrado com o significado de "parte do freio que fica dentro da boca da cavalgadura; bocal". Em (TC), "esmola de comida".
Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado também, com os significados de:
1) Passadio;
2) Porção;
3) Sustento;
4) Intervalo de tempo.
TND: (HA)

BOFETE - *S. m.* - Tapa, pancada.

"Davam ***bofete****, muxicão"*. (RLE)
TDAE: (AB, M)
TDAD: Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Tabefe com o punho fechado, murro;
2) Bolinho feito de goma de mandioca (polvilho) e azeite de coco, filhós.
Em (JBL), o termo está registrado como "bofetada", com as seguintes acepções:
1) Pancada com a mão, no rosto;

2) Insulto, injúria, (fig).
TND: (HA)

BOLEEIRO – *S.m*- Cocheiro.

"Mais tarde, ela se arrumou, saiu com ***o boleeiro****"*.
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC, HA)

BOM PEDAÇO – *Exp.(Adj.+S.m.).* Certo período de tempo, longa distância.

"Com um ***bom pedaço****, ela pegou a dizer"*. (CSA)
EDAE: (TC)
END: (AB, M, HA, JBL)

BOTAR POR VOZ DE FAMA – *Exp. (V+Prep.+S.f.+Loc.Adj.).* Anunciar.

"Quando aquelas três patinhas apareceram no rio, cada uma com um ovinho no bico, o rei ***botou por voz de fama*** *que aquele que desencantasse as princesas casava com uma delas"*. (TSFG)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

BOTAR PRA MORRER – *Exp.(V.+Prep.+V.).* Ficar em estado de saúde grave.

"Aí foi que Corpo Sem Alma ***botou pra morrer****"*. (CSA)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

BRABO – *Adj.m*. Forma popular de bravo.

*"Ele deu num riozão, um rio **brabo**"*. (MT)

TDAE: (AB, M, JBL)

TDAD: Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:

1) Bravo, arisco, não domado (o animal);

2) Grosseiro, estouvado, zangado;

3) Valente, perverso;

4) Novo no serviço, sem a necessária habilidade;

5) Novato na terra, ignorante dos costumes;

6) Forte, violento (o tempo, as condições de vida, os costumes etc.).

O termo está ainda registrado como substantivo com os seguintes significados:

1) Pedaço grosso de madeira que serve de suporte à viga, nas construções;

2) Espécie de abelha negra, muito agressiva, da família dos melidonídeos.

TND: (HA)

Var. Valentão.

BRECHINHA – *S.f.* Oportunidade.

*"O Veado foi, achou uma **brechinha**, fez carreira pela porta da cozinha, se mandou no meio do mundo"*. (MO)

TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

BUCHADA – *Adj.f.* Grávida.

*"– Ô Francisco, eu estou **buchada***". (MT)

TDAD: Em (M, TC, HA e JBL), o termo está registrado com o sentido de "estômago e vísceras de animais". Em (TC), "comida preparada com vísceras (o mesmo que panelada)". Em (AB), o termo está registrado com as seguintes acepções:

1) Grande bucha;

2) Grande prejuízo.

Var. Buchuda.

C

CAÇULA – (ou caçulo) *S.m*. O filho mais moço de um casal.

"A derradeira que se casou foi a ***caçula****, que ficou no palácio do rei e as outras foram morar cada uma em sua casa*". (TSFG)
TDAE: (M)
TDAD: Em (AB), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Movimento alternado que fazem duas pessoas ao pilão, quando socam milho, café, etc.;
2) A faina da caçula.
TND: (TC, HA, JBL)
Var. Sula

CACUNDA – *S.f.* Costas, dorso.

"Que nessa mata tinha um pau que tinha uma ***cacunda*** *- o povo botou esse apelido naquele lugar"*. (RLE)
TDAE: (AB, M, TC, HA, JBL)
TDAD: Em (AB), o termo está registrado, também, no sentido figurado, com as seguintes acepções:
1) Protetor;
2) Acoitador.
Var. Corcunda.
CADÊ – *Interj*. Bras. Fam. Forma popular de que é de, quede.

*“Chegaram lá, **cadê** caveira, cadê nada!”*. (RC)
TDAE: (AB, M, TC, HA)
TND: (JBL)

CALHAR –– *V*. Acontecer.

*“E todo ano o rei tem que dar uma filha das dele ou dos moradores dos súditos. Senão o monstro termina devorando a cidade. E hoje **calhou** o dia da filha do rei”*. (JM)
TDAE: (AB, M)
TDAD: Em (AB e JBL), o termo está registrado, dentre outras acepções, com os seguintes significados:
1) Entrar, penetrar;
2) Ser oportuno;
3) Adaptar-se, cair bem.
TND: (TC, HA)

CANTO – *S.m*. Vocábulo que indica lugar.

*“No outro dia, ele foi para a beira mar, chegou assim num **canto** e disse*”. (CSA)
TDAE: (AB, TC, JBL, HA)
TDAD: Em (M), dentre outras acepções, o termo está registrado com o significado de “ação de cantar, música escrita para ser cantada”. (AB e JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado também com os significados de “extremidade da abertura (da boca, dos olhos)”.
Em (TC), o termo está registrado também com as seguintes acepções:
1) Esquina de rua;
2) A terra, o torrão natal, a pátria.
Em (JBL), o termo está registrado também com os seguintes significados:
1) Junta ou aresta de uma tábua;
2) Grande divisão de longos poemas;
3) Esquadra de pedra.

4) Em (HA), o termo está registrado com a acepção de “lugar, posse”.Do meu canto ninguém me tira.

CAPIONGO – *Adj*. Diz-se daquele que se encontra em estado de tristeza, macambúzio.

“*Lá na frente estava um urubu* ***capiongo****, morto de fome*”. (CSA)
TDAE: (AB, M, TC, HA, JBL)

CAPOTE – *S.m.* Capa comprida e larga, com capuz e cabeção.

“Francisco enrolou ela com o ***capote*** *dele*”. (MT)
TDAE: (AB, M, JBL)
TDAD: Em (HA), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Galinha de angola;
2) Cobertura da cumeeira dos telhados.
Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Ganhar ou (perder) no jogo com diferença igual à metade dos pontos ou maior ainda;
2) Vencer com larga vantagem os competidores em tarefas da lavoura (limpas de roça, plantios, etc.);
3) Raspar a metade da casca da mandioca e passar esta a outra mulher para que ultime o serviço”.

CARINHA FRACO – *Exp. (S.f.+Adj.).* Doente, desnutrido.

“Um rapaz amarelo, um ***carinha fraco*** *deu-se com aquele boletim, aquelas notícias disse:”* (BM)
END: (AB, M,TC,HA, JBL)

CARQUEJO -–*Adj*. Caduco.

"Era velho ***carquejo*** *todo jeito e não havia morte"*. (AM)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

CASCAR O PAU – *Exp.(V.+Art.+S.m.). Ato* de fazer algo, com muita vontade.

"Ele estava para morrer de fome, ***cascou o pau*** *a comer goiaba"*. (PSF)
END: (AB, M, TC, HA, JBL).

CASCAR-SE – *V*. Continuar.

"João danou o pé a andar, ***cascou-s****e a andar no meio do mundo"*. (PSF)
TDAD: Em (AB, M e HA), dentre outras acepções, o termo está registrado com o sentido de "bater". Em (TC), o termo está registrado com o significado de "aplicar, desferir".
TND: (JBL)

CATUCAR – *V*. Dar cutilada leve, tocar alguém com o cotovelo, dedo, pé, etc.

*"Deu onze horas Miséria chegou****. Catucava*** *os meninos de vara, dava pancadas, eles querendo descer e não havia jeito"*. *(*AM)
TDAE: (AB, M, TC, HA, JBL)
Em (AB), o termo ainda está registrado com as seguintes acepções:
1) Coçar ou bulir insistentemente em (ferida, machucado);
2) Machucar levemente; incomodar.
Em (TC), dentre outras acepções, o termo está registrado também com os seguintes significados:
1) Roçar;
2) Coçar;
3) Esgravatar;
4) Escovar;

5) Socar;
6) Espicaçar.
Var. Cutucar.

CHEGA – *Adv*. Até, mesmo .(Bras. pop) .

"Chegaram na casa da noiva, desapearam todas aquelas caveiras, entraram. A moça saiu lá de dentro trajada de noiva – aquela noiva bonita ***chega*** *causava espanto!"* (RC)
TDAE: (AB)
TDAD: Em (M), o termo está registrado com o significado de "censura, crítica". Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Aproximar-se, ir a certo lugar;
2) Fazer medo, ameaçar;
3) Aperrear com cobrança, insistindo e ameaçando.
TND: (HA, JBL)

CHEGAR A HORA – *Exp.(V.+Art.+S.f.).* Chegar a hora da morte.

"Miséria, hoje é o dia que tu vais morrer. ***Chegou a tua hora"***. (AM)
END: (AB, M,TC, HA, JBL)

CHICHICHI – *T.o*. Onomatopéia que indica a ação de chamar um gato.

"– Chichichi, *meu gatinho. Quando fizer o bolo eu lhe dou um pedacinho*". (JM)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

COALHADO – *Adj.m*. Cheio, completo, inteiramente coberto.

"Quando ele partiu a melancia, saltou a princesa e ficou ***coalhado****, coalhadinho de ovelhas*!" (M)
TDAE: (AB, TC)
TDAD: Em (M e AB), o termo está registrado com o sentido de "que passou por coagulação".
TND: (HA, JBL)

COCO D'ÁGUA – Exp.(*S. m.+Loc. Adj.).* Expressão usada na linguagem popular com a acepção de copo d'água.

"Tomou um ***coco d'água*** *que estava com sede*". (HN)
END: (AB, M,TC, HA, JBL)
Var. Copo d'água.

COISINHAS – *S f.* Alguns objetos, coisas de uso.

"*Minervino pegou uma rede, coberta, umas* ***coisinhas*** *e tacou-se no meio do mundo sem saber mais de nada"*. (RLE)
TDAE: (TC)
TDAD: Em (TC), o termo "coisinha" está registrado também como substantivo masculino com as seguintes acepções:
1) Fulano, seu Fulano. (Termo designativo de alguém, cujo nome não vem de pronto à memória);
2) Indivíduo sem expressão.
TND: (AB, M, HA, JBL)

COM A MOSCA NA ORELHA – *Loc.Adv.* Expressão popular que significa desconfiança, em atitude de alerta, de suspeita, desconfiado.

"Francisco ficou ***com a mosca na orelha****: [...]"* (MT)
TDAE: (TC)

TND: (AB, M, HA, JBL)

COM POUCO – *Loc.Adv.* Daqui a pouco, dentro em pouco.

"***Com pouco*** *lá vem a filha, lá vem, lá vem...*" (M)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)
Var. Cumpouco.

COMERZINHO – *S.m.* Forma diminutiva, afetiva de comida simples, comidinha.

"–Você tem dormida aqui para três pessoas?
–Tenho.
–E um ***comerzinho****?* (MT)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)
Em JBL, o termo está registrado com os seguintes significados:
1) Bom para se comer;
2) Fácil de entender;
3) Simples, caseiro.
Vars. Comezinho, cumezim.

CONFESSADA – *Adj*. (particípio do verbo confessar). Qualidade dada a quem se confessa a um padre.

"*Fizeram toda a arrumação: a moça foi* ***confessada****, tudo*". (RC)
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC, HA)

CONFORTAR – *V.* Tornar confortável, forte.

"Trouxeram também um fortificante, ***confortaram b****em o rapaz*". (PSF)
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC, HA)

CONTÍNUA – *Adj*. Discussão, insistência.

"Ficaram naquela ***contínua*** *e o amarelo pegou a carapuça e escondeu no bolso da capa e foi-se embora"*. (BM)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

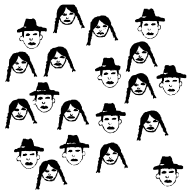
COPADO – *Adj*. Com a copa grande, frondoso.

"Olhou pro mato assim tinha um pau bem ***copado*** *muito alto, ele subiu, dormiu*". (JM)
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC,HA)
Var. Copudo.

CUSTAR MUITO – *Exp.(V.+Adv.).* Demorar.

"Ah, rei, vai ***custar muito.*** *Não é agora não*". (RLE)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

D



DANAÇÃO – *S.f.* Grande quantidade, muitos.

*"E o homem criando aquela **danação** de menino"*. (MT)

TDAD: Em (AB, M, TC, HA e JBL), o termo está registrado dentre outras acepções, com os seguintes significados:

1) Ato ou efeito de danar;

2) Fúria;

3) Confusão.

Em (TC), o termo está registrado, também como adjetivo, com as seguintes acepções:

1) Zangado, aborrecido;

2) Hábil, inteligente, ativo destemido, corajoso, etc.;

3) Com pressa, ansioso;

4) Irrequieto, traquinas (o menino);

5) Em demasia, excessivamente, extraordinariamente;

6) Qualificativo sem sentido especial, usado apenas para complementação da frase.

Em (AB), o termo está registrado com o significado de "confusão, balbúria, trapalhada" (Bras. Reg. Ne.), "diabrura, traquinagem"(Bras. Reg. Sul). Em (M), o termo está registrado com o significado de "condenação às penas eternas".

DANAR – *V.* Agir com entusiasmo, com intensidade.

*"E lá, os carneiros se **danaram,** quebraram a pedra"*. (CSA)

TDAE: (TC)

TND: (HA)

TDAD: Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado com os seguintes significados:

1) Causar dano a;

2) Irritar;

3) Encolerizar.

DANAR-SE – *V*. Ir-se embora, sumir-se.

"*O gavião* ***danou-se*** *no meio do mundo*". (CSA)
TDAE: (TC, HA)
TDAD: Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado com os significados de "encolerizar, irritar". Em (TC), o termo está registrado também com as seguintes acepções:
1) Começar;
2) Ficar inquieto, inconformado;
3) Percorrer.

DAR – *V*. Ato de chegar à algum lugar.

*"**Deram** numa casa e ficaram os três ali"*. (TSFG)
TDAE: (M, TC, JBL)
TDAD: Em (AB), dentre outras acepções, o termo está registrado com o significado de "ceder, presentear, doar".
TND: (HA)

DAR AS CARAS – *Exp. (V.+Art.+S.f.).* Aparecer.

"*Ela pegou o pedaço do milho que ainda estava sobrando.* ***Deu as caras****. A velha disse:*
– Ah, minha netinha, você por aqui!" (JM)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

DAR COM ARTE – *Exp. (V.+Loc. Adv.).* Bater muito, bater com força.

"Esse bicho gigantado danou a peia em João. Mas ***deu com arte****!"* (PSF)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

DAR EM CIMA – *Exp. (V.+Loc. Adv.)*. Insistir.

"*Todas as vezes que a rainha queria, o boleeiro ia levar ela, ao castelo para se encontrar com o filho do barão E a dama* ***dando em cima****"*. (RBCR).
EDAE: (TC)
EDAD: Em (TC) o termo está registrado também com as seguintes acepções:
1) Atacar, perseguir.
2) Procurar, cobrar.
3) Tentar, conquistar.
4) Atingir, encontrar.
END: (AB, M, HA, JBL)

DAR FÉ – *Exp. (V.+S.f.)*. Perceber.

"*Quando* ***deu fé****, chegou a rolinha, correndo por cima das roseiras: [...]"* (MT)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

DAR NO MAR – *Exp. (V.+Loc. Adv.)*. Chegar ao mar, encontrar-se frente ao mar.

"Mais na frente ***deu no mar****: estava aquele peixe morrendo no seco*". (CSA)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

DECENTE – *Adj*. Aquele ou aquela que tem decoro, honestidade.

"*Ele ficou criando aquela menina muito linda, muito* ***decente****, muito direita.*" (CSA)
TDAE: (AB, M, TC, JBL)
TND: (HA)
Em (TC), o termo está registrado também como substantivo, com a acepção de "Modo afetuoso de dirigir-se a alguém".

DENTRO DUMA VENTANIA – *Loc. Adv*. Com um vento muito forte.

"Agora quando for meio dia eu passo aqui numa carruagem ***dentro de uma ventania*** *para te levar com a gente para o nosso reinado que fica do outro lado do mar"*. (PSF)
TND: (AB, M, TC, HA , JBL)

DERRADEIRA – *Adj. f.* Termo popular que significa a última, a mais velha.

"*Com oito dias houve o casamento do segundo príncipe com a irmã do meio e com mais oito dias do príncipe caçula com a* ***derradeira*** *irmã"*. (RLE)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

DESPARECER – *V.* Espairecer, distrair-se.

"Foi lá para fora tocar, ***desparecer".*** (MBL)
TDAD: Em (AB e M), o termo está registrado como equivalente de desaparecer.
TDAE: (TC, HA)
TND: (JBL)

DESVANECER – *V.* Desistir.

"As filhas das fadas se ***desvaneceram*** *dos príncipes, mas juraram vingança*". (RLE)
TDAE: (TC)
TDAD: Em (AB e M), dentre outras acepções o termo está registrado com os significados de:
1) Fazer passar, ou desaparecer;
2) Dissipar;
3) Desaparecer apagar;
4) Causar vaidade.
TND: (HA, JBL)

Var. Desvaecer.

DIREITA$_1$ – *Adj.f.* Qualidade daquele que tem honestidade. $_2$ – Arrumada.

$_1$*"Ele ficou criando aquela menina muito linda, muito decente, muito* ***direita".*** (CSA)
TDAE: (TC)
TDAD: Em (AB, M e JBL), o termo está registrado com o sentido de: "a mão direita, lado direito".
TND: (HA)
$_2$ *"O soldado raso entrou no quarto, estava aquela cama forrada, decente,* ***direita****"*. (TSFG)
TDAD: Em (AB, M e JBL), o termo está registrado com o sentido de "a mão direita, lado direito". Em (TC), "honesta, decente, fiel" (a mulher).
TND: (HA)

DISSO, AQUILO, AQUILO OUTRO – *Exp. (Pron.+ Pron.+ Pron.+ Pron.).* Por esta ou aquela razão; por certa razão.

"O major era reclamando. Por causa ***disso, aquilo, aquilo outro****"*. (TSFG)
EDAE: (TC)
END: (AB, M, HA, JBL)

DITO – *Pron*. Mesmo.
"Com uns tempos, o rei foi dar um passeio bem cedinho nesse ***dito*** *lugar onde era a casa de Francisco – estava a filha dele e uma pessoa aguando o jardim!"* (MT)
TDAE: (AB, M)
TDAD: Em (TC e JBL), o termo está registrado com os seguintes significados:
1) Ditado;
2) Provérbio;
3) Cantiga;
4) Anedota.

TND: (HA)

DOIDA – *Adj.f.* Interessada, desejosa.

*"Ela **doida** que ele morresse"*. (CSA)
TDAE: Em (AB, M e JBL), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Mulher atacada de doidice;
2) Moléstia que dá nos miolos do gado lanígero.
TDAD: Em (TC), o termo "doida," está registrado com valor de substantivo, correspondente a expressão "na doida", com os significados de "adoidamente, sem prever, sem calcular".
TND: (HA)

DOIDAS – *Adj.f.* Arrependidas.

*"As duas moças mais velhas ficaram **doidas**: – Ah! Se eu soubesse, tinha me casado com a caveira!"*. (RC)
TDAD: Em (AB e M), o termo está registrado como substantivo feminino, com as seguintes acepções:
1) Mulher atacada de doidice;
2) Moléstia que dá nos miolos do gado lanígero.
TND: (TC, HA, JBL)

DOIDINHA – *Adj*. Muito preocupada.

*"–Valha-me! Volte aqui! A mãe **doidinha**"*. **(**RLE)
TDAD: Em (M), o termo "doidinho", está registrado com o significado de "perdido de amores". Em (TC), o termo está registrado nas formas "doidinho" e "doido", onde "doido", é variante de "doidinho". O termo "doido" está registrado com as seguintes acepções:
1. Interessado, apaixonado, que gosta muito;
2. Sem direção, sem rumo certo, adoidado, à toa;

3. Intenso, forte, de certa importância, de forma expressiva.
Em (TC), o termo “doido” é empregado em frases exclamativas com o significado de “modo de chamar a atenção de alguém, repreendendo”. “Presta atenção, doido, que o homem está explicando!”(RGP135).
TND: (AB, HA JBL)

DORMIR TREPADO – *Exp. (V.+Adv.)* Dormir em cima de algo.

“Doido o que? Eu ***vou dormir trepado*** *que eu não sei o que é que há aqui no chão. Vou dormir trepado”*. (MO)
EDAD: Em (TC), o termo “trepado” está registrado com o significado de “uma das formas de sorteio, no jogo do bicho, empregada até a terceira década deste século”.
END: (AB, M, HA, JBL)

E

EITA – *Interj*. Indicação de espanto, admiração.

*“**Eita**, para que você veio a esta hora!”* (BM)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)

EM VANTE – *Loc.Adv.* Expressão popular usada com o significado de “em diante”.

"[...] pelejou e pelejou, sem ele dormir de jeito nenhum, de meia-noite ***em vante****, disse:"* (BM)

TDAE: (TC)

TND: (AB, M, HA, JBL)

EMBOLAR – *V.* Sujar.

"*Aquela jia* ***embolou*** *a fazenda naquela lama, ficou da cor de carvão"*. (MBL)

TDAD: Em (AB, M, TC e JBL), o termo está registrado com os seguintes significados:

1) Pôr bolas nos cornos (o touro);

2) Engalfinhar-se rolando pelo chão.

Em (HA), o termo é registrado com o mesmo sentido de "emboloar". Em (M), "afluir em confusão".

Var. Encaroçar.

EMBOLOAR – *V.* Girar, rolar.

"Numa curvazinha assim do caminho, João saiu assim ***emboloando, emboloando****, mais morto do que vivo, caiu embaixo"*. (PSF)

TDAD: Em (TC), o termo está registrado com a acepção de "formarem-se no líquido espesso, pequenas bolas ou caroço". Em (HA), o termo está registrado com o significado de "virar bolão. (O pirão)".

TND: (AB, M, JBL)

ENCOSTADA – *Adj. f.* Vizinho, próximo.

"*Com um ano, a outra moça lá* ***encostada*** *à mais velha, disse assim:*"(RLE)

TDAE: (TC)

TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

ENTERRAR O JOELHO NO CHÃO – *Exp.(V+Art.+S.f.+Loc.Adv.).* Apoiar o joelho no chão.

"Disse que o Macaco ***enterrou o joelh****o no chão, tocou fogo na Onça: pêêêi! A Onça fez carreira no meio do mundo com medo"*. (MO)

END: (AB, M, TC, HA, JBL)

ENTERRAR OS PÉS – *Exp. (V.+Art.+S.m.).* Levantar-se impetuosamente.

"*– Acuda, compadre, que o Veado está acabando com os seus bodes! O dono da casa* ***enterrou os pés***". (MO)

EDAE: (TC)

END: (AB, M, JBL, HA)

Var. Meter os pés.

ESCAPELAR – *V.* Tirar a palha ou a pele, descascar.

"*Ela foi, enfeitou tudo quanto foi de bananeira,* ***escapelou*** *tudo, ajeitou, alinhou. O sítio de bananeiras parecia uma coisa*!" (CSA)

TDAE: (M, TC)

TND: (AB, HA, JBL)

ESPECULAR – *V.* Perguntar.

"A irmã mais velha pegou a ***especular:***

– Me diga uma coisa: Como se chama seu pai?"(RLE)

TDAE: (TC, JBL)

TDAD: Em (AB, M e JBL), o termo está registrado com o significado de "relativo a espelho, transparente, diáfano".

Em (AB), Med. Diz-se do exame realizado com o espéculo.

Em (HA), “discutir o preço, pechinchar”.

Em (JBL), o termo está registrado também, dentre outras, com as seguintes acepções:

1) Observar, examinar com atenção;

2) Meditar;

3) Negociar.

Em (TC), o termo está registrado também com as seguintes acepções:

1) Investigar preços, vantagens, etc;

2) Regatear, a fim de obter maior vantagem ou lucro.

ESPIAR – *V.* Procurar descobrir.

*“Papai, vamos **espiar** sua vida como está bonita - Ah, minha filha! Minha filha, minha vida está lá no pé daquela pedra*”. (CSA)

TDAE: (AB, M, TC, HA, JBL)

TND: (HA)

ESTABELECER – *V.* Dar existência

“*Quando ela botou esse pé aqui, que botou o outro no chão estabeleceu! **Estabeleceu** aquele reinado!”* (RC)

TDAE: (AB, M, JBL)

TDAD: Em (AB e JBL), o termo está registrado com os seguintes significados, dentre outros:

1) Fixar, estabilizar;.

2) Criar, instalar;

3) Mandar, ordenar.

Em (M), dentre outras acepções, o termo está registrado também com os seguintes significados:

1) Assentar, determinar, prescrever;

2) Constituir, organizar;

TND: (TC, HA)

ESTINHORADAS – *Adj.* Estragadas, em ruína.

“Tinha uma pereira que todos os meninos subiam e derrubavam suas frutas e a Miséria quando chegava onze horas para o almoço, encontrava as peras ***estinhoradas****, ficava muito irada”*. (AM)

TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

O termo “estinhorada” é usado com frequência na linguagem popular paraibana quando se refere, por exemplo, a casas estragadas. É comum ouvir-se a expressão “A casa está estinhorada”.É comum também ouvir-se na linguagem popular o temo destinhorada.

Var. Deteriorada.

ESTRAÇALHAR ELA NO MEIO DO MUNDO – *Exp. (V.+Pron.+Loc.V..).*. Expressão popular com sentido de espedaçar, fazer em pedaços com violência.

“Dois criados amarraram a Moura Torta em dois burros brabos – os burros ***estraçalharam ela no meio do mundo***!” (MT)

EDAE: (AB, M, HA, JBL)

END: (TC)

ESTRUMAR – *V.* Corrutela de estumar – açular (o cão), incitar.

“O dono da casa viu o Veado molhado de sangue ***estrumou*** *os cachorros em cima do pobre”*. (MO)

TDAE: (TC)

TDAD: Em (AB, M e JBL), o termo está registrado com os significados de:

1) Deitar estrume em;

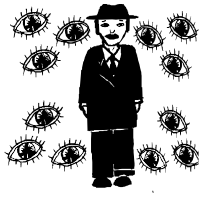
2) Adubar;

3) Estercar;

4) Fazer estrumeira.

TND: (HA)

F



FAMOSO – *Adj.m*. Qualidade daquele que é importante.

"Agora vou acender uma luz lá onde está sua vida que é para meu pai durar mais um ano de vida, que meu pai está ***famoso****"*. (CSA)
TDAE: (AB, M, JBL)
TDAD: Em (TC) o termo está registrado com o sentido de "bonito, vistoso".
TND: (HA)

FAZENDA – *S.f*. Tecido, pano.

"Bem, o pai foi para a loja comprar ***fazenda*** *para as noivas fazerem os enxovais delas e as roupas dos futuros maridos"*. (MBL)
TDAE: (AB, M, JBL)
TDAD: Em (TC), o termo "fazenda" ou (casco da fazenda) está registrado com o significado de "propriedade rural, despojada de animais, utensílios e máquinas agrícolas".
TND: (HA)

FAZER PAU – *Exp. (V.+S.m.).* Atirar.

"Fez pontaria, ***fez pau****!"* (TSFG)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

FEITA – *Conj*. Semelhante, parecida com.

*"Eu **feita** uma rainha e vocês sem nada"*. (RC)
TDAD: Em (AB e M), o termo está registrado, dentre outras acepções, com o significado de "ocasião, vez".
TND: (TC, HA, JBL)

FEITOS – *Adj.m.* Transformados; semelhantes a.

*"Vinha avassalo ali, vinham todos do reinado – todos **feitos** caveiras"*. (RC)
TDAE: (TC, JBL)
TDAD: Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado com os significados de:
1) Processos judiciais;
2) Fato;
3) Empresa.
TND: (HA)

FEITOS NOIVOS – *Exp. (Conj. Comparativa por derivação imprópria+S.m.).* Trajados de noivos.

*"Os dois irmãos **feitos noivos**, e ele dizer que era noivo de quem?"* (MBL)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

FELICIDADE – *S.f.* Sorte.

*"A **felicidade** de João foi que a águia tomou vôo assim de banda"*. (PSF)
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC, HA)

FI, FI, FI, FIU... FI, FI, FI, FIU. - *T. o.* Onomatopéia indicativa de assoviar.

"O macaco subiu assoviando, assoviando. Lá vai, lá vai assoviando: ***fi, fi, fi, fiu... fi, fi, fi, fiu****"*. (MO)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

FICAR MOÇA – *Exp. (V.+Adj. Por derivação imprópria).* Pessoa do sexo feminino, que teve a primeira menstruação.O termo "ficar moça", é também usado na linguagem popular com o significado de "desenvolvida, grande, crescida".

"Quando essa menina ***ficou moça****, ele dizia que dava a filha em casamento a rico ou pobre, desde que dissesse onde estava a vida dele."* (CSA)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

FILHA DE CRIAÇÃO – *Exp. (S.f.+Loc.Adj.).* Pessoa que é criada como se fosse filho; adotado.

"(Que era ***filha de criação****, mas ele nunca falou isso a ninguém – criava como se fosse filha dele mesmo)"*. (CSA)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

FOI-NÃO-FOI – *Loc.Adv*. De vez em quando.

*"****Foi-não-foi****, tirava uma goiaba, comia"*. (PSF)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

FORMATURA – *S.f.* Aquilo que tem a forma ou formato semelhante a algo ou a alguém.

*“Ele era um bicho em **formatura** de um homem*”. (CSA)
TDAE: (AB, M, TC, JBL)
TND: (HA)

FULANA – *S.f.* Designação de alguém que não se quer nomear.

*“Mas**, fulana**, tu não tens medo da caveira não*?” (RC)
TDAE: (JBL)
TDAD: Em (M), o termo está registrado com o significado de “mulher”.
TND: (AB, TC, HA,)
,

FUU – *T.o.* Onomatopéia indicativa de sopro.

*“Agora, eu vou matar esta rolinha, abrir, tirar a velinha de dentro. Faço assim: **fuu!** satisfeita, contente”*. (CSA)
TDAD: Em (AB e M), o termo está registrado como designativo de nojo ou desprezo.
TND: (TC, HA, JBL)

G

GANHAR O MEIO DO MUNDO – *Exp. (V.+Loc.Adv.).* Ir embora, viajar sem destino.

*“O soldado raso, o alferes e o major se juntaram e **ganharam o meio do mundo**”*. (TSFG)
EDAE: (TC, HA)

END: (AB, M, JBL)

GIRO – *S.m*. Direção, rumo.

*“Nesse **giro** aqui tem casa”*. (MBL)
TDAD: Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções o termo está registrado com o significado de “rodeio, volta, rotação”.
TDAE: (TC)
TND: (HA)

H

HAJA DANAR – *Loc.Verbal*. Bater com veemência.

*“Entraram numa mata esquisita, aqueles cipós intrincados, o soldado **haja danar** o facão abrindo o caminho”*. (TSFG)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

HAMÔNICA – *S*. Forma popular de Harmônica. Instrumento musical.

*“Cada casamento era uma festa que o rei fazia – músicos de toda qualidade: um tocava **hamônica**, outro zabumba, outro realejo, outro gaita, era uma festa muito grande: tanto dos ricos como dos pobres.”* (RLE)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

HORROR – *S.m*. Grande quantidade.

“Ficou assim, aquele ***horror*** *de almas, almas de todos tamanhos – era grande, era pequena, de toda qualidade – para ouvir ele tocando*”. (JC)
TDAE: (M, TC, HA)
TDAD: Em (AB, M e JBL), o termo está dentre outros, registrado com os seguintes significados:
1) Medo, pavor;
2) Coisa repelente;
3) Crime bárbaro.
Var. Quantidade.

I

INCOLOCAR – *V*. Prótese de in na forma popular colocar.

“Caçaram por ali, foram ver aquele coração ***incolocaram*** *em João, ele tornou”*. (PSF)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)
Var. Encalocar.

INQUIRIDA – *Adj.f*. Presa, amarrada.

“Ih! Meus filhos, olhem. Estão vendo eu aqui toda ***inquirida****, toda amarrada?”* (M)
TDAE: (TC)

TND: (AB, M, HA, JBL)

ISSO, AQUILO OUTRO – Exp. (*Pron.+ Pron. Pron.).* Alguma coisa mais.

"*Foi meu pai que botou um amarelo que não dorme pra me vigiar***. *Isso, aquilo outro** e haja não queria dormir. Não queria dormir. Eu fui quem dei um copo de dormideira e ele pegou no sono, dormiu"*. (BM)
EDAE: (TC)
END: (AB, M, HA, JBL)

L

LASCAR – *V.* Surpreender.

"*Essa aqui é de **lascar**! Essa vai ser por duas daquelas que eu contei*". (RBCR**)**
TDAE: (M)
TDAD: Em (AB e JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado com o significado de "fazer lascas em, rachar".
Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Dizer algo de repente, insultuosamente, incontidamente;
2) Bater fortemente, ferir, maltratar.
TND: (HA)

LIMPO – *Adj.m.* Sem nenhum objeto. Apenas com a roupa que está usando.

*"Olhe, não traga nadinha de casa. É para vir **limpo**, só com a roupa do couro."* (MO)

TDAD: Em (AB, M, TC e JBL), dentre outras acepções o termo está registrado com os seguintes significados:

1) Sem manchas;

2) Sem dinheiro;

3) Bem feito.

TND: (HA)

LOOONGE – *Adv*. muito distante.

"Saiu andando, andando... chegou ***looonge****, encontrou dois rapazes brigando"*. (BM)

TND: (AB, M,TC, HA, JBL)

M

MAGINAR – *V*. Pôr-se a pensar.

"*Ela ficou assim* ***maginando****, triste, assentada juntinho dele numa cadeira"*. (CSA)

TDAE: (AB, M, TC, HA)

TND: (JBL)

Var. Magicar.

MAIS DEPRESSA DO QUE TUDO – *Loc.Adv*. Imediatamente.

"[...] Fulustreco, meu boneco

Mais depressa do que tudo
Me bota na casa de Dão João". (BM)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)
Var. Depressa.
MALAMANHADA – *Adj*. Mal apresentada, desajeitada.

"A velha com o rosto todo cheio daquelas pipocas, um dente só, toda ***malamanhada****"*. (JM)
TDAE: (AB, M, TC, JBL)
TND: (HA)
Vars. Malajambrado, ajambrado.

MANGAR – *V*. Fazer mangação, zombar.

"Vocês tinham medo da caveira, disseram que não queriam se casar com ela e ***mangavam*** *porque eu me casei com uma caveira"*. (RC)
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC, HA)

MATUMAS – *S. m*. Galhos de mato.

"E anoiteceu na beira do riacho. disse: Agora, sim! Enrolou aquelas ***matumas,*** *fez uma cama de pau: pegou os paus, botou um pau assim, outro assim e quebrou os ramos, fez aquela caminha e deitou-se mais o menino e dormiram"*.
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

MEIO-DE-VIDA – *S.m*. Situação que favoreça a sobrevivência de alguém.

"– João, arranja um trabalho. Isso não é ***meio de vida****"*. (JC)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

MESADA – *S.f.* Mesa farta com variedades de comidas.

*"Foram os três. Estava a **mesada** completa de toda qualidade de comida"*. (TSFG)
TDAD: Em (AB, M e JBL), o termo está registrado com o significado de "mensalidade, quantia que se paga ou se dá em cada mês".
TND: (TC, HA)

MODE – *Conj.* Forma reduzida de promode, por causa de, devido a, porque, para que, para.

*"Eu já estou aqui bem encolhidinha **mode** o Vento"*. (M)
TDAE: (TC, HA).
TND: (AB, M, JBL)
Var. Prumode. Pramode.

MOÍDO – *Adj.m*. Dolorido, machucado.

*"Ora, João morto de apanhar, todo **moído** de peia!..."* (PSF)
TDAE: (TC)
TDAD: Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções o termo está registrado com os seguintes significados:
1) Fatigado;
2) Importunado;
3) Triturado.
TND: (HA)

MOLINGA – *Adv*. Indica intensidade.

"*O Veado fez carreira. Longe que só a **molinga**"*. (MO)

TND: (AB, M, TC, HA ,JBL)

MORRER NO SECO – *Exp. (V.+Loc.Adv*.) Estar fora d'água, morrer por falta d'água.

"*Mais na frente deu no mar: estava aquele peixe* ***morrendo no seco***". (CSA)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

MORTANDADE – *S.f. Morte*

"Ficou a morte lá em cima. Desse dia em diante não houve mais ***mortandade****"*. (AM)
TDAE: (AB, M,JBL)
TND: (TC, HA)
Var. Mortalidade.

MORTO DE FOME – *Loc.Adv*. Qualidade daquele que sente exagerada necessidade de se alimentar.

"*Lá na frente estava um urubu capiongo,* ***morto de fome***". (CSA)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)
Var. Fome.

MUXICÃO – *S.m*. Empurrão, puxão.

"Davam bofete, ***muxicão****"*. (PE)
TDAE*:* (AB, M, TC, HA, JBL)
Var. Beliscão.

N

NA FRESCA – *Loc.Adv*. Lugar ventilado.

"Ora papai é porque é ***na fresca****. Esse sombrio agora de manhã é bom da gente passear".* (RLE)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

NEGOCINHO – *S.m*. Algo pequeno.

"Oxente! Isso é um ***negocinho*** *que nem uma galinha!"* (TSFG)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

NEGÓCIO – *S.m.* Termo que não se deseja usar ou que não vem à memória na ocasião.

"Oxente, compadre Macaco, você é doido! Para onde é que você vai com esse ***negócio****?"* (MO)
TDAE: (TC)
TDAD: Em (AB, M, TC e JBL), o termo está registrado, dentre outras acepções, com os seguintes significados:
1) Negócio;
2) Assunto;
3) Comércio;
4) Empresa;
5) Tráfico.

NO MEIO DO MUNDO – *Loc. Adv.* Lugar incerto, longe.

"O gavião danou-se ***no meio do mundo*** *atrás da rolinha"*. (CSA)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)

NUNCA PASSOU NEM POR PERTO – *Exp. (Adv.+V.+Conj.+Loc.Adv.)* Expressão popular usada quando se refere a uma ação que se deseja realizar e cujo intento não foi alcançado.

"*Ele atirou. Oh!* ***Nunca passou nem por perto****"*. (TSFG)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

O

Ô DE CASA! – *Loc.Interj.* Expressão usada pelo visitante, à porta da casa.

"***Ô de casa****! Ô* de fora!" (MT)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)

Ô DE FORA! – *Loc.Interj.* Resposta de quem está no interior da casa.

"*Ô de casa! - **Ô de fora!**"* (MT)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)

OFENDER – *V.* Ferir, machucar.

*"Cada um atirava com uma balazinha levezinha para não **ofender** as patinhas"*. (TSFG)
TDAE: (AB, M, TC, JBL)
TDAD: Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Deflorar;
2) Fazer mal ao organismo.
TND: (HA)

OLHA AÍ O NÓ – *Exp. (V.+Adv.+Art.+S.m.).* Complicação, situação difícil.

"Se a senhora não for, eu descubro que levo a senhora pro castelo mais o filho do barão. (***Olhe aí o nó**!)"* (RBCR)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

OLHE O DIACHO – *Exp. (V.+Art.+S.m.).* Coisa inesperada.

"*Quando faltava assim uns três meses **– olhe o diacho**! – com três meses para a guerra terminar, que fez o boleeiro?"*(RBCR)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

OLHE O SERVIÇO – *Exp. (V.+Art.+S.m.)* Olhe o que você fez!

"*A rolinha voou! **(Olhe o serviço)***". (CSA)

END: (AB, M, TC, HA, JBL)

OLHO – *S.m.* A parte mais alta de árvores.

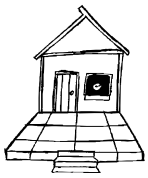
"Agora ela está desejando comer aquela pêra bem madura que tem lá no ***olho*** *daquela pereira". (*AM)
TDAE: (AB, JBL)
TDAD: Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado com os seguintes significados:
1) Órgão da visão;
2) Cuidado;
3) Abertura oval ou redonda.
TND: (TC, HA)
Var. Olho vivo. (Fig.)

OXEM – *Interj*.– forma reduzida de oxente. Bras. N.E. pop. oxem
*"– **Oxem**! Um passarinho falar!"* (M)
TDAE: (AB)
TND: (M, TC, HA, JBL)

OXENTE – *Interj.* Bras. N.E. pop. Oxem.(forma reduzida)

***"Oxente**! E nessa mata tem bichinho*?"
TDAE: (AB, HA, JBL)
De acordo com (AB), o termo "oxente" é a forma aglutinada da expressão ó gente, com sonorização do "g". Em (TC), Oxente (e ó xentes) é corrutela de "ó gentes"!
TND: (M, JBL)
Var. Ôxe

P



PAITÃO – *S.* Forma popular do aumentativo de pátio.

"De frente do palácio tinha um ***paitão*** *que dava muito bem para lutar com os leões*". (RLE)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

PARA MORRER – *Loc.Adv.* Muito doente; prestes a morrer.

"Meu pai ***para morrer****!"* (CSA)
TDAD: Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Em excesso, exaustivamente;
2) Indignado, inconformado.
TND: (AB, M, HA, JBL)
PAREDE-MEIA – *Loc.Adv.* Parede comum dividindo um cômodo.

"Parede-meia *do quarto do príncipe dormia um vassalo"*.
TDAE: (TC, HA)
TND: (AB, M, JBL)

PARTIR – *V.* Repartir, dividir.

"Vamos fazer um negócio: eu compro a casa e ***parto*** *o dinheiro com vocês dois"*. (CSA)
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC, HA)

PASSAR[1] – *V.* Viver, continuar.

*"Como é que eu posso **passar** sem o senhor?"* (CSA)
TDAE: (JBL)
TDAD: Em (AB e M), o termo está registrado, dentre outras acepções, com o significado de "transpor; ir além; ultrapassar".
Em (TC), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Manter-se, sobreviver;
2) Pôr, atar, colocar, amarrar;
3) O mesmo que "passar a ferro", engomar, estirar a roupa em ferro quente;
4) Deixar o jogador (de cartas, de dominó, etc.) de fazer jogo ao chegar a sua vez;
5) Ir, retirar-se (usado geralmente na forma imperativa);
6) Açoitar;
7) Relatar, transmitir informação, revelar.
TND: (HA)

PASSAR[2] – *V.* Aplicar, colocar.

*"E a filha agarrada com ele**, passando** remédio". (*CSA)
TDAE: (AB, TC)
TDAD: Em (M e JBL), o termo é registrado, dentre outras acepções, com os significados de "transpor, ir além, ultrapassar".
TND: (HA)

PÊEEI – *T.o.* Onomatopéia indicativa de atirar.

*"Disse que o Macaco enterrou o joelho no chão, tocou fogo na Onça**: pêêêi!** A Onça fez carreira no meio do mundo com medo".* (MO)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

PÉ DA PAREDE – *Exp. (S.m.+Loc.Adj.).* Encostado à parede.

–*"Compadre Veado o senhor arranje um cantinho aí no **pé da parede** que ela vai caçar um lugar lá dentro para dormi"*. (MO)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

PÉ DAQUELA PEDRA – *Exp. (S.m.+Pron.+S.f.).* A parte da pedra que está em contato com a terra.

*"Papai, vamos espiar sua vida como está bonita - Ah, minha filha! Minha filha, minha vida está lá no **pé daquela pedra**"*. (CSA)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

PÉ DE PAU – *Exp. (S.m.+Loc.Adj.).* Termo popular indicativo de qualquer árvore.

*"Soldado, sobe num **pé de pau** para ver se tu vês algum sinal de gente por aqui"*. (TSFG)
EDAE: (TC, HA)
EDAD:Em (AB), a expressão registrada com o significado de "Inseto meliponídeo (Melipone Nigra)"(Bras. Zool.).
END: (M, JBL)
Var. Pau.

PEGAR A TOCAR –- *Loc. Verbal*. Começar.

*"– Aquela viola bonita, toda enfeitada de fitas, **pegou a tocar**, pegou a tocar"*. (MBL)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL).

PEGAR AQUI PEGAR ACOLÁ – *Exp. (V.+Adv.+ V.+Adv.)* Forma enfática que expressa a dificuldade de conseguir algo.

*"O gavião danou-se no meio do mundo atrás da rolinha**. Pega aqui, pega acolá, pega aqui, pega acolá**"*. (CSA)

END: (AB, M, TC, HA, JBL)

PELEJA – *S.* Discussão, polêmica.

*"Os rapazes chegaram, começaram nova **peleja**: Está aí, nem eu nem tu. Nem eu nem tu!"*(BM)

TDAE: (AB, M)

TDAD: Em (AB, TC, HA e JBL), o termo está registrado com o significado de "desafio entre cantadores de viola". Em (AB e M), "briga, contenda". Em (TC), o termo está registrado também com as seguintes acepções:

1) Insistência, teimosia;

2) Labuta, trabalheira".

PELHAS – *S.f.* Forma palatalizada de pele, indicando pele flácida, enrugada.

*"– Os pés são de **pelhas**"*. (TSFG)

TDAE: Em (AB e M), o termo é registrado como "pelhanca". Em (TC), "pelanca". Em (JBL), "pelanca, pelangana".

TND: (HA)

PENDER – *V.* Ir em direção a.

"*[...] a mãe ficou com o maior cuidado do mundo naquela moça e o pai não deixou mais nunca ela **pender** para o lado da estrada- disse assim: [...]"* (RLE)

TDAE: (TC)

TDAD: Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado com o significado de ”estar pendurado ou suspenso”. Em (TC), “tomar partido”.
TND (HA)

PERFORMAR-SE – *V*. Transformar-se.

“*– Oxente!* ***Performaram-se*** *aquelas três patinhas em três princesas lindas!”* (TSFG)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL).

POR TERRA – *Loc.Adv.* Ficar por terra, acabar, desencantar.

“Quando a carruagem chegou lá no reinado do pai das princesas, tudo se desencantou – a pedra ficou assim ***por terra****, acabou-se”*. (PSF)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

PRA RIBA – *Loc.Adv.* Pra cima, acima de, além de.

“Quando acordou, que olhou assim ***pra riba****, viu um pé de goiaba que estava assim de frutas”*. (PSF)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)

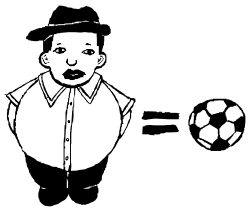
PRA RIBA E PRA BAIXO – *Loc.Adv*. Num vaivém, sem direção e sem destino.

“*Estavam as três patinhas no rio* ***pra riba e pra baixo****”*. (TSFG)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)
Var. Para cima e para baixo.

PUXADA – *Ad f.* Apressada, cansativa.

"*Já iam com dois dias de viagem* ***puxada*****!"** (MT)
TDAE: (AB, M, JBL)
TDAD: Em (TC e HA), o termo está registrado com o significado de "acréscimo que se faz numa casa, para instalação de novos cômodos".

Q



QUE SÓ – *Loc.Pron. (indefinido)* Forma popular que significa em grande quantidade.

"Era ovelha ***que só****!"* (M)
TDAE: (TC)
TND: (AB, M, HA, JBL)

R

RHUM – *T.o*. Onomatopéia indicativa de velocidade.

"O Veado foi correndo no meio do mundo. Rhum! Veado é bicho muito besta: fez carreira." (MO)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

RINCHO – *S*. Relincho.

"Aí Zacarias foi andar por dentro dos matinhos, ouviu o rincho de um burrinho ouviu aquele ***rinchinho****"*. (RBCR)
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC, HA)

RISCAR – *V*. Chegar.

"O rapaz ***riscou*** *na casa da irmã"*. (RLE)

TDAE:(AB, M, TC, HA)
TDAD: Em (JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado com os significados de "fazer traços em, apagar com traços; delinear".

ROUPA DO COURO – *Exp. (S.f.+Loc. Adj*. A roupa que se está usando apenas.

"– Mas compadre, você não traga nadinha. Olhe, não traga nadinha de casa. É para vir limpo, só com a ***roupa do couro****". (*MO*)*
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

S

SABER ANDAR NO MEIO DO MUNDO – *Exp. (V.+V.+Loc.Adv.).* Saber comportar-se bem; defender-se.

"*– Nada, comadre. Eu* ***sei andar no meio do mundo****. Comadre, eu faço isso aqui porque aqui é meu lugar, é minha casa. Na casa da senhora, faz muito tempo que agente se conhece. A senhora é minha comadre, gosta muito de mim"*. (MO)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

SACUDIR – *V.* Arremessar, atirar.

"O major acordou-se com aquilo e ***sacudiu*** *a pata dele no chã*o". (TSFG)
TDAE: (AB, M, TC)
TDAD: Em (JBL), o termo está registrado com os seguintes sinificados:
1) Agitar forte e repentinamente;
2) Abanar;
3) Mover de um lado para outro.
TND: (HA)

SAIR – *V.* Ato ou efeito de distanciar-se, andar muito.

"*O príncipe* ***saiu, saiu****... com muitos dias de viagem chegou à casa de Corpo Sem Alma"*. (CSA)
TDAD: Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções, o termo está registrado com os seguintes significados:

1) Ir de dentro para fora;
2) Afastar-se;
3) Ausentar-se.
TND: (TC, HA)

SE BOTAR – *V.* Seguir.

"– O soldado, o alferes e o major ***se botaram*** *pra a cidade, se botaram pra lá... se botaram, se botaram"*. (TSFG)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

SE PREVENIR ANTES DO TEMPO. *Exp. (V.+Loc. Adv.).* Se precaver antes que algo indesejável aconteça.

"*– O senhor é doido. O dono da casa dormindo lá dentro mais a mulher dele e o senhor vai armar a rede aí, trepado na cumeeira da casa! – Não se importe. A gente deve* ***se prevenir antes do tempo****"*. (MO)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

SEU ZÉ – *Exp. (Pron.+S.m.).* Modo de chamar a atenção de alguém do sexo masculino, com quem se quer falar ou , com quem se está falando, ignorando ou não o seu nome.

"*–* ***Seu Zé,*** *como vai o senhor? Como vai a mulher? Como vão os seus filhos?"* (MO)
EDAE: (TC)
END: (AB, M, HA, JBL)

SOOOONO – *S.m.* Expressão comum na linguagem popular, usada para expressar intensidade.

"Fez que estava dormindo aquele ***soooono***". (BM)

TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

SUSTENTAR – *V.* Não provocar vômito.

"Ela pegou um pouquinho de leite, botou no copinho, encheu d'água e deu àquele menino. Zacarias bebeu, ***sustentou*** *aquele leitinho"* (RBCR)

TDAD: Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções, o termo é registrado com os seguintes significados:

1) Segurar por baixo;

2) Impedir que caia.

TND: (AB, JBL)

T

TAQUINHO – *S.* pequena porção de alguma coisa. Termo comum na linguagem popular para indicar pequena porção de alguma coisa.

"E botou no bolso da capa de tudo o que havia na mesa: um ***taquinho*** *de bolo, um* ***taquinho*** *de queijo, tudinho".* (BM)

TDAE: (TC)

TND: (AB, M, HA, JBL)

TER ÁGUA NO BICO – *Exp. (V.+S.f.+Loc. Adv.).* Coisa suspeita.

"Esse negócio ***tem água no bico****!"* (MT)

END: (AB, M, TC, HA, JBL)

TER NERVOS – *Exp. (V.+S.m.) Ter* ***c***oragem, ter controle; ter forças.

"– Minha mãe não chore. ***Tenha nervos****. Eu desencantei todo aquele reinado, uma cidade muito elegante, muito bonita. Eu vim lhe dar a boa notícia"*. (JC)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

TICO – *S.m.* Nada, absolutamente. Coisa nenhuma.

"Eu não tenho um ***tico*** *de medo da caveira"*. (RC)
TDAD: Em (AB, M, TC, HA e JBL), o termo está dicionarizado dentre outras acepções com os seguintes significados "pedacinho de qualquer coisa, pequena quantidade, bocado, taco".

TICO! TICO! TICO! – *T.*o Onomatopéia.que indica imitação do som produzido pelo movimento da caveira.

"*A caveira fazia:* ***tico! tico! tico!****..."* (RC)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL)

TILINGO – Onomatopéia.que indica toque de sineta.

"Com pouco tempo que eles tinha chegado, ouviram uma sineta: ***tilingo! tilingo! tilingo****!"* (TSFG)
TND: (AB, M, TC, HA, JBL):
Em (AB), o termo "tilintação" está registrado como substantivo feminino, com o significado de "ação ou efeito de tilintar". Em (M), o termo "tilintada" está registrado com o significado de "ato ou efeito de tilintar". Em (JBL), o termo está registrado como tillintar, com os seguintes significados "soar como campainha, sino ou dinheiro; fazer tilintar".
Nos três casos descritos, os termos apresentam o mesmo sentido de "tilingo", utilizado no contexto.
Vars. Terlintar, tirilintar, tirlintar.

TIRA – *S.f.* Retalho rasgado de roupa.

*"João estava lá – aquele bicho cabeludo, a roupa só era **tira**, as unhas grandes"*. (PSF)
TDAE: (AB, M, HA, JBL)
TDAD: Em (AB e M), o termo está registrado também com os significados de "ourela, lista, agente de polícia". Em (HA), "penúria". Em (AB), "história em quadrinhos constituída de uma faixa contendo três ou mais quadros".

TIRANAS – *Adj*. De difícil acesso.

*"[...] andou, andou, quando chegou no meio daquelas matas **tiranas**[...]"* (RBCR)
TDAE: (AB, M, JBL)
TDAD: Em (AB, M e JBL), dentre outras acepções o termo está registrado com os significados de "mulher má, impiedosa, cruel". Em (M e JBL), "espécie de fandango". Em (M), o termo está registrado também com as seguintes acepções:
1) Canção de origem espanhola no Séc. XVIII. (Folc.);
2) Mulher que não atende ao homem que a requesta;
3) Reg. A enxada (Minas Gerais).
TND: (TC, HA)

TITITI – *T.o.* Onomatopéia indicativa de falatório, vozerio.

"*E só ouvia **tititi** – era o povo dançando sem ele ver"*. (MBL)
TDAE: (AB, M)
TDAD: Em (TC), o termo está registrado com a acepção de "a voz de quem chama as galinhas, na hora de deitar-lhes milho".
TND: (HA, JBL)

TOCAR A REUNIDA – *Exp. (V.+Art.+S.f.).* Convocar pessoas com um barulho de algum instrumento.

"Um dia, o rei ***tocou a reunida***, formou-se o batalhão". (RBCR)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

TOCAR NO MEIO DO MUNDO – *Exp. (V.+Loc. Adv.).* Ir embora, viajar.

"Eles ***tocaram no meio do mundo*** *para o lado da fumacinha"*. (TSFG)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

TODO POR FORA – *Exp. (Pron.+Loc. Adv.).* Aquele que se esquiva, que ignora.

"– Comadre agora trouxe um cara bom. Um cara contente aquele outro que chegou aqui era pelos pés de parede, ***todo por fora****. Falava com ele, não respondia"*. (MO)
EDAE: (TC)
END: (AB, M, HA, JBL)

TOMAR VÔO – *Exp. (V.+S.m.).* Voar.

"A felicidade de João foi que a águia ***tomou vôo*** *assim de banda..."* (PSF)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

TRAJAR-SE – *V.* Vestir-se.

*"****Trajou-s****e (Mas não trajou-se de princesa agora não. Ainda não)."* (MT)
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC, HA)

TRAVADO – *Adj*. Começado, iniciado.

"O baile estava ***travado.*** *E a princesa dançou, dançou, dançou"*. (BM)
TDAE: (AB, M, JBL)
TND: (TC, HA)

TREPADA – *Adj*. Ato de subir ou estar em cima de árvore.

"– Por que você está ***trepada*** *aí?"* (MT)

TDAD: Em (AB e M), o termo está registrado com as seguintes acepções:
1) Encosta, ladeira;
2) Terreno em aclive, subida;
3) Cópula carnal.
Em (TC), o termo está registrado como substantivo masculino, com a acepção de "uma das formas de sorteio no jogo do bicho, empregada até a 3ª década deste século". Em (HA), o termo está registrado com o significado de "fornicação".
TND: (JBL)
Var. Repreensão.

U

UM BORDO – *Exp. (Art.+S.m.).* Um giro, um passeio, uma busca, uma procurada.

“Às vezes dava ***um bordo*** *fora da cidade, encontrava aquelas crianças e engordava pra comer”*. (JM)
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

V

VALER – *V*. Forma popular de socorrer, ajudar.

“A bênção do pai foi que ***valeu*** *ele*”. (M)
TDAE: (AB, M, HA, JBL)
TDAD: Em (TC), o termo está registrado da seguinte forma: “valer – *v*- botar pra valer” com a acepção de “investir resolutamente contra alguém”.

VALIDO – *Adj.m.* Aquele que é protegido, que é ajudado por alguém ou que recebe proteção de alguém.

“*Valha-me o rei dos carneiros! Você será* ***valido****”*. (CSA)
TDAE: (AB, M, TC, JBL)
TND: (HA)

VIR EM VEXAME – *Exp. (V.+Loc. Adv.)*. Encontrar-se em dificuldade.

“Tome essa lãzinha. Quando você vir em ***vexame****, diga: Valha-me o rei dos carneiros!”*
END: (AB, M, TC, HA, JBL)

VUUU (ou vuu) **–** *T.o.* Onomatopéia indicativa de voar.

"Mais que depressa, Manoel agarrou a jia, fez assim: **vuuu!**" (MBL)

"O príncipe pegou aquela caixinha, no que ele abriu, tinha uma rolinha dentro: ***vuu****! A rolinha voou!"* (CSA)

TDAE: Em (TC), os termos estão registrados com o significado de "voz imitativa do vôo do pássaro".

TND: (AB, M, HA, JBL)

CONCLUSÕES

A língua é um dos caminhos que propiciam a constituição da cultura de uma comunidade de fala, sendo, portanto, um dos elementos que constitui as axiologias de um povo. Assim, os trabalhos linguísticos trarão contribuições significativas com o conhecimento da cultura deste povo.

Propusemos realizar um estudo sobre o conto popular paraibano, com a organização de um glossário de termos e/ou expressões. Com o objetivo de analisarmos os termos específicos deste nível de linguagem e de suas variantes, pautamo-nos em estudos fundamentados pela Sociolinguística e Etnolinguística. Para a investigação de suas peculiaridades, recorremos também às Ciências do Léxico, em particular à Lexicologia e à Lexicografia. Assim, um dos motivos que nos levou à realização da presente pesquisa sobre o conto popular deu-se em decorrência de sua importância como veículo cultural, tendo em vista que, como parte integrante da língua, a linguagem popular promove interação nos diversos contextos sociais.

O *corpus* que utilizamos para as análises permitiu-nos confirmar que a ocorrência de variantes está relacionada à assertiva de que nenhuma língua no mundo é homogênea e que nenhum discurso é solitário, pois este sempre acontece como produto histórico.

Partindo da assertiva de que a língua é heterogênea, e de que podemos nos remeter à investigação de suas partes, através de seu conhecimento, a elaboração do glossário de termos e/ou expressões populares permitiu-nos compilar os termos da cultura popular presentes nos contos que analisamos. Mostramos, assim, com base nesta assertiva, que nos contos de Luzia Tereza e da Coleção Trancoso existem palavras e/ou expressões que representam variações do falar regional paraibano. Entre essas variações, pudemos comprovar a nossa segunda hipótese, reafirmando que as variações linguísticas mais comuns encontradas na amostra da obra de “Luzia Tereza” da Coleção Trancoso são de caráter léxico-semântico. Como foi evidenciado no glossário, as palavras e/ou expressões compiladas veiculam valores do repertório cultural do povo que o recriou, apresentando para nós as suas peculiaridades linguísticas, confirmando, desta forma, a nossa última hipótese.

Para a organização do glossário, apresentamos a metodologia e expusemos a forma de organização interna do glossário, ou seja, a macroestrutura e a microestrutura. A

macroestrutura constituiu-se do glossário propriamente dito em ordem alfabética, já a microestrutura concerne aos elementos internos referentes aos verbetes.

Elaboramos um glossário com base em quinze contos selecionados como amostra para a nossa pesquisa, sendo que onze destes são de autoria da Coletânea Altimar Pimentel (1995) e quatro estão inseridos na Coleção Trancoso, pertencentes ao Projeto Biblioteca da Vida Rural, tendo Aragão e outros pesquisadores como responsáveis.

O glossário está organizado com um total de 204 verbetes, resultado concreto do objetivo principal da nossa pesquisa. Observamos a predominância de verbos sobre as demais classes gramaticais num total de 50 termos, que pode ser justificada pelo fato de que o conto em si é um relato de um acontecimento e, portanto, apresenta campos semânticos representativos da ação. Em seguida vêm os substantivos num total de 44, os adjetivos 36, seguindo-se em ordem decrescente de expressões as quais definimos cada classe gramatical que as compunha; as locuções adverbiais, os termos onomatopaicos, conjunção, interjeição, expressão interjetiva e locução pronominal. Registramos no *corpus* analisado, um total de 20 variantes a respeito das quais pudemos observar que a sua utilização não impediu a compreensão da mensagem veiculada nos contos.

Na elaboração dos verbetes nos detivemos sobre a marca de dicionarização e para tal utilizamos símbolos. Em relação à dicionarização dos termos de acordo com cada autor em relação aos 204 termos e / ou expressões coletadas para a nossa pesquisa, obtivemos os seguintes resultados: **(AB)** – TND: 63 = 30,88%; TDAE: 62 = 30,39; TDAD: 30 = 14,71%; END: 49 = 24%; EDAE: 2= 0,98%; EDAD: 2 =0,98%. **(M) -** TND: 60 = 29,41%; TDAE: 61 = 29,90; TDAD: 28 = 13,73%; END: 51 = 25 %; EDAE: 2= 0,98%; EDAD: 2 =0,98%**;(TC)** – TND: 55= 26,96%; TDAE:72 = 35,29%; TDAD: 20 = 9,80%; END: 37 =18,14%; EDAE: 14= 6,86%; EDAD: 2 =0,98%. **(HA)** – TND: 110 = 53,92; TDAE: 22 = 10,78%; TDAD: 09 = 4,411%; END: 52= 25,49%; EDAE: 4=1,96%; EDAD: 1 =0,49%. **(JBL)** – TND: 81= 39,71%; TDAE: 51 = 25,00%; TDAD: 21 = 10,2%; END: 49= 24,0%; EDAE: 3=1,47 %; EDAD: 2 =0,98%.

No caso dos termos e/ou expressões não dicionarizados, de acordo com o contexto apresentado, demos a definição que melhor se adequasse ao significado do verbete contextualizado. Dos termos registrados, constatamos através da tabela construída, que houve uma predominância de termos e/ou expressões não dicionarizados, (TND/END) podendo assim reafirmar que a língua é dinâmica e evolui e, por isso, não se tem o domínio do repertório geral da língua.

Em relação aos termos e/ou expressões dicionarizados com acepção diferente, podemos afirmar que a língua não é homogênea e que a linguagem ocorre mediante a interação de indivíduos que a utilizam em seu repertório de acordo com sua posição social, geográfica, idade, sexo e situações de prática social em que os interlocutores interagem. Essa teoria corrobora a heterogeneidade linguística abordada pela sociolinguística.

No caso dos termos não-dicionarizados, podemos afirmar que, através da linguagem, os seus usuários apresentam uma infinita variedade de expressões, dada a fertilidade do imaginário humano refletido na e pela linguagem. Assim, não há como controlar o número do léxico utilizado numa interação de fala. Cada indivíduo possui o seu repertório vocabular e, no ato da comunicação, interage com o seu interlocutor, ampliando ou rememorando o seu repertório. Pelo fato de a língua possuir um número infinito de vocábulos torna-se impossível controlar e registrar todos os vocábulos de uma língua.

Observamos em nossa pesquisa que é frequente o uso de aumentativos com o sentido de intensidade, e diminutivos com o sentido de afetividade ou menosprezo. Verificamos ainda, a presença de termos onomatopaicos e interjeições comuns à linguagem popular paraibana.

A elaboração do nosso glossário contendo 204 verbetes não implica que a linguagem dos contos analisados esteja resumida a este total de termos, mas sim coletamos apenas uma amostragem para a realização do nosso trabalho. Acreditamos, portanto, que o glossário que organizamos expressa um conhecimento das experiências linguísticas particulares que refletem experiências e visões de mundo diferentes.

Esperamos que através dessas considerações que fizemos a respeito do nosso trabalho, não se resumam apenas em um fim, mas num meio de incentivo para que outros trabalhos possam vir a ser desenvolvidos, tomando como base os já realizados sobre o referido assunto. Acreditamos enfim que a realização desta pesquisa foi de grande significância, pois nos proporcionou ampliar a nossa visão de mundo, abrindo novos horizontes de conhecimentos, mediante a utilização do aporte teórico utilizado. Assim podemos afirmar que novos caminhos poderão ser trilhados a partir de trabalhos sobre a cultura popular, não apenas com a elaboração de glossários, mas em outras várias atividades que possam ser realizadas a partir deste legado tão precioso que faz parte da humanidade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Textos escolhidos. (**Trad. J. O. Santos). São Paulo: Círculo do Livro, 1996.

ALKIMIN, Tânia. Considerações iniciais. In: MUSSALIN & BENTES (Orgs.). **Introdução à linguística I:** domínios e fronteiras. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ALMEIDA, Horácio de. **Dicionário popular paraibano**.João Pessoa: Editora Universitária, 1979, 180 p.

AMUSATEGI, K. R. Características de las variedades linguísticas. In: **Sociolinguística.** Madrid: Sintesis, 1990.

ARAGÃO, M. do Socorro S. de. et al. **Biblioteca da Vida Rural brasileira**: Coleção Trancoso. João Pessoa: UFPB, 1982.

_____. A cultura popular nas escolas rurais paraibanas e a biblioteca da vida rural brasileira. In: BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. et al. **Estudos em literatura popular**. João Pessoa: UFPB, 2004, 659 p.

_____. et al. **O Conto popular na Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 1992.

_____. **Linguística aplicada aos falares regionais**. João Pessoa: A União, 1983, 118 p.

_____. **Glossário aumentado e comentado de A Bagaceira**. João Pessoa: A União, 1984, 146 p.

_____. A linguagem Regional Popular na obra de José Lins do Rego. João Pessoa: FUNESC, 1990.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

AYALA, Marcus & AYALA, Maria Ignez. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987, 77 p.

BAGNO Marcus. **Português brasileiro?** um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2004, 182 p.

_____. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz**.** São Paulo: Loyola, 2003, 186 p.

_____. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística**.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007, 189 p.

BARBOSA, M. A. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. **Ciência e cultura**. São Paulo; V. 58, n.2.p.48-51, 2006.

_____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA-II E ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA -1º. **Anais...** Brasilia: IBI CET, 1990.

———. Léxico, produção e criatividade; processos de neologismo. São Paulo: Global, 1981.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M.A. C**onstituição da normalização terminológica no Brasil.** 2 ed. São Paulo: FELCH/CITRAT, 2001. Caderno de Terminologia 1, p. 23-46.

_____. Dicionários de língua, vocabulários técnicos - científicos, glossários: estatuto semânticos das unidades - padrão. In: **Estudos Linguísticos XXIII**. Seminários do GEL. **Anais**. São Paulo: GEL/USP, 1994, p. 289-294.

_____. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico - sintáticos. In: PAIS, et al. **Manual de Linguística.** São Paulo: GLOBAL, 1986, p.81-126.

_____. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. In: **Acta semiótica et linguística**. São Paulo, 1994.

_____. O léxico e a produção da cultura elementos semânticos. In: ENCONTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS I. **Anais**. Assis: UNESP, 1992.

BARROS, Lídia A. **Curso básico de terminologia**. S. Paulo: EDUSP, 2004.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita et.al. **Estudos em literatura popular**. João Pessoa: UFPB, 2004, 659 p.

_____. et al. **Linguagem em foco.** João Pessoa: Editora Universitária/Ideia, 2001, 157p.

BELL, Allan. Language Style as Audience Design. In: COUPLAND, Nikolas & JAWORSKI, Adam (eds**). Sociolinguistics:** a reader. New York: St. Martin's press, 1997, p. 240-250.

BELL, Roger T. **Sociolinguistics:** goals, approaches and problems. London: BBT. Bastford, 1978, 252 p.

BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: **Problemas de linguística geral I.** Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1976.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários da contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de.

(Orgs.). **As ciências do léxico***:* lexicologia, lexicografia, terminologia. v.1. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a.

_____. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Orgs.). **As ciências do léxico***:* lexicologia, lexicografia, terminologia. v.1. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001b.

_____. **Teoria linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro - São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BLOOMSFIELD, Leonard **Language**. New York: Holt, Rinehart & Wiston, 1993.

BOAS, F. Os métodos da etnologia. In: CASTRO, C. (Org.e trad.). **Franz Boas:** antropologia cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 41-52.

_____.**Teoria linguística .** Teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Editora Martins Fontes. Nova edição. Atualizada, 2001.

BOURDIEU, P. L. L **Économie des échanges linguistiques**. Langue Française, 1977, p.17-34

BOUTET, Josiane. **Activité de langage et activité de travail. Futur Antérieur**, n. 16, Paris: L' Harmattan, 1992, p. 53-62.

BRASIL. Ministério da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacionais para o Ensino Fundamental I**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRÉAL, Michel. **Essai de sémantique, science dês significations**. 6 ed. Paris: Hachette, 1983.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CABRAL, Tomé. **Novo dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: Edições UFC, 1982, 786 p.

CABRÉ, Maria Tereza. **La terminologia**: representación y comunicción. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

_____.**Terminologia modelos culturales.** Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999 b.

_____. **Elementos para uma teoria de la terminologia**: hacia um paradigma alternativo. Buenos Aires: El Languarez, 1998, p.59-78.

_____. **La terminologia**: teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Antártida, 1993.

CAMACHO, R. A variação linguística. In: **Subsídios à proposta curricular de língua Portuguesa para o 1° e 2° graus**. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988, p.17-43.

_____. O que é sociolinguística? In: MUSSALIN & BENTES (Orgs.). **Introdução à linguística I:** domínios e fronteiras. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e Cultura**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, 341 p.

_____. **Vaqueiros e Cantadores**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1939.

_____. **Contos tradicionais do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. 316 p.

_____. **Literatura Oral**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

_____. **Cinco livros do povo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

_____. **Coisas que o povo diz.** Rio de Janeiro, 1968.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Contos populares da Bahia**: aspectos da obra de João da Silva Campos, Salvador: Prefeitura da Cidade do Salvador, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, 1978, 50 p.

CHAIKA, E. **Language:** the social mirror. Rowley, Massachusetts: Newbury House, 1982.

CHAMBERS, JK; TRUDGILL, Peter. Dialectology. Cambridge: Cambridge University Press. In: MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petropolis, RJ: Vozes, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. São Paulo: Moderna, 1981.

CINTRA, L.F.L. Origens do sistema de formas de tratamento do português actual. In: **Sobre as "formas de tratamento" na língua portuguesa**. Lisboa: Horizonte, 1972.

CLEROT, L. F. **Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba**: estudo de glotologia e semântica paraibana. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1959.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad.: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1996.

DISCINI, Norma. **Intertextualidade e conto maravilhoso**, São Paulo: Humanistas / FFLCH / USP, 2001.

DITTMAR, Norbert. **Grundlagen der Soziolinguistik** - ein Arbeitsbuch mit Aufgaben. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, 1997.

DORIAN, Nancy C. Varieties of variation in a very small place: Social Homogeneity, prestige norms, and linguistic variation. In: **Language - Journal of the Linguistic Society of America.** Baltimore, 1994.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

DURANTI, A. **Antropología linguística**. Trad. Pedro Tena. Madri: Cambrige University Press, 2000.

FASOLD, Ralph W. **The sociolinguistics of society.** New York: Basil Blackwell, 1984.

FAULSTICH, E. A Socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**. São Paulo: v. 58, n. 2, p. 27-31, 2006.

_____. Da linguística histórica à terminologia. **Investigações, linguística e Teoria Literária**. Vol. 7, p. 71-101, 2006 b.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio Eletrônico XXI**. Versão 5.0 cd. Léxicon Informática LTDA, 2004.

_____. Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio** - dicionário da língua portuguesa século XXI. 3 ed. revista ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FODOR, J. A. & KATZ, J. J. (Orgs.). **The structure of language:** readings in the philosophy of language. Englewood Cliffs: Prentice - Hall, 1964.

FOUCAULT, Michel. As quatro similitudes. In: **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. São Paulo: Martins fontes, 1999, p. 24-33.

FRIBOURG, J. Vers l'ethnolinguistique. **La Linguistique**, v. 14, fac. 2, 1978.

FRUBEL, A. C. M; ISQUERDO, A. N. Vocabulário do falar mato-grossense aspectos lexicográficos e socioculturais. In: ISQUERDO; A.N.; KRIEGER, M.G. (Orgs.). **Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia.** Vol. 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004, p. 153-174.

FULGÊNCIO, L. & LIBERATO, Y. **A leitura na escola.** São Paulo: Contexto, 1996.

FURTADO, Clécia Maria Nóbrega Marinho. **Expressões de fala em O Quinze, de Rachel de Queiroz**: uma análise léxico-semântica. João Pessoa, 2006. Dissertação (Mestrado) - UFPB. Disponível em http://www.cchla.ufpb.br/posletr/Teses2008/CleciaMariaNobrega.pdf. Acesso em 12 de julho de 2009**.**

GADET, Francoise (Org).**Hétérogéneité ET variation**: Labov, un bilan: Langages, 108:5-15.

GARCIA, Aurora Leal. et al. **Teorias do significado da linguagem**. São Paulo: Universidade de Campinas, 1999, 399 p.

GARCIA, Othon. **Comunicação em prosa moderna**. 13 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

GARMADI, Juliette. **Introdução à sociolinguística**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

GARRET, J. B. de Almeida. **Romanceiro.** Ed. ver. e pref. por Fernando de Castro Pires de Lima. Porto: Livraria Simões Lopes, 1943.

GAUCHAT, L. JEANJAQUET, J & TAPPOLET, E. **Tablaux phonetiques des patois suisses romandes**. Neuchâtel: Paul Attinger, 1925.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.3-7.

GODAR, Danièle. Le programme labovien et La variation sintatique. In: GADET, Francoise (org.). **Hétérogénéité et variation**: Labov, un bilan: Languages, 1992, 51-65.

GOTILIB, Nadia Barttela. **Teoria do conto.** São Paulo: Ática, 1991. 95 p.

GRAPHOS, **Revista de pós graduação em letras**. João Pessoa: Ideia, 2003.

HENLEY, N. (eds.). **Language and sex:** difference and dominance. Massachusetts: Newbury House Publ.

HUDSON, Richard A. **Sociolinguistic**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HOUAISS, A. e VILLAR. M.S. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. (versão 1). Rio de janeiro: Objetiva, 2003.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, João W. **Semântica.** São Paulo: Ática, 2003, 96 p.

ISQUERDO, Aparecida N. & KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. v.2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. 381 p.

KRAMER, Cheris (1978). **Women's speech:** separate butunequal? In: THORNE, Barrie.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia em construção: procedimentos metodológicos. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2.p.85-101, 2006.

_____. FINATTO, Maria José Bacorny. **Introdução à terminologia**: teoria & prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LABOV, William. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

_____.The social history of a sound change on the Island of Martha's Vineyard Massachusetts, 1962.

_____. **The social stratification of English in New York City** Washington. D.C: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. Where does the sociolinguistic variable stop? Language society, 7, Great Britain, 1978. In: LAVANDERA, B. **Variación y significado**. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? Language society, 7, Great Britan, 1978. In: LAVANDERA,B.**Variación y significado**. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LEAL, José Carlos. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985,174 p.

LE GOFF, J. L. **História e memória.** (Trad. Irene Ferreira et al.). 4 ed. Campinas: Unicamp, 1996.

_____. **Enciclopédia Einaudi.** Porto: Imprensa nacional, Casa da Moeda, 1984.

LEMOS, José Monteiro de. **Para compreender Labov**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LEMLE, Miriam. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa**. Tempo Brasileiro. 1978, (53/54: 60-94).

LEMLE, M. **Pronomes, Anáfora, Zero**: Observações Sobre Uma Mudança Linguística. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 121-124, 1985

LEVI-STRAUSS, C. Linguística e Antropologia. In: LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Trad: Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIMA, Assis de Sousa**. Conto popular e comunidade narrativa.** Rio de Janeiro: FUNARTE /Instituto nacional do Folclore, 1985, 285 p.

LUCCHESI, Danti. **Sistema, mudança e linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

LUZ, José Batista da. **Dicionário popular brasileiro**. 39 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997, 581 p.

LYONS, John. Semântica Estrutural: Relações de sentido**.** In. **_____. Semântica I**. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1987.

MARCUS Ayala, MARIA Ignez Ayala. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987, 77 p.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica.** 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MARTINET, A. Etnolinguística. In: _____ **Conceitos fundamentais da linguística**. Trad. Wanda Ramos. Presença, Brasil. Portugal: Martins Fontes, 1975.

_____. **A linguística sincrônica:** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

_____. **Elementos de linguística geral.** Madrid: Gredos, 1968.

MEILLET, A. **Linguistique historique linguistique générale**. Paris: La Societé Linguistique de Paris, 1921.

_____. **Mémoires d'un linguiste**. Paris: Quai Voltaire, 1993.

MICHAELIS DIXMAX **Dicionário Eletrônico-** Português.

MOLLICA, M.C. de M. **Estudo da cópia nas construções relativas em português**. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado em Linguística) - PUC, Departamento de Letras (Mimeo). 86 fl.

_____. BRAGA, Maria Luiza. (Orgs). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto. 2003.

_____. Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões linguísticos. IN: HEYE, Jurgen (Org). **Flores Verbais**. Rio de Janeiro, Editora 34, p. 121-29, 1995.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**. São Paulo: Contexto, 2003, 153 p.

MORALES, Humbert López. **Sociolinguística.** 2 ed. Madrid: Gredos, 1993, 310 p.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.) **Introdução à linguística**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MULLER, Charles. **Initiation à la statistique linguistique.** Paris:La Rousse. [s.d.].

OLIVEIRA, Sílvio Luiz. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. 5 reimp. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PATRINNI, Maria de Lourdes de: **A renovação do conto**. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTEL, Altimar. **Estórias de Luzia Tereza**. Vol.1. Brasília: Thesaurus, 1995, 397 p.

_____. **O diabo e outras entidades míticas no conto popular**. Brasília: Editora de Brasília, 1970.

PONTES, Maria das Neves Alcântara de e MELLER, Vilson Brunnel. **Dicionário luinguístico-literário de termos populares-regionais** (Norte/Nordeste). João Pessoa: Ideia, 2003, 2v.

_____. **Linguagem Regional Popular**: uma visão léxico semântica de Menino de Engenho de José Lins do Rego. Natal. Caderno de Resumos. Natal-RN: Editora da UFRN, 1998, 817 p.

POTTIER, Bernard. Linguistique générale: theorie et description. Paris: klinckseek, 1974.

_____. **Thèorie et analyse em linguistique** . Paris: Hachette, 1987.

PRETTI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis da fala – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 4 ed. São Paulo: Nacional, 1982.

PROPP, Vladimir: **Morfologia do conto**, Lisboa: Vega, 2003, 286 p.

Rey Alain. **Essays on terminology**. Philadelfia: John Benjamim, 1995.

_____. **Le lexique:** images et modèles. Du dictionaire à la lexicologie. Paris: Colin, 1977.

RIBEIRO, Darcy. **Folha de São Paulo**. (05/02/1995).

ROMAINE, Suzanne. **Pidgin and creole Language.** New York: Longman, 1988.

ROMERO, Silvio. **Cantos populares do Brasil**. Introdução e notas de Teófilo Braga. Lisboa, Nova Livraria Internacional. 1883.2v.3 ed. anotada por Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.2v.

SANTOS, Georgiana Márcia Oliveira. **A terminologia do reggae ludovicense –** uma abordagem sócioterminológica Fortaleza, 2009. Dissertação (Mestrado) – UFC. 209 p.

SILVA, Moisés Batista da. **A terminologia do sal no RN –** uma abordagem sócioterminológica. Fortaleza, 2007. Dissertação (Mestrado) – UFC. 210 p.

SAPIR, Edward. Language e Otto Jespersen. **Language**: its nature, development and origin, apud Urban, opl.cit. 1921.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehave São Paulo: Cultrix, 2006, 279 p.

SHELLING, V. **A presença do povo na cultura brasileira**: ensaios sobre o pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

SOUZA, Genésio Seixas. **Linguística Histórica/Antropologia Linguística**: possibilidades interdisciplinares. 2000. Disponível em < http://www.prohpor.ufba.br/genesio.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2009.

TAMBA-MECZ, Irène. **A semântica.** (Trad. Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**: an Introduction. Great Britain: Penguin Books, 1979.

VALLS, A. T. Prefácio. In. DURANTI, A. **Antropologoia linguística.** Trad.: Pedro Tena.Madrid: Cambridge University press, 2000.

VAN DIJK, Teun.Texto e contexto; Semântica y pragmática Del discurso. 2 ed. Madrid: Catedra. 1984, 357 p.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português.** Coimbra: Almedina, 1994.

_____. **Problemas de lexicologia e lexicografia**. Porto: Civilização, 1979.

———**. Ensino da língua portuguesa:** dicionário, gramática**.** Coimbra: Almedina, 1995.

———. **Definição nos dicionários de português**. Porto: Edições ASA, 1983.

WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistics**. 2. ed. Oxford Cambridge: Blackwell, 1993.

WELKER, Herbet Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004, 287 p.

ANEXOS

ANEXOS 1: A Moura Torta (MT)

Um homem tinha muitos filhos. Muito amiuçados – aqueles meninos miudinhos. Com o tempo, os três mais velhos cresceram, ficaram rapazes. Desses três rapazes, o mais novo chamava-se Francisco.

E o homem criando aquela danação de menino. Muita dificuldade, um dia chamou os três rapazes mais velhos e disse:

– Me digam uma coisa: por que vocês não vão procurar um trabalho? Só esse trabalhinhos por aqui não dá pra nada. Eu tenho muitos filhos para sustentar. Agora viver, bem dizer, sustentando vocês três! Vão-se embora pelo mundo pra ver se acham trabalho, para ver se melhoram de vida!

Francisco disse:

– Vamos, fulano?

Os outros dois disseram:

– Vamos.

O três rapazes se arrumaram para viajar. O pai perguntou ao mais velho:

– Você quer pouco dinheiro com a minha bênção ou quer muito dinheiro com a minha maldição?

– Eu quero muito dinheiro com a sua maldição.

O homem amaldiçoou o filho e entregou-lhe dez tostões. Perguntou ao segundo filho:

– Você quer pouco dinheiro com a minha bênção ou quer muito dinheiro com a minha maldição?

O segundo filho respondeu:

– Eu quero muito dinheiro com a sua maldição.

Dois. O homem também deu dez tostões ao segundo filho e a maldição. Então fez a mesma pergunta a Francisco, o caçula dos três:

– Eu quero pouquinho dinheiro com a sua bênção.

O pai deu quinhentos réis a Francisco com a bênção.

Na hora dos rapazes partirem, a mãe deles disse:

– Meus filhos, vocês não durmam no mato nunca.

(coisa boa é mãe)

Saíram os três rapazes. Num instante os dois mais velhos gastaram o dinheiro que o pai tinha dado. Ficaram sem nada. Eles só comiam aquela boinha que Francisco levava. Andaram, andaram... tudo morrendo de fome. E aquele dinheiro de Francisco rendia para tudo e ainda sobrava. (A bênção do Pai!). Andaram. À boquinha da noite chegaram numa casa, bateram:

– Ô de casa!

– Ô de fora!

– Você tem dormida aqui para três pessoas?

– Tenho.

– E um comerzinho?

– Tenho: farinha com sal. O único comer que nós temos aqui é farinha com sal.

– Nós queremos.

Comeram farinha com sal, beberam água e foram dormir. Na manhã do outro dia, agradeceram a dormida e seguiram viagem. Andaram, andaram, andaram, andaram pra frente. Andando, andando para frente. Haja andar. Andaram. Anoiteceu. Não sei que horas da noite, chegaram noutra casa, bateram.

– Ô de casa!

Saiu o dono da casa:

– O que é que querem?

Francisco disse:

– Uma dormidinha para nós três.

–Tem. Tem dormida para os três.

–Aqui tem uma comidinha?

–Farinha com sal.

Era o comer que comiam. Farinha com sal. Bebiam água e iam dormir. No outro dia, de manhã, bem cedinho, os três rapazes continuaram a viajem. Saíram, saíram, andaram,

andaram, andaram, andaram. Já iam com dois dias de viagem puxada! Andaram, andaram, chegaram numa casona grande, à boquinha da noite. Tinha uma mulher e um homem sentados assim no alpendre. Francisco disse:

–Boa noite, meu senhor. O senhor pode nos dar uma dormidinha? Nem que seja nesse alpendre...

–Posso.

(Quem falava toda vez era Francisco)

– Nós estamos morrendo de fome. O que é que tem aqui para se comer, meu senhor?

– Farinha com sal.

Só davam farinha com sal! E ficaram. Ficaram os três trabalhando nessa casa. Mas comeram farinha com sal só nessa noite, nos outros dias era outra qualidade de comida. Quando fez um ano que eles estavam trabalhando nessa casa, disseram:

– Bem, patrão, nós agora queremos sair daqui pelo mundo. Nós já temos um ano que trabalhamos aqui, vamos sair para outro lugar.

O patrão disse:

– Olhem. Pegue cada qual uma melancia dessas. Agora vocês só partam essas melancias num lugar que tenha água. Não partam em lugar seco. Se vocês partirem essas melancias em lugar seco, perdem o que tem de ganhar.

Francisco disse:

– A minha só parto num lugar que tenha água, que tomo o seu conselho.

Saíram os três – cada um com sua melancia. Saíram, saíram, andaram, andaram, andaram, andaram... O irmão mais velho disse:

–Eu vou partir a minha melancia para comer que estou morrendo de fome!

Francisco disse:

–Não parta essa melancia! O homem disse a nós três que só partíssemos a melancia em lugar que tivesse água. Fulano, você deixe de ser teimoso!

O irmão mais velho não quis conversa: pegou a faca, partiu a melancia. Saltou uma princesa! Disse:

– Ai, me dá água! Me dá água! Me dá água!

Cadê água para a princesa beber! A princesa se desencantou e foi para o palácio dela, na cidade mais na frente. Desencantou a princesa e ele ficou sem nada. Agora as sementinhas da melancia Francisco guardou todas. No olhar dos dois irmãos, eram sementes: mas tudo era ouro e prata (Francisco com a bênção do pai!...)

Então Francisco disse ao irmão mais velho:

– Fulano, eu não quero andar com você mais não, que você é teimoso. Não tomou conselho nem do patrão. Pode ir embora que eu não quero andar com você mais não.

O irmão mais velho voltou e os outros dois seguiram para uma cidade, que tinha muito na frente. Adiante, o outro irmão disse assim:

– Francisco, eu vou partir minha melancia. Ou que perca ou que ganhe, eu vou partir minha melancia!

(Gente vexada é coisa ruim! Não vê dizer que com paciência se vence tudo!). Quando partiu a melancia a princesa saltou de lá:

– Me dá água! Me dá água!

Mas, tudo seco! Pronto: a princesa foi-se embora para o palácio dela. Francisco juntou as sementinhas da melancia todinhas e guardou – eram ouro e prata. Era perto da cidade do rei, pai das princesas encantadas. Francisco disse ao irmão:

– Bem, fulano, você não tomou conselho, pode ir-se embora. Vá atrás do seu irmão. Agora eu vou andar sozinho pelo mundo. Não quero mais andar com você. Já foi-se embora um, agora vá embora você também.

O irmão foi-se embora atrás do outro. Ficou Francisco, que saiu com a bênção do pai dele. Os amaldiçoados ficaram sem nada.

Francisco andou, andou, andou... (O abençoado do pai e da mãe). Ele dormia nas casas, mas com a melancia enrolada, guardada. Ele passando fome: Só vou partir a minha melancia num lugar que tenha água. Vou tomar o conselho do meu patrão. Os outros não tomaram o conselho, não ganharam nada! ”Com dois dias de viagem, Ele deu num riozão, um rio brabo. Do outro lado do rio era a cidade das princesas encantadas: “Agora eu vou partir a minha melancia”. Partiu a melancia. Saltou a princesa caçula! (Ele era o caçula dos três irmãos: deu igualzinho!) E a princesa:

– Me dá água! Me dá água!

Francisco tirou o chapéu, apanhou água e deu à princesa para beber. Ela bebeu e ficou desencantada ali mais ele. Aquela princesa bonita! Agora a princesa desencantou-se nua. Francisco enrolou ela com o capote dele.

– Agora nós vamos atravessar o rio para o outro lado.

Atravessaram aquele rio – a princesa bem satisfeita. Francisco pegou as sementinhas das três melancias – que eram ouro e prata – juntou, guardou. Seguiu viagem com a princesa

na direção da cidade. Aí, minha senhora, quando chegaram numa cacimba debaixo de um pé de pau, onde os criados lá do palácio do rei vinham ver água, Francisco disse:

– Ô princesa, você fique aqui que eu vou comprar roupa, sapato para você chegar na cidade vestida.

Saiu Francisco, foi comprar roupa, sapato, tudo o que a moça precisava. Caçou uma casa boa para comprar e levar a princesa para morar. Tinha o palácio do rei, mas ninguém sabia desse mistério – só quem sabia era Francisco. Ele comprou uma casa, mobiliou de um tudo e foi comprar os trajes da princesa. Anoiteceu, a princesa subiu no pé de pau para dormir. Quando amanheceu o dia, veio uma negra lá do palácio ver água na cacimba. A Moura Torta viu a sombra da princesa refletida na água e pensou que fosse ela:

– Ah! Não está vendo, uma moça tão bonita que nem eu carregar água para a rainha!

Quebrou o pote e voltou para o palácio. E a princesa lá de cima vendo! A Moura Torta chegou no palácio:

– Rainha minha senhora, não está vendo que uma moça bonita que nem eu carregar água!

A rainha:

– Negra, vá buscar água, negra.

Deu uma lata à negra e ela foi novamente para a cacimba buscar água. Chegou lá, no que foi apanhar a água viu novamente a imagem da princesa refletida na água:

– Não está vendo que uma moça alva, bonita não pode estar carregando água para a rainha!

Amassou a lata e voltou para o palácio:

– Negra, cadê a água?

– Eu !... Uma moça bonita que nem eu carregar água para aqui! Não vou buscar água não!

– Você vai!

Deram um cabaço à Moura Torta. Lá vem ela com o cabaço buscar água na cacimba. E a moça caladinha lá em cima do pé de pau. A Moura Torta chegou na cacimba foi mergulhar o cabaço na água espiou para a sombra da moça:

– Mas eu vou levar água neste cabaço para a rainha! Eu vou quebrar este cabaço.

Quebrou o cabaço. A moça não agüentou mais, deu aquela risada.. A Moura Torta olhou para cima do pé de pau, viu a moça:

– Ah! É você, bichinha, quem está aí! Desça para eu pentear seus cabelos.

A Moura Torta era feiticeira! A princesa desceu, enrolada naquele capote. Aquela princesa bonita, mocinha!... Então a Moura Torta pegou a pentear o cabelo da princesa, catando piolho... Pegou um alfinete – pou! Enfiou na cabeça da princesa: subiu aquela rolinha, foi-se embora! A Moura Torta vestiu o capote do rapaz e subiu no pé de pau para esperar por ele.

Francisco arrumou tudo, veio buscar a princesa. Chegou disse assim:

– Por que você está trepada aí?

– Estava com medo dos bichos. Podia aparecer um bicho e me pegar.

– Desça, para nós irmos embora.

Ele pensando que era a princesa. Disse assim:

– Mas você era tão bonita, alva!... Está preta, feia...

– Foi de levar chuva, sol e sereno. Fiquei preta assim.

Levou a Moura Torta enrolada no capote. Chegou lá, botou a Moura Torta num canto. Ela dizia:

– Meu noivo, e quando é esse casamento? Esse casamento nunca é feito não?

– Ah! Deixe passar mais uns tempos. Deixe eu descansar que eu viajei muito. Ainda estou cansado da viagem.

A Moura Torta se conformava. E era fazendo as coisas para ele. Ninguém sabia desse mistério, de nadinha. Com uns dias, apareceu aquela rolinha no jardim da casa. Dizia:

– Como vai, Francisco, com a sua Moura Torta? Ela está comendo e bebendo a água do meu poço!

A rolinha mesma dizia e ia-se embora. Todo dia a rolinha vinha – bonitinha! Francisco não tinha visto ainda. Um criado chegou, disse:

– Todo dia aparece aqui uma rolinha. Ela diz assim: “Ô Francisco, como vai com sua Moura Torta? Ela está comendo e bebendo água do meu poço”. Ela mesma fala e vai-se embora.

Francisco ficou com a mosca na orelha: “Esse negócio tem água no bico!” No outro dia, Francisco não saiu de casa. Ficou no jardim esperando a rolinha. Quando deu fé, chegou a rolinha, correndo por cima das roseiras:

– Ô Francisco, como vai com a sua Moura Torta?

– Ela vai bem.

– Está comendo e bebendo a água do meu poço!

– Ah!É a princesa que eu deixei lá na beira do poço do pé de pau! Eu vou pegar.

Ele gostava de passarinhos – a casa dele era cheia de gaiolas de pássaros. Arranjou um alçapão: “Vou pegar aquela rolinha!” Botou o alçapão num canto para pegar a rolinha. Da primeira vez não pegou não. Pegou a rolinha da outra vez e botou numa gaiola grande. Mas a rolinha ela calada, não falava.

– Essa rolinha falava e não fala mais...

A Moura Torta disse:

– Ô Francisco, eu estou buchada.

Buchada! Fez um bucho de molambo, disse que era um menino. Ela conheceu a rolinha, ouviu! Conheceu a rolinha.

– Se eu não comer o fígado daquela rolinha eu vou perder o nosso filho.

Dizendo a Francisco. Não tinha casado ainda. Casou nada!

– Pois sabe que você perde e eu não mato aquela rolinha. Eu acho ela tão bonitinha, saltando na gaiola para riba e para baixo!...

Que era a princesa.

– Francisco, há de perder nosso filho por causa daquela rolinha!

– Ô fulana, não tem tantos pássaros aí e como é que você só quer comer o fígado daquela rolinha!

– Só quero o fígado aquela rolinha.

Ele chegou foi ver a rolinha na gaiola. Tirou a rolinha da gaiola e pegou a alisar assim:

– Tão bonitinha e matar!... Eu tenho lá coragem de matar a bichinha! Mato nada!

– Mata isso! Isso é bicho do mato. Isso vale nada!

E ele pegou a alisar a rolinha da cabeça aos pés. Cheirosa! E a cabecinha dela?... Aquela cabecinha cheirosa!... Era a princesa! Ele foi coçando assim... coçando assim... viu aquele carocinho. Arrancou – a princesa se apresentou! Se apresentou nua – ela estava vestida com o capote! A Moura Torta:

– Ih! Estou desgraçada! Agora é a minha perdição. A minha perdição vai ser agora.

Foi mesmo. Mais que depressa, a moça foi lá pra dentro da casa. Trajou-se (Mas não trajou-se de princesa agora não. Ainda não).

Dois criados amarraram a Moura Torta em dois burros brabos – os burros estraçalharam ela no meio do mundo! Acabaram com a Moura Torta. Ficou a princesa.

O palácio do rei, pai da princesa, era distante da casa que Francisco comprou, não era perto não. Agora, chegaram lá as duas filhas do rei, desencantadas, faltava a caçula – a princesa que ele mais estimava. Era a princesa que estava com Francisco.

Francisco casou-se com a princesa. (Ela não trajou de princesa não). E foram viver muito bem, que ele era rico – tinha juntado o dinheiro das três melancias!...

Com uns tempos, o rei foi dar um passeio bem cedinho nesse dito lugar onde era a casa de Francisco – estava a filha dele e uma pessoa aguando o jardim! O rei disse:

– É a minha filha! Minha princesa!

Deu apito de alarme na carruagem:

– Minha filha, princesa, você está morando aqui?

– Meu pai, estou morando aqui faz muito tempo

ANEXO 2: João Cinza (JC)

Tinha uma mulher que tinha um bocado de menino. Agora, tinha um que vivia ajudando a mãe que nem fosse uma mulher – ele lavava prato, varria a casa, arrumava, lavava roupa... A mãe gostava muito dele porque ajudava ela nos trabalhos da casa. Ele se levantava bem cedinho, fazia o fogo, fazia café, quando o pai e a mãe se levantavam o café estava pronto. A mãe dizia:

– É por isso que eu quero bem a meu filho, porque ele me ajuda. Que quando eu me levanto já está tudo pronto.

Ele era alvo, bonito. Os outros tinham raiva dele porque ele não caçava um trabalho:

– João, arranja um trabalho. Isso não é meio de vida.

– Eu quero ficar em casa, que eu vou trabalhar mais minha mãe. Vão trabalhar vocês.

Ficou. E João foi crescendo. Os outros procuravam uma rede para dormir. João botava uma esteira e dormia no chão, na beira do fogo. Aí botaram o apelido dele de João cinza, que as pernas dele eram cinzentas dele dormir na beira do fogo. Os outros irmãos:

– João cinza, por que tu não deixas de dormir aí?

– Porque eu gosto de dormir na beira do fogo.

Ficou. Ficou João Cinza. Quando esse João Cinza estava rapaz, disse:

– Eu vou andar pelo meio do mundo, procurar um canto longe, que eu nunca saí de casa, vivo por aqui...

João foi andar. Ganhou uma estrada. Adiante encontrou um caminho que entrava numa mata. (Olha lá!) João deixou a estrada e seguiu naquele caminho. Disse assim: Eu vou andar nesse caminho para ver onde ele vai, que aqui anda muita gente". Saiu, saiu. Andou, andou, andou. Muito na frente, deu com uma casinha. Disse:

– Ô de casa!

Aquela voz respondeu:

– Ô de fora!

Saiu aquela mulher:

– O que é que você anda fazendo?

João cinza:

– Ora, o que eu ando fazendo? Andando, passeando, porque eu nunca saí de casa. Hoje me deu vontade de andar. Eu vim andando. Agora, eu vinha andando pela estrada e vi esse caminho e aqui parei.

Era a mulher, o marido e um bocado de filhos. João se despediu e voltou para casa. Mas pegou, de vez em quando, a dar um passeio naquela casa. O marido dessa mulher tocava viola e João gostava de ouvir o homem tocar. Nesse intermédio lá morreu o marido dessa mulher, deixou essa viola de herança. Era uma viola mágica em que só quem tocava era esse homem e mais ninguém. Com uns dias da morte desse homem, João foi lá na casa da mulher. Ela disse:

– Ah! João, você faz dias que não vem aqui! Meu marido já é morto.

João disse:

– Dona Guilhermina, a senhora quer me vender essa viola?

– Vendo.

– Apois bem. A senhora me venda essa viola que eu quero levar para casa. Quero chegar tocando.

–Eu lhe dou essa viola por uma cuia de fava e uma cuia de farinha e dois pacotes de dinheiro.

João voltou para casa. Chegou em casam, disse:

– Minha mãe, olhe. Acolá tem uma mulher que tem uma viola que me dá por uma cuia de farinha e uma cuia de fava e dois pacotes de dinheiro.

– Pode levar, meu filho. Pode tirar uma cuia de fava, uma cuia de farinha e dois pacotes de dinheiro para levar para a mulher.

João levou a fava, a farinha e os dois pacotes de dinheiro e entregou a mulher.

– Agora eu vou levar a viola.

A mulher disse:

– Olhe. Essa viola tem um grande projeto. (Olha lá).

– Você não toca essa viola em presença de ninguém. Você toca na beira-mar, na porta do cemitério, na porta de uma cadeia, na porta de uma igreja, mas que não tenha ninguém!

Encomendou. Ele disse:

– Está certo.

A mulher entregou a viola. João voltou para casa. Chegou em casa, disse:

– A viola é esta. Mas, tem uma coisa, minha mãe. Essa viola foi do marido da mulher que me vendeu. E eu só posso tocar ela na beira-mar, na porta do cemitério, na porta duma igreja, na porta de uma cadeia, num lugar deserto, que não tenha ninguém. Ela me disse que depois que eu tocasse a viola nesses lugares todinhos, fosse tocar na beira de um açude que estiver em silêncio, que não tivesse ninguém. Agora, eu vou viajar, não sei se ainda volto...

A mãe queria muito bem a ele, que era o filho de bênção dela, uma coisa maravilhosa, que ajudava ela.

João viajou. Chegou na beira-mar disse: “Agora eu vou tocar”.
Que era para ele tocar para os bichos. Tinha um peixe assim na beira-mar, ele tirou a viola daquele saco deste tamanho. Aquela viola bonita, toda enfeitada de fitas, pegou a tocar, pegou a tocar, pegou a tocar. Aquele lugar esquisito! Os peixes tudo com a cabeça de fora para ouvir o som da viola. Tocou, tocou, tocou. Parou, aí os peixes se arrecolheram tudinho. Disse: “Ah! Pelo que a mulher disse, eu já estou vendo o resultado. Agora vamos ver daqui para frente.”

Haja andar, andar, andar... Ia passando por um cemitério, disse:
“Arra lá! Agora aqui vou tocar”. Sentou-se assim na frente desse cemitério, numa sombra que tinha na porta, começou a tocar a viola. Ficou assim, aquele horror de almas, almas de todos tamanhos – era grande, era pequena, de toda qualidade – para ouvir ele tocando. As almas todas escutando o som da viola. (olha lá!) Ele disse: “Agora, duas eu já estou aprovando” Quando ele parou de tocar a viola sumiu-se tudinho.

Ele foi-se embora. Andou, andou, andou, viu uma casa, disse:”Eu não vou dormir em casa de ninguém, que o povo quer que eu toque nesta viola e eu não posso tocar nele na presença de ninguém. Vou dormir lá nos matos.” (olha lá!) Dormiu nos matos. No outro dia, pegou a viola, andou, andou, andou, chegou na porta de uma cadeia velha que não tinha mais presos, não tinha mais ninguém, começou ouvir aquele povo chorando, gemendo, se maldizendo dentro daquela cadeia velha, ouviu! Ele pegou a tocar a viola, tocou, tocou, tocou, o povo foi-se alegrando, desapareceu o sofrimento. O povo estava triste, ficou alegre com o som da viola. Parou de gemer, de chorar, ficou tudo calmo. Com um pedaço, ele parou de tocar, guardou a vila no saco e seguiu viagem.

Andou, andou, andou. Chegou numa igreja velha, num lugar que não tinha ninguém, tirou a viola do saco, pegou a tocar. O pátio daquela igreja encheu-se de passarinhos de toda qualidade. Os passarinhos todos escutando o som da viola. Terminou, pegou a viola, botou no

saco, seguiu viagem. Chegou na beira de um açude: “Aqui não tem ninguém! Eu vou dar umas tocadas.” Pegou a tocar, pegou a tocar, pegou a tocar. Saiu tudo quanto foi de jia, sapo – toda qualidade de bichinhos botou a cabecinha de fora d’água. E João tocando. João tocando, João tocando. Tocou, tocou, tocou. Quando ele parou de tocar, ouviu uma voz dizer:

– João Cinza, toque mais. Toque mais daquele som uns cinco minutos para chegar a princesa que vem para este festim de sua viola.Eu sei que você só pode tocar num lugar deserto, que não tenha ninguém.

Ele pegou a tocar novamente. Com cinco minutos chegou uma carruagem. Olhe, uma carruagem cheia de rãs de toda a qualidade! Tinha preta, esverdeada, esbranquicenta, de toda qualidade. A rã que vinha na frente mais o boleeiro, era a princesa encantada – que era para João desencantar. E João tocando. Então, aquela voz disse assim:

–João, pára com esse seu toque e se prepara para ir para uma igreja se casar.

Aí João disse assim:

– Aquilo é uma rã! Como é que eu posso me casar com uma rã?

A rã encantada disse:

– Eu sou uma princesa encantada. Nunca achei quem viesse tocar neste açude que nem você. Eu só posso me desencantar com o toque dessa viola. Que eu sei que você não toca para ninguém essa viola – só toca para pessoas que estão tristes, desconsoladas. Não é assim, João Cinza?

– É. Está bem. Está falando muito bem.

Assentou-se naquela carruagem, juntinho com a rãzinha – aquela rãzinha bem cor de rosa! Seguiram viagem. Chegaram numa cidade, pararam numa igreja. Saltou aquele rapaz com aquela viola de lado e a rãzinha no ombro dele. A rã permorfou-se numa princesa e aquelas rãs todinhas que estavam ali performaram-se em gente, rei, rainha, conselheiros, vassalos... O padre casou aquela princesa do jeitinho que estava – não estava vestida como o marido não, estava daquele jeitinho. Voltaram todos para a beira do açude. Chegaram lá, estava tudo performado – que era uma cidade encantada e tinha desencantado. Aquele pessoalzão todo. A maior festa. A princesa disse:

– Olha, foi você quem desencantou a minha cidade, que estava encantada. Tudo desencantado.

E João ali, desconfiado, calado, disse: “É isso mesmo. Agora eu vou ver a que vai até o fim.”

Havia fogos no ar, música, as cornetas do quartel tocando – era a maior festa. A princesa foi logo trajar-se, ficou bonita. E João ali, maltratado, com a viola de lado, com aquela roupinha suja. A rainha disse:

– Esse foi o príncipe com quem a princesas casou-se?

Então a princesa disse:

– Foi. Este aí é João Cinza, que eu ouvia tocar naquela viola. Só tocava para os bichinhos, para consolar quem estava desconsolado e pelo som da viola se alegrava. E me alegrei também, me alegrei dele e estou muito bem. A senhora não achou bom estar desencantada nesta cidade com toda essa riqueza? Agora, vivendo socada dentro dum açude, só comendo grilo!...

O rei disse:

– Está muito bem, minha filha. Agora, mande ele se trajar de príncipe que aqui estão chegando muitas visitas – aquele pessoal que se desencantou todinho da cidade – e eu quero ele bem arrumado, formalizado de príncipe no meu salão.

Levaram João lá para dentro e trajaram de príncipe – príncipe bonito! Ele disse: “É. Eu ganhei esta vitória por causa de minha mãe. Eu gosto muito de minha mãe, minha mãe gosta de mim. Meus irmãos não gostavam de mim não, mas minha mãe gosta.” Bem. E haja festa! E haja dança e os fogos subindo, as cornetas tocando nos quartéis. E era aquela festona naquele reinado.

Passou-se. Com muito tempo ele falou para a princesa:

– Fique aí que eu vou ver se minha mãe é morta ou via.

Selou aquele cavalão e seguiu viagem. Foi um guarda com ele para ele não ir sozinho. Chegou na casa da mãe dele:

– Eu sou um príncipe. Casado com uma princesa. Com a minha violinha desencantei a princesa e casai com ela.

A mãe pegou a chorar.

– Minha mãe, não chore não. Tenha nervos. Eu desencantei todo aquele reinado, uma cidade muito elegante, muito bonita. Eu vim lhe dar a boa noticia.

– É, meu filho, está bom.

João passou dois dias na casa da mãe. Ela bem satisfeita com aquele filho.

– Meu, filho, e a sua esposa?

– Está bem minha mãe.

João despediu-se da mãe e voltou para o reinado: “Qualquer dia desses venho passar uns dias com minha mãe”.

Fim da estória.

ANEXO 3: Manoel da beira da lagoa (MBL)

Bem, um homem muito rico tinha três filhos rapazes. Os dois rapazes mais velhos arranjavam namoradas, mas Manoel, o mais novo, não arranjava. Esse Manoel era afilhado de uma fada, com quem se dava muito bem. Um dia, o pai reuniu os três filhos e disse assim:

– Eu vou dizer uma coisa a vocês três. Eu sou rico, todos rapazes arranjam noiva e se casam, só vocês não acham uma namorada!Vão-se embora pelo mundo. Só me cheguem aqui todos três noivos. Olhem, tem um ano para arranjarem as noivas!

Manoel foi, disse assim:

– Eu vou na casa de minha madrinha me despedir dela.

Ele foi à casa da marinha se despedir. Chegou lá, disse:

– Minha madrinha, eu vim tomar a bênção e me despedir. Eu vou fazer uma viagem mais meus dois irmãos, que meu pai mandou que nós só voltássemos à casa dele quando todos três estivessem noivos. Minha madrinha, será que eu vou ser feliz nessa viagem?

– Vai meu filho. Você vai ser muito feliz nessa viagem. Dos três, o que vai ser feliz só é você.

Manoel tomou a bênção à madrinha e se despediu.

– Bem, minha madrinha, quando eu for noivo venho dizer à senhora.

A madrinha pegou uma viola bonita, enfeitada de fitas bem largas, deu a Manoel:

– Toma, Manoel. Isto é para tu te divertires onde chegares. Toma também essa fita para tu amarrares na viola. Um dia essa fita vai te servir também.

Manoel pegou a violinha e a fita e foi-se embora para casa. No dia marcado para a viagem, saíram Manoel e os dois irmãos. Andaram, andaram, andaram, andaram. Chegaram muito longe, deram na beira de uma lagoa. Manoel disse assim:

– Bem, vocês vão por esse caminho que eu fico aqui na beira da lagoa. Vão arranjar cada qual uma noiva que eu vou também. Só me cheguem aqui com um ano, com as noivas, para nós nos juntarmos para ir para casa de nosso pai.

– Está certo.

Os dois irmãos foram-se embora, Manoel ficou na beira da lagoa – aquele baixio, aquela água azul, limpa, muito fina, boa! Ele tomou banho, bebeu água daquela lagoa, depois, tirou a viola de dentro do saco e haja a tocar, haja a tocar, haja a tocar. O que era de jia, rã, caçote, sapo cururu botavam todos a cabeça fora d'água para ouvir Manoel tocar. Quando ele parava de tocar se arrecolhiam todos. No primeiro dia que chegou, Manoel pegou a tocar cedo. Disse: "Eu estou com fome. Vou comer o resto dessa comida". Comeu, bebeu água, ficou tocando viola. Às cinco horas da tarde, ele viu uma fumacinha lá em frente. Disse: " Nesse giro aqui tem casa. Estou vendo uma fumacinha". Saiu na direção da fumacinha. Chegou lá, encontrou uma casa velha sem ninguém: "Eu vi uma fumacinha... E agora não vejo ninguém!..." Rodeou a casa todinha, não viu ninguém: "Mas eu vou ficar aqui, vou dormir aqui. Eu passo o dia lá na beira da lagoa e venho aqui toda noite".

Manoel foi olhando assim, viu um negocinho que nem essa calçada: "Ah! Um canto bom de e me assentar e dormir. Vou ver minha redinha". Foi pegou a rede, armou. Pegou a tocar viola, pegou a tocar, pegou a tocar... E só ouvia tititi – era o povo dançando sem ele ver. Aquele arrastar de chinelo de homem, de mulher, aquele chiado, o povo dançando com o toque da viola sem ele ver nada. Aí ouviu uma voz dizer:

– Manoel, entra para lá para a sala de jantar que a mesa já está preparada para tu ceares que ainda hoje não comeste. Desde que tu chegaste na beira da lagoa que eu te conheço, sei quem tu és.

A voz era a princesa encantada. (Ah! Você vai ver!...) Manoel entrou na casa, foi para a sala de jantar – estava aquela mesona completa de tudo: "Quanto comer para eu sozinha comer!" Comeu demais, à vontade. Estava era com fome! Foi lá para fora tocar, desparecer. Tocou uma coisinha, chegou o sono – estava enfadado, que tinha vindo de viagem. "Já está de noite, eu vou dormir aqui". Entrou, a voz disse:

– Manoel, vais te deitar que tu estás cansado. Vieste de uma longa viagem. Vais dormir.

Ele olhou assim para um quarto estava aquela cama preparada de um tudo: "Ah! Eu estou numa boa!" Fechou a porta, tinha uma jia em cima da cama. Ela fez assim: vuu! A jia em cima dele com aqueles olhões espiando para ele. Manoel sacudia pra lá, e ela pou – em cima dele! Ele foi adornando, adornando, a jia passou a noite mais ele. Ele nem se importou mais – agarrou naquele sono, nem viu quando a jia foi-se embora!

Manoel tomava café ao clarear do dia e vinha-se embora para a beira da lagoa tocar. Tudo o que era de jia botava a cabeça para fora d'água para ver. Mas ele não conhecia qual era a jia que tinha dormido mais ele. Não conhecia de jeito nenhum "Mas o que é que eu faço?" Ele pensou, disse assim: "Ah! Eu vou marcar aquela jia com uma fita!" A madrinha, a fada, tinha dado uma fita a ele dessa largura assim- três dedos. Uma fita verde. Ele disse:"Ah!... A jia vem dormir mais eu essa noite. Hoje, quando ela vir, eu vou marcar ela para ver se vejo na lagoa".

De tardezinha, ele voltou para casa. Fez a refeição, saiu para a calçada em frente de casa, foi tocar viola. Tocou, tocou. O que era de bicho era dançando sem ele ver. Homem e mulher tudo dançando sem ele ver nada. Mais tarde, chegou o sono, ele parou de tocar e foi dormir. Chegou no quarto, fechou a porta, a jia em cima da cama – pou! Lá chegou a jia! Eu agora vou amarrar ela com o laço de fita". Pegou aquela fita, arribou a jia assim por debaixo, amarrou como se fosse na cintura dela, ouviu! Fez aquele laço bem bonito na cintura da jia. Depois, agarrou no sono, passou a noite todinha dormindo mais a jia. Nem se importava mais. Acostumou-se.

No outro dia, ele disse: "Agora eu vou ver se a jia está lá no meio da lagoa". Foi lá pra beira da lagoa tocar. Pegou a tocar, pegou a tocar, pegou a tocar... Viu o que era de jia tudinho. Ele caçando as jias todinhas, não viu a que dormia com ele. Viu nada! Não era pra ver!...

A jia não veio dormir mais ele. E Manoel não viu mais a jia – não viu mais não.

E foi dando, e foi dando. E ele fazendo refeição, comendo tudo lá na casa. Foi-se passando o tempo, foi-se passando o tempo. Quando foi com um ano, chegaram os dois irmãos. Ele estava tocando na beira da lagoa.

– Meu irmão, nós arrumamos, cada um, uma noiva. E você, já arranjou a sua?

Ele disse assim:

– Meus irmãos, eu fiquei aqui na beira dessa lagoa e estou muito bem. Tem uma casa ali, no fim dessa mata, lá dentro que eu vou dormir toda noite. Vocês arranjaram noivas pobres ou ricas?

– Ah! Umas noivinhas pobres...

– Pois eu não arranjei nenhuma ainda.

– Mas amanhã nós vamos viajar para a casa de nosso pai. Já vai fazer um ano amanhã que nosso pai disse que a gente só chegasse em casa quando todos três fossem noivos.

De noite ele pegou a pensar. Os dois irmãos feitos noivos, e ele dizer que era noivo de quem? Disse; “Que é que eu vou inventar que eu não sou noivo de ninguém?...” Quando Manoel foi pegar no sono ouviu uma voz dizer:

– Manoel, você diga que é noivo de uma jia. Não vá dizer que não é noivo, porque seus irmãos são noivos. Diga que é noivo de uma jia.

Ele ficou com aquele pensamento. Não disse aos irmãos não. Saíram, saíram, andaram, andaram, andaram:

–.Mas, Manoel, você não arranjou uma noiva! Que é que você vai dizer a nosso pai?

– Nada. Deixe isso para depois. Se resolve.

Andaram, andaram, andaram. Com muitos dias de viagem chegaram os três rapazes na casa do pai. Foi uma festa muito grande, muita alegria do pai e da mãe:

– Bem, vocês vieram. Eu disse a vocês que só viessem quando todos três fossem noivos.

Aí um disse:

– Eu sou noivo de uma moça.

O outro:

– Eu sou noivo de outra.

O pai disse:

Está muito bem. E você Manoel?

– Meu pai, eu não posso mentir. Só posso falar a verdade. Sou noivo de uma jia.

Os irmãos disseram assim:

– Noivo d uma jia! Como é que pode ser noivo de uma jia!...

– Sou noivo de uma jia. Sou noivo de uma jia.

Passaram-se uns dias. Manoel disse assim:

– Ah! Vou à casa de minha madrinha fada.

Manoel saiu bem cedinho, com escuro, madrugadão, foi bater na casa da madrinha. Chegou lá, tomou a bênção À madrinha, foi uma festa muito grande, muita alegria. Ele disse:

– Minha madrinha, meus dois irmãos estão noivos de duas moças. Agora, eu, estou noivo de uma jia...

(Essa história é para adiante e para atrás). Manoel contou à madrinha que chegou na beira da lagoa, pegou a tocar, os sapinhos todos botaram a cabeça fora d’água para ouvir.

– Quando foi às cinco horas, eu vi uma fumacinha lá na frente, fui lá, era uma casinha. Uma casinha tão boazinha. Eu fazia refeições três vezes ao dia lá. De dia fazia refeição e ia

para a lagoa tocar. De noite, quando eu me deitava na cama para dormir, saltava aquela jia em cima de mim. Então eu pensei: “Ai, que eu vou marcar aquela jia”. Marquei a jia com uma fita verde – amarrei um laço de fita bem bonito na cintura da jia. Ela foi-se embora. Minha madrinha, não vi mais a jia. Não vi mais.

– Ah, meu filho! Você não vai ver ela agora não. Daqui mais uns dias... Meu filho, eu vou lhe dizer: aquela fita verde... Ah! Você não diz a ninguém. Aquela casinha onde você morou é um palácio encantado. Quem vai desencantar o palácio daquela cidade é você. Quando você desmanchar aquele laço de fita daquela jia, ela se performa em princesa e se desencanta a cidade.

Manoel ficou com aquilo, caladinho, não disse nada a ninguém. Passou-se. Ele ficou na casa do pai.

Bem, o pai foi para a loja comprar fazenda para as noivas fazerem os enxovais delas e as roupas dos futuros maridos. Trouxe também fazenda para a noiva de Manoel fazer o enxoval dela e a roupa dele. Entregou aos filhos a fazenda:

– Peguem para suas noivas costurarem. Vocês só me cheguem aqui com as noivas e as roupas costuradas para fazermos o casamento.

Cada um dos rapazes recebeu o seu pacote de fazenda e no outro dia seguiram viagem. Foram levar as fazendas para as noivas costurarem. Quando chegaram à beira da lagoa, Manoel disse:

– Eu fico aqui. Vocês dois podem seguir viagem para as casas de suas noivas.

Os dois irmãos foram-se embora e Manoel ficou na beira da lagoa.

Passou-se. Os irmãos de Manoel entregaram as fazendas cada qual a sua noiva e elas costuraram o enxoval delas e a roupa dos futuros maridos. No dia combinado, os dois irmãos chegaram na beira da lagoa com as noivas e os enxovais. Encontraram Manoel com o pacote de fazenda assim de lado. Aí apresentou-se aquela jiazinha com um lacinho de fita verde na cintura. E uma voz disse assim no ouvido de Manoel:

–- Sacode o pacote de fazenda.

Manoel desatou o pacote e sacudiu a fazenda assim; Aquela jia embolou a fazenda naquela lama, ficou da cor de carvão. Alevantou, foi um traje de príncipe mais lindo do mundo. Então, uma voz disse assim no ouvido de Manoel:

– Agora desata a fita da cintura da jia. Desate a fita, senão você não dá o desencanto da princesa.

Mais que depressa, Manoel agarrou a jia, fez assim: vuuu! – arrancou aquela fita da cintura da jia. Estabeleceu tudo! Olhe, da beira da lagoa até a casa era o reinado. A casa era o palácio. Performou-se naquela cidade maior do mundo! A jia performou-se naquela princesa – só fez dar o braço a Manoel. Os dois irmão ficaram assim...

– Mas, meu irmão agora!...

Manoel trajou-se de príncipe, ficou um rapaz muito maravilhoso. Chegaram o rei, a rainha, os conselheiros, os vassalos, todo aquele pessoal do reinado. O rei disse a Manoel

– Meu filho, você vai se casar com a princesa.

– Rei meu senhor, eu não posso me casar porque eu disse a meu pai que só ia me casar lá onde ele mora. Prometi que me casava junto com meus dois irmãos – que são esses aqui: cada um já arranjou uma noiva. Nós vamos nos casar lá na casa do meu pai.

– Você vai. Depois vem para cá para se casar com a princsa.

– Mas, meu pai quer ver o casamento de todos três.

(Olha lá o serviço)

O rei disse:

– Como é que pode ser isso?

– Meu pai quer fazer o casamento de todos três no mesmo dia para ser uma grande festa.

A princesa disse assim:

– Ah! Eu vou para me casar logo lá! Eu vou me casar lá na casa do sogro. Não quero nem me casar aqui no reinado.

Fizeram uma acomodação. O rei arranjou duas carruagens, porque uma só não cabia os dois irmãos com as noivas e mais Manoel com a princesa. Os dois irmãos com as noivas foram numa carruagem,Manoel com a princesa e um conselheiro em outra.

Saíram. Levaram uma girândola de fogos muito fortes para acenderem perto da casa, que era para o pai saber que eles estavam chegando. Assim mesmo fizeram: perto da casa soltaram os fogos! E foram andando, andando, andando. Quando o pai deu fé, viu os fogos e disse:

– Aí vêm meus filhos! Todos três são noivos. Agora eu vou fazer o casamento dos meus três filhos.

Chegaram. Desceram das carruagens. Todo mundo ficou admirado com a noiva de Manoel. O pai disse:

– Mas, Manoel, você é noivo dessa princesa?

Sou, papai. Eu sou noivo dessa princesa. Meus irmãos arranjaram duas mocinhas pobres e eu sou noivo dessa princesa.

– Faz muito bem, meu filho. Eu sabia, meu filho, que você ia ser muito feliz, que minha comadre me disse.

(A comadre era a fada, a madrinha de Manoel)

– Ô Meu filho, comadre fada me disse que nessa viagem você ia ser muito feliz. A felicidade foi essa, de você desencantar uma princesa e se casar com ela.

O pai fez o casamento de todos três. O da princesa foi só uma comparação, ouviu! Que era para fazer no reinado, quando voltassem. Depois da festa, a princesa disse assim:

– Manoel, vamos embora para o nosso reinado. A nossa casa não é aqui. É lá. A minha casa é lá, Manoel. Vamos embora.

Passou de um dia para o outro, se arrumaram, voltaram nas suas carruagens para o reinado – Manoel e a princesa em uma e, o conselheiro que veio em outra. Ficaram os dois filhos com as duas outras morando com o pai deles e Manoel voltou para o reinado, que era um príncipe.

Chegaram lá, o rei fez um casamento muito decente, muito direito. Ai foi que a princesa casou direito. Foi uma festa muito grande que aquele rei fez com Manoel e com aquela princesa. Que já viviam, disse, todos resfriados de viverem na beira da lagoa. Aquela saparia, aqueles cururus todos eram o pessoal da cidade – viviam todos resfriados de viverem na beira da lagoa. E achar Manoel que se casou com a princesa e desencantou todos eles, era uma felicidade!

Depois, com uns tempos, Manoel foi à casa da madrinha dar os agradecimentos a ela. E levou um auxilio para a madrinha, que era pobre. Ela disse assim:

– Está vendo, meu filho, o que foi que eu lhe disse! Você arranjou toda a felicidade com aquela fitinha verde que eu lhe dei. E você soube levar o trabalho. Seus dois irmãos foram embora para longe, não arranjaram nada. Você ficou mais perto, arranjou muita coisa. Manoel, meu afilhado, o rei vai morrer, não vai passar muitos anos não. E você vai ser coroado rei, quando ele morrer.

Com muitos anos, o rei deu a coroa a Manoel. E quando ele morreu, ficou Manoel coroado rei dessa cidade.

ANEXO 4: O corpo sem alma (CSA)

Bem, morava numa cidade um homem riquíssimo, em quem desde pequenininho os pais tinham botado o apelídio de Corpo Sem Alma. Cresceu esse menino, ficou rapaz, todo mundo só chamando Corpo Sem Alma. Com muitos anos, morreram o pai e a mãe e ele, como era filho único, ficou por dono de toda a riqueza. Ficou riquíssimo – solteiro, nunca quis casar.

Então, deram a esse rapaz uma menina muito alva, muito bonita para ele criar. Ele ficou criando aquela menina muito linda, muito decente, muito direita. Ele queria muito bem aquela filha (Que era filha de criação, mas ele nunca falou isso a ninguém – criava como se fosse filha dele mesmo).

Quando essa menina ficou moça, ele dizia que dava a filha em casamento a rico ou pobre, desde que dissesse onde estava a vida dele. Mas quem era que adivinhava? Não tinha ninguém que adivinhasse. Chegavam aqueles rapazes para namorar com a moça, pediam em casamento.

– Eu dou com todo prazer e todo meu gosto se você adivinhar onde está a minha vida.

Ora, se a filha não sabia, quanto mais os namorados! Não tinha jeito de ninguém saber onde era a vida desse homem.

Aí, numa cidade muito distante, num reino, um príncipe viu num boletim que Corpo Sem Alma tinha uma filha muito bonita, muito rica, herdeira de sua fortuna, mas só se casava com ela quem dissesse onde é que estava a vida dele. O príncipe vendo essa disse:

– Ah! Eu vou procurar a casa de Corpo Sem Alma!

O príncipe saiu, saiu... com muitos dias de viagem chegou à casa de Corpo Sem Alma. Bateu palmas, a moça saiu. Aquela moça linda! Bem mocinha! Ele disse:

– Olhe, moça, eu vim aqui porque soube que você só se casa com quem adivinhar onde é que está a vida de seu pai.

– É, meu pai só me dá assim. Enquanto a pessoa não souber onde é que está a vida dele, ele não me dá.

– Moça, você pergunte a ele com amor e carinho para ver se ele diz onde é que está a vida dele.

A moça se interessou em casar com ele, que era um príncipe!

–Você vá embora por aí... Quando for com uma semana, venha para eu lhe dizer alguma coisa. Eu vou perguntar a meu pai onde é a vida dele. Se ele disser eu acabo com a vida dele!

(A vida do próprio pai!). O príncipe disse:

– Com uma semana eu venho.

Saiu, foi-se embora. Viajou, viajou, viajou, viajou... Quando chegou no meio do caminho, estavam dois carneiros brigando:

–Por que vocês estão brigando?

– Porque meu pai deixou uma casa e ela tem que ser só de um dono.

– Vamos fazer um negócio: eu compro a casa e parto o dinheiro com vocês dois.

Deu um tanto de dinheiro a cada um dos carneiros.

– Pegue esse tanto para você e este outro tanto para você.

Aí um carneiro pegou uma lãzinha e deu ao príncipe:

–Tome essa lãzinha. Quando você vir em vexame, diga: “Valha-me o rei dos carneiros!” Você será valido.

O príncipe guardou a lãzinha e saiu viajando. Lá na frente estava um urubu capiongo, morto de fome:

– Meu urubuzinho, por que você está assim tão triste?

– Porque eu estou com fome e ainda hoje não achei uma caçazinha para comer.

– Espere aí que eu vou comprar uma carninha para você.

O príncipe chegou, comprou uma carninha e deu àquele urubu. Ele disse:

– Tome esta peninha. Quando você estiver em vexame, diga: “Valha-me o rei dos urubus!”, que será valido.

O príncipe seguiu viagem. Chegou mais na frente avistou um gavião capiongo triste... (Gavião só come pinto):

– Meu gaviãozinho, o que é que você tem?

É que eu não peguei um pintinho para comer.

– Vou ver um bom pedaço de carne para você.

Foi ver um pedaço de carne, deu ao gavião. O gavião foi, deu uma peninha de presente ao príncipe:

– Se precisar de ajuda, diga: “Valha-me o rei dos gaviões!”, que será valido.

O príncipe guardou a pena do gavião junto com a lã dos carneiros e a pena do urubu e seguiu viagem. Mais na frente deu no mar: estava aquele peixe morrendo no seco. Ele chegou, pegou aquele peixinho:

– Ah! Eu vou levar para assar e comer com farinha.

O peixe disse:

– Ai, ai, príncipe! Não me mate! Me jogue no mar que eu lhe dou tudo o que você quiser.

O príncipe pegou o peixinho, puum! no mar. O peixe disse:

– Tome essa escaminha. Quando estiver em aflição, diga: “Valha-me o rei dos peixes!”, que será valido.

O príncipe guardou a escama do peixe e foi-se embora. Lá na cidade, a moça perguntou ao pai:

– Ô papai, onde está sua vida?

– Minha filha, está naquele é de laranja.

– Muito bem, papai! Muito obrigada. Eu vou zelar por sua vida.

Chegou no pé de laranja, enfeitou tanto que parecia outra coisa! Quando o pai chegou:

– Meu pai, eu zelei por sua vida. Olhe como está bonito!

– Oh, oh, oh, oh, minha filha! Minha vida não está lá não. Minha vida não tem quem saiba onde está.

– Papai, me diga onde está sua vida que eu quero zelar! Eu quero zelar pelo senhor que o senhor está velho. Se o senhor morrer, eu mais quem fico? Sozinha, num lugar desse... Diga onde está sua vida para eu zelar para o senhor durar muitos anos.

(Enganando o pai)

– Minha filha, minha vida está lá naquele pé de jaca.

Aí ela enfeitou aquele pé de jaca. Ficou que parecia uma casa! Acendeu luz, ficou uma maravilha o pé de jaca. Quando o pai chegou:

– Papai, vamos espiar sua vida como está bonita!

(Iludindo o pai)

– Minha filha, onde é?

– Lá no pé de jaca.

– Ah, ah, ah, minha filha! Minha vida não tem quem saiba onde é.

–Papai, me diga onde está sua vida que eu quero zelar. Eu quero rezar.

–Ah, minha filha! Minha filha, minha vida está lá no pé daquela pedra.

Foi enfeitar aquela pedra, foi lavar, varrer. Quando o pai chegou:

–Papai, olhe sua vida como está bonita! Eu estou zelando. Agora vou acender uma luz lá onde está sua vida que é para meu pai durar mais um ano de vida, que meu pai está famoso.

(Enganando o pai)

–Ah, ah, ah, minha filha! Minha vida não tem quem vá buscar!

– Papai, me diga, papai. Já que ninguém pode ir buscar, eu acordo de noite e, de longe, oro por sua vida.

O pai ficou calado. Quando foi com uns dias:

– Meu pai onde é sua vida?

– Lá nas bananeiras.

Ela foi, enfeitou tudo quanto foi de bananeira, escapelou tudo, ajeitou, alinhou. O sítio de bananeiras parecia uma coisa!

– Ah, meu pai, agora vou zelar por sua vida!

E era uma amizade com o pai! Penteava os cabelos dele... (Enganando o pai. Era de criação!...)

– Ah, minha filha, minha vida...

–Papai, me diga! É possível que o senhor não me diga onde é que está sua vida! Meu pai está me enganando. Não me engane não, papai!

–Minha filha, olhe. A minha vida está dentro do mar, numa pedra. Dentro dessa pedra tem uma caixinha, dentro da caixinha tem uma rolinha e dentro da rolinha uma vela. Ali está minha vida.

A vela acesa era a vida de Corpo Sem Alma. Ele era um bicho em formatura de uma homem. Ela disse:

– Muito bem, meu pai.

Abraçou o pai, beijou. (Falsidade é bicho danado!)

– Ah, meu pai! Agora, sim! Agora eu vou zelar por sua vida. Vou lá pra beira-mar, me ajoelho na praia e vou rezar para o lado do mar.

(Falsidade é bicho danado!)

Quando foi com uns dias, o príncipe chegou. Ela disse:

– Olhe, a vida dele está dentro do mar. Ele disse que não tem quem vá lá. Está dentro de uma pedra, no meio do mar.

– Ah! Olhe, moça. Pode ficar ciente que eu vou acabar com a vida dele para me casar com você.

Ela abraçou o príncipe com todo carinho.

– Amanhã eu vou para beira-mar. Vou acabar com a vida ele para me casar com você.

– Está certo.

No outro dia ele foi para a beira-mar, chegou assim num canto e disse:

– Valha-me o rei dos peixes!

Apareceu peixe de toda qualidade.

– O que é que você quer?

– Quero que vá buscar aquela pedra e botar aqui na beira-mar.

– Está certo, príncipe. Não se aperreie que a pedra chega já.

E se juntou o que foi de peixe e lá vem embolando aquela pedra nas águas. Lá vem, lá vem, lá vem. Os peixes botam aquela pedrona na beira-mar. Aí, Corpo Sem Alma pegou a adoecer. Quando aquela pedra chegou na beira-mar, Corpo Sem Alma adoeceu:

– Ai! Ai! Minha filha, quem está bolindo com minha vida? Estou com uma dor de cabeça!...

– Meu pai, não diga uma coisa dessa! Se o senhor morrer, o que será de mim?

– Minha filha, vá ver uns comprimidos. Vá ver uns remedinhos para ver se eu melhoro dessa cabeça.

A moça correu lá dentro, foi ver os comprimidos para o pai tomar para ver se melhorava. Com um bom pedaço, ela pegou a dizer:

– Meu pai para morrer!...

(Fingindo, ouviu!)

– O que será de mim neste mundo se meu pai morrer!...

Ela ficou assim maginando, triste, assentada juntinho dele numa cadeira:

– Minha filha, vá ver outro comprimido para ver se passa essa dor de cabeça que eu estou com ela.

A moça correu lá dentro foi ver uns comprimidos e deu uma dose a ele. Lá na beira-mar, o príncipe disse:

– Valha-me o rei dos carneiros!

Apareceu carneiro de toda qualidade.

– O que é que você quer, príncipe?

– Quero que quebre esta pedra.

Aí foi que Corpo Sem Alma botou para morrer!

– Ai, minha filha! A dor de cabeça está aumentando!

Com as mãos na cabeça, gritando, a filha agarrada com ele.

– Meu pai vai morrer! O que é que eu faço?

– Não, minha filha. Deixe de alarme. Vá ver um remédio para mim. Se eu morrer, a cidade é sua todinha. Toda minha riqueza é sua. Você vai viver muito melhor.

– Mas, meu pai, eu fico sozinha!... Como é que eu posso passar sem o senhor?

– Ah, minha filha!...

E lá, os carneiros se danaram, quebraram a pedra. Corpo Sem Alma botou para morrer. E a filha agarrada com ele, passando remédio. (Ela doida que ele morresse. Era falsidade dela!). Dentro da pedra tinha um caixão desse tamanho e dentro do caixão uma caixinha assim. O príncipe pegou aquela caixinha, no que ele abriu, tinha uma rolinha dentro: vu! A rolinha voou! (Olhe o serviço! Se aquela rolinha tivesse voltado para a boca de Corpo Sem Alma ele não tinha morrido!)

Quando a rolinha voou, o príncipe disse:

– Valha-me o rei dos gaviões!

Aí se apresentou o rei dos gaviões!

– O que é que você quer, príncipe?

– É para ir atrás daquela rolinha que fugiu de minha mão.

– É, príncipe, você está com o pássaro na mão e deixa voar!...

(É como a história que o povo diz: “Está com o pássaro na mão e deixa voar”)

O gavião danou-se no meio do mundo atrás da rolinha. Pega aqui, pega acolá, pega aqui, pega acolá. Gavião nos ares que só formiga. Com muita peleja, um gavião pegou a rolinha e trouxe para o príncipe.

– Não deixe voar de sua mão! Se ela voar...

– Ah!

O príncipe foi-se embora para casa de Corpo Sem Alma. Chegou lá, o homem já estava sem fala. O príncipe chamou a moça assim, mostrou a rolinha.

– Olhe, a vida dele está aqui nesta rolinha!

– Está certo.

– Agora, eu vou matar esta rolinha, abrir, tirar a velinha de dentro. Faço assim: fuuu! Ela se apaga: está finda a vida dele.

A moça satisfeita, contente! O príncipe matou a rolinha, abriu, tirou a velinha e apagou. Lá, o bicho morreu! Acabou-se Corpo Sem Alma! A carninha da rolinha, o príncipe deu ao urubu. Depois, passou um telegrama para o reino do pai dele dizendo que ia se casar com a filha de Corpo Sem Alma, que viessem todos para o casamento. Mandou dizer também que Corpo Sem Alma era muito rico e que toda riqueza tinha ficado para a filha dele.

Com uns dias, chegou a família toda do príncipe. Ele casou com a moça e tomou conta da cidade todinha. Foram viver muito felizes. Ele tinha amor a ela e ela a ele.

Fim da estória.

ANEXO 5: A rainha que botou chifre no rei (RBCR)

Essa aqui é de lascar! Essa vai por duas daquelas que eu contei. Bem, tinha um rei numa cidade casado com uma rainha muito mocinha. Ela tinha sido mãe do primeiro filho.

Bem, tinha um rei numa cidade casado com uma rainha muito mocinha. Ela tinha sido mãe do primeiro filho. Botou o nome do menino de Zacarias.

Quando esse menino estava de braço, apareceu uma guerra para os reis. Uma guerra muito longe. O rei disse:

– Ah! Eu vou me separar da minha rainha e do meu filhinho Zacarias, meu principezinho!

Aquele rei gostava muito da rainha, mas ela era falsa, não gostava dele.

Um dia, o rei chegou, tocou a reunida, formou-se o batalhão com aqueles soldados. Aquele pessoal foi todinho para a guerra. A rainha ficou no palácio com uma dama. Com três meses essa rainha pegou a namorar o filho de um barão, um rapaz rico também. Pegou a namorar o filho do barão. A dama conheceu, que namoro a gente conhece, que ninguém é besta. A dama disse:

– Rainha minha senhora, a senhora está namorando com o filho do barão? Minha senhora, quando o rei meu senhor chegar que souber, ele manda degolar a senhora.

–Nada! Ele sabe nada.

– Rainha minha senhora...

Ela não tinha jeito: aquele moço muito bonito, ela simpatizou com ele. Não tinha jeito, não tinha conselho.

– Eu faço o que bem entender e quiser. É da minha vontade.

A vontade dela. Era mesmo. E ela continuou, continuou, continuou aquele namoro. Assim, dificilzinho para ninguém saber. Ela namorava oculto, mas o povo já estava batendo na cuia. E a dama dando conselho:

– Minha senhora, deixe disso!

Um dia, a rainha chamou um menino – mas, veja! Chamou um menino, disse:

– Ô menino – o menino do tamanho dessa menina. – Vem cá, menino. Vem cá.

Entregou um bilhete ao menino para o filho do barão mandando dizer que viesse que ela ia numa carruagem e queria dar um passeio com ele. O rapaz recebeu aquele bilhete, leu:

– Oh! É a vontade com o desejo!

Mais tarde, ela se arrumou, saiu com o boleeiro. Saiu. O boleeiro disse:

– Rainha, para onde a senhora vai sozinha **mais eu**?

– Não se importe. Você não tem nada a ver com minha vida.

Ela zangada. Saíram – o rapaz dentro da carruagem mais ela. Ela já tinha arrumado um canto pra botar chifre no rei – um castelo rico! Chegaram lá no castelo, a carruagem parou, ela disse pro boleeiro:

– Boleeiro, vá andando por aí vá passear.

(Pra dar tempo, ouviu? Pra dar tempo a safadeza dela)

O boleeiro foi-se embora andar e ela entrou no castelo mais o filho do barão. Ficou. Passou o tempo que quis com ele palestrando, ela se trajou, alinhou-se, saiu do castelo. O boleeiro chegou, foram-se embora. Ela disse assim:

– Olhe, você não é para me descobrir esse passado.

– Eu descubro nada! Eu estou lá doido! Se eu descobrir o rei mata a senhora e a mim.

E ficou. Todas as vezes que a rainha queria, o boleeiro ia levar **ela** ao castelo para se encontrar com o filho do barão. E a dama dando em cima. A dama via todas as vezes ela ir.

Passou-se muito tempo. O rei chegava da guerra com um ano. O trato era esse, não sabe? Com um ano. Os reis todinhos, quando vencessem a guerra, voltavam. Que fez o boleeiro? Quando faltava assim uns três meses – olhe o diacho! – com três meses para a guerra terminar, que fez o boleeiro?

– Rainha, minha senhora, a senhora é falsa ao rei com o filho do barão. Agora tem que ser falsa comigo também. Se a senhora não for, eu descubro que levo a senhora pro castelo mais o filho do barão.

(Olhe ao o nó!)

A rainha disse assim:

– Eu não quero você não. O filho do barão eu quero, porque é um rapaz nobre, rico. Eu simpatizo com ele. Você, eu não quero não.

– Pois deixe estar, minha senhora. Vou mandar um telegrama pro rei dizendo que a rainha minha senhora está botando chifre nele desde quando ele saiu, num castelo com o filho do barão.

A dama ouviu aquela conversa todinha:

Rainha minha senhora, vou lhe dizer uma coisa: se a senhora quiser escapar com vida, a senhora fuja! Quando o rei chegar, ele mata a senhora, o boleeiro e o filho do barão. A senhora se **arretire** daqui, ganhe as montanhas. A senhora tem que ganhar as montanhas para escapar com vida, que eu sei, rainha, que eu tenho essa experiência comigo. Aquele rei tem muita amizade à senhora. A senhora com essa ambição... Um ano num instante passava, dava tempo para ele chegar.

A rainha tomou o conselho da dama. O menino estava de braço – aquele menino gordinho:

– O menino eu não deixo, porque eu tenho muita pena de deixar meu filhinho.

Aquela dama arrumou um leitinho, açúcar para a criança comer no caminho, botou assim um copinho deste tamanhinho, outra maiorzinho, fez aquela trouxinha e a rainha botou a cabeça – o menino no braço:

– Minha senhora, a senhora ganhe as montanhas. A senhora não vá se aboletar em cidade, que muito ruim pra a senhora.

E essa rainha ganhou as montanhas com Zacarias. E ganhou as montanhas. Quando estava cansada, botava aquele menino no chão. Aquele menino gordo, forte. Ganhou as montanhas, ganhou as montanhas. Ela disse: “É, o que eu fiz não dá mais para desfazer. Agora não tem mais jeito. Agora eu vou cumprir a minha sorte nessas matas. É melhor eu escapar do que morrer degolada”.

Ela dizendo, sozinha, dentro das matas.

Andou, andou, quando chegou no meio daquelas matas tiranas, o menino pegou a chorar – que não tinha leite para dar de mamar a ele, que esse povo não dá de mamar ao filho: “Pronto! Meu filhinho morrendo de fome e sede por minha causa, que ele não tem culpa nisso. Eu sou quem tem culpa, mas meu filhinho não”. Já estava tarde, muito tarde e o menino chorando. Ela ouviu assim um sapo cantar: “Ah! Aqui na frente tem água! Que sapo onde canta tem água”. (Que nem a história da jia). Ela foi dando, foi dando, encontrou aquele riachinho “ Agora eu mato a minha sede e a de Zacarias.

Ela foi na trouxinha dela, tirou aquele copinho, encheu d’água e deu aquele menino. O menino bebeu água, acabar vomitou todinha. (O menino com o estômago limpo, sem comer nada!) “Agora eu vou dar leite. Eu não dou água mais não. Ele já vomitou a água...”

Ela pegou um pouquinho de leite, botou no copinho, botou açúcar e deu para o menino beber. Zacarias bebeu, sustentou aquele leitinho. “Agora eu vou dar um bocadinho d’água”. Deu água, ele bebeu, sustentou.

E anoiteceu na beira do riacho. Ela disse: “Agora sim!” Enrolou aquelas **matumas**, fez uma cama de pau: pegou os paus, botou um pau assim, outro assim e quebrou os ramos, fez aquela caminha e deitou-se mais o menino e dormiram.

No outro dia, ela viajou novamente. Ganhou as matas de novo pra frente, pra frente, pra frente. Ganhou as matas, ganhou as matas, ganhou, ganhou. Chegou muito na frente, deu numa casa. Era a casa do macaco orangotango. A casa estava aberta, não tinha ninguém. Ela disse:”Oxente! Aqui não tem panela, não tem fogo, não tem nada! O que é que tem nessa casa? Aqui vem gente...”

Aquela casona de palha, só coberta com ripa. Não tinha fogo, não tinha água, não tinha nadinha. Ela ficou ali mais Zacarias. Mais tarde chegou aquele macaco orangotango, aquele bichão! (Que macaco orangotango é o mesmo homem, é o mesmo homem). Aí não prestou não! E ele arrodeava a rainha, arrodeava e fazia assim para o lado dela, com aquele grunhido dele, chiando, achando bonita a rainha. Aquele macaco orangotango, que nem um homem. O menino chorava com medo do bicho. Ela foi ajeitando, acalmando o menino, ficou morando mais esse macaco.

Ah! Não faltou nada para ela e Zacarias. O macaco **se assubia** nos pé de coco para tirar coco, quebrava coco pra ela comer. E o menino foi se criando, foi se criando. E ela mais o macaco – o macaco com vontade de amar a rainha, mas não podia por causa do menino. O menino dormia mais a mãe dele – era uma rainha muito ruim, muito fogosa.

Quando Zacarias estava rapaz, o macaco disse:

– Ô rainha, eu posso **lhe** amar se você der fim ao menino. (Dar fim ao menino!). Você invente que está com uma dor e mande ver a banha de porco espinho, que ele vai, mas não volta – que a viagem é muito longe.

No outro dia:

– Meu filho, eu estou com uma dor muito grande. Eu só fico boa da dor se você for ver a banha do porco espinho.

– Vou minha mãe. Pra minha mãe, eu arrisco a minha vida.

Era arriscar a vida mesmo. Isso foi num dia, para ele ir buscar no outro de manhãzinha.

Ai Zacarias foi andar por dentro dos matinhos, ouviu um rincho de um burrinho – ouviu aquele rinchinho. “Oxente” E nessa mata tem bichinho? Um rincho de um bichinho... Eu vou atrás para ver”.

Deu outro rinchinho pra mais perto. Zacarias foi chegando, chegando, era uma burrinha. A burrinha era encantada. Disse:

– Zacarias, tu vais fazer uma viagem amanhã. Tua mãe formou essa viagem para tu morreres no caminho. Mas tu vais em cima de mim, montado em mim, que não tem nada contra ti.

Aquela burrinha disse a Zacarias:

Amanhã eu chego lá bem cedo com a selinha. Tu te **amontas** em cima de mim e nós vamos viajar.

No outro dia, bem cedinho, a burrinha se apresentou com as redeazinhas e a selinha. Mas ninguém não viu não. Só quem via era ele. Zacarias tomou a bênção à mãe:

– Até eu voltar, minha mãe!

– Está bem, meu filho.

Foi-se embora Zacarias e ela ficou mais o macaco fazendo o que bem entendia. O macaco, um bicho safado, enxerido!... Ela ficou à vontade mais o macaco – bem satisfeita! Ela estava com fogo.

A burrinha cascou-se no meio do mundo com Zacarias. Muito na frente, chegaram na casa de um velhinho. O velhinho – que também era encantado – sabia o nome de Zacarias. Disse assim:

– Zacarias, pra onde você vai?

– Meu velhinho, eu vou ver a banha do porco espinho pra minha mãe, que ela está com uma dor e só fica boa com a banha do porco espinho.

– Meu filho, se desapeie. Desça.

Zacarias desapeou-se daquela burrinha.

– Você só vai buscar a banha amanhã.

– Está certo, meu avô.

Pegou logo a chamar o velhinho de meu avô. Passou o resto do dia, que ele chegou tarde. Quando amanheceu o outro dia, o velho disse:

– Bom, Zacarias, escute o que eu vou lhe dizer. Olhe, você pegue esta espada. Muito na frente tem uma mata. Você entra nessa mata desse lado – você não vai por esse outro lado não. Você se **atrepe** num pau e espere pelo rebanho de porco do mato. Quando o rebanho

vier, você deixe passar. No derradeiro porco você dane a espada que você mata **ele**. Depois, você tire a banha e me traga aqui. Quando vier de volta é para você trazer a banha aqui.

O rapaz disse:

– Esta certo, meu avô.

Pegou a espada que o velhinho deu a ele, amontou-se na burrinha e foi-se embora. Chegou na mata: “É, meu avô disse que eu entrasse desse lado. “Entrou na mata do lado que o velho mandou, **assubiu** num pau e ficou esperando pelos porcos. Com muito tempo, lá vem o rebanho de porcos. Ele deixou os porcos passarem. No derradeiro que passou, ele fez assim com a espada, o porco ficou lá no chão esperneando. Zacarias desceu do pau, acabou de matar o porco, tirou a banha, botou um preparozinho e voltou. **Amontou-se** na burra e veio-se embora para a casa do velhinho.

– Está aqui, meu avô, a banha.

Sabe o que o velhinho fez? Ficou com aquela banha e deu outra, que ele sabia que ela não tinha dor, que era para matar Zacarias.

Pois bem, Zacarias seguiu viagem. Com muitos dias, chegou lá na casa do macaco. A mãe ficou assim...

– Ah! Ele não morreu não!...

– Bênção, minha mãe!

− Deus abençoe!

Aborrecida com o filho. (Mas veja!). Quando o macaco chegou, ela disse:

– Ele voltou!

Ela passou a banha coisa nenhuma! Ela não tinha dor – era falsidade, mentira, que ela não tinha nada de dor. O velhinho de lá sabia.

– Agora, nós vamos inventar outra. Essa aí ele vai e não volta.

O macaco dizendo à rainha.

– Vamos mandar Zacarias ver a lágrima do pássaro que chora. Ele aí, ele vai e não volta não.

Ela inventou de novo:

– Meu filho, eu não fico boa da dor não. Não tem jeito, sei que vou morrer, meu filho.

(Ô mulher falsa danada!)

– Eu sei que vou morrer. Não fico boa dessa dor não.

(Tudo mentira dela)

– Minha mãe, e não tem jeito? O que eu posso fazer?

– Meu filho, só se você for ver a lágrima do pássaro que chora. Com a lágrima do pássaro que chora, eu fico boa.

– Vou, minha mãe! Eu arrisco a minha vida todinha pela senhora. Eu não quero que a senhora morra.

(Ele dizia à mãe dele e ela falsa e ruim para ele)

Zacarias foi procurar a burrinha – aquela burrinha só quem via era ele. Combinaram a viagem para o outro dia.

No outro dia, na hora marcada, a burrinha chegou. Zacarias saltou em cima da burrinha e foi-se embora para a casa do velhinho. Chegou lá, entrou, o velhinho disse:

– Zacarias, pra onde você vai?

– Meu avô, eu vou atrás da lágrima do pássaro que chora para minha mãe, que ela está com uma dor. E ela só fica boa com a lágrima desse pássaro.

– É, meu filho? Sim, meu filho, eu sei.

Era o que o velhinho dizia a Zacarias.

– Você vai amanhã. Hoje não.

Zacarias ficou. Dormiu na casa do velhinho e no outro dia preparou-se para viajar. O velhinho chegou, disse:

–Quando vier, é para me trazer aqui a lágrima do pássaro que chora.

–Está certo, meu avô.

– Olhe, meu filho, você chega lá na mata é pássaro de toda qualidade – o maior e mais bonito é ele. Quando ele **lhe ver**, pega a chorar.

O rapaz **amontou-se** na burrinha e atacou-se no meio do mundo – foi-se embora. Chegou na mata, deixou a burrinha assim, entrou. Era pássaro de toda qualidade. Ele viu o grande. Que quando o pássaro avistou Zacarias pegou a chorar. Aquelas lágrimas caindo do pássaro... Ele aparou num frasquinho aquelas lágrimas, aparou, encheu o frasquinho de lágrima. Voltou para onde estava a burrinha, **amontou-se** nela e seguiu para a casa do velhinho. Chegou lá, entrou, entregou o frasco com as lágrimas do pássaro ao velhinho:

– Dê cá.

O velhinho ficou com aquelas lágrimas e deu outro frasco com água a Zacarias, que a mãe dele não tinha dor nenhuma..

Zacarias seguiu na burrinha para a casa do macaco. Passaram-se uns dias, ele chegou:

– Está aqui, minha mãe, a lágrima do pássaro que chora para a senhora ficar boa da dor.

(Ficar boa, o quê! Ela não tinha dor coisa nenhuma!)

Passaram-se uns dias, o macaco disse:

– Não tem jeito não. Ele já escapou de duas, agora só matando seu filho pra gente ficar à vontade.

Ela disse:

– Vá lá que seja! Ele a mim não está servindo de nada.

(Espie o que a rainha disse ao macaco!)

– É, pode matar ele.

Essa conversa Zacarias não ouviu não. Mais tarde, quando ele foi onde estava a burrinha, ela disse:

– Ô Zacarias, amanhã vão te matar. A tua mãe vai mandar te matar pelo macaco, que é amante dela. Antes do macaco te matar, tu dizes assim: "Ô minha mãe, quando me matar aqui se apresenta uma burrinha. A senhora pegue meus restos mortais e bote em cima da burrinha".

Assim mesmo Zacarias fez. No outro dia, quando o macaco foi matar o rapaz, ele pediu à mãe que botasse os restos mortais dele em cima de uma burrinha que ia aparecer ali.

– Está certo, meu filho. Eu boto.

O macaco pegou Zacarias, esquartejou todinho, esbandalhou – fez um estrago no rapaz que era uma coisa horrível! E a mãe nem como coisa, que ela não prestava, que era ruim! Quando acabou, a burrinha apresentou-se. Ela ajuntou os restos mortais do filho num saco e botou em cima da burrinha. A burrinha marchou para casa do velhinho. Quando o velhinho viu a burrinha chegando, disse:

– Lá vem Zacarias na burrinha.

A burrinha chegou na porta da casa do velhinho parou. O velhinho pegou aquele saco, tirou de cima da burrinha, foi ver uma esteira, botou no chão e haja juntar aqueles pedacinhos todinhos – a juntar, a juntar, a juntar, a juntar, a juntar aqueles pedacinhos todinhos. Ficou perfeitinho. Aí, pegou as lágrimas do pássaro que chora passou no rapaz. Ele ali, morto. Passou aquela água, depois passou a banha e soprou assim – deu aquele soprozinho, ele tornou com aquela falinha arrastada. O velhinho pegou a tratar dele, pegou a tratar dele, pegou a tratar dele E a burrinha ali, não deixou Zacarias mais não. E o velho pegou a tratar dele, pegou a tratar dele.Quando foi como assim com uns quinze dias, ele já se **assentava**, ouviu? Dava aquela conversasinha mais forte. E foi dando, e foi dando, e foi dando, com seis meses ele já andava por dentro de casa. Andava devagarinho, devagarinho. E o velho tratando

dele com as lágrimas do pássaro e a banha do porco espinho. Com um ano ele já estava ficando forte, aquele moço bonito, o príncipe Zacarias.

Passaram-se dois... Três anos.

– Meu avô, agora eu já estou normal. Agora eu quero ir a uma viagem.

– É, meu filho, vá. Vai na burrinha?

– É, na minha burrinha.

O velho apanhou uma espada e seu a Zacarias.

– Tome, Zacarias, esta espada para você vencer o batalhão que tem na frente.

Zacarias pegou a espada, se **amontou** na burrinha, disse:

– Ô meu avô, a minha mãe fez uma grande grosseria comigo. Mas eu queria ir primeiro na casa de minha mãe tomar a bênção a ela.

– Meu filho, ela não é mais viva não. Os índios carregaram **ela** e comeram **ela** assada.

Zacarias ficou tão pesaroso!... Ainda chorou pela mãe, que mãe é mãe. Despediu-se do velhinho e foi-se embora.

Chegou muito na frente, tinha um batalhão de leões. Os leões bateram em cima de Zacarias e ele com a espada – pá! pá! pá! A burrinha era mordendo e dando coices nos leões. Ele venceu aquela batalha. Agora ele estava em traje de índio, porque não tinha roupa – vivia com aquela tanguinha.

Depois de vencer os leões, Zacarias montou-se na burrinha e foi andando, andando, andando. Andou, andou, muito na frente deu numa tribo de caboclos brabos que comiam gente. Aí os caboclos disseram:

– É um índio! Deixem **ele** passar!

(Vendo ele em traje de índio...)

– Deixe ele passar.

Ele passou naquela tribo de caboclos brabos e foi-se embora. Muito na frente, tinham duas serpentes que não tinham mais tamanho brigando. Ele foi lutar. As serpentes deram em cima dele... Ele venceu, degolou as duas serpentes. Quando ele degolou a primeira que foi degolar a outra, **estabeleceu** um reinado com rei, rainha, vassalos, com tudo! E a burrinha desencantou-se numa princesa mais bonita do mundo. Ela disse:

– Você não saia de junto de mim. Fique com as rédeas na mão e com a selinha, que é a prova. A prova é essa.

Ele ficou com as rédeas na mão e com a selinha. O rei chegou, disse assim:

– Foi o índio que chegou aqui numa burrinha e desencantou a princesa!

A princesa disse:

– Não, meu pai, Zacarias não é índio não. Ele é um príncipe, filho de um rei como o senhor.

– Está muito bem.

Bateram palmas e o rei fez a maior festa do mundo. Aquele reinado chamava-se Reinado da Burrinha.

O príncipe Zacarias foi se casar com a princesa e foram viver muito felizes.

ANEXO 6: O macaco e a onça (MO)

A Onça chamou o Veado para comer uma coalhada do sertão.

— Comadre, quando, comadre?

— Amanhã, compadre, amanhã.

— Está certo, comadre. A que hora?

— Nós vamos sair muito cedo porque a casa de meu compadre é muito longe.

— Está certo. Nós vamos sair muito cedo. Amanhã, às três horas da madrugada eu venho.

— Mas compadre, você não traga nadinha. Olhe, não traga nadinha de casa. É para vir limpo, só com a roupa do couro.

— Está certo, comadre.

Três horas da madrugada, o Veado chegou na casa da onça. Bateu na porta:

— Comadre, vamos embora.

— Vamos, compadre. Demore um pouquinho que ela vai trocar a roupa. Ela sai já.

A Onça trocou de roupa, saíram. Saíram no meio do mundo. Saíram, andaram, andaram, andaram, o dia foi amanhecendo eles foram chegando num roçado de milho verde. O sol vinha saindo.

— Compadre Veado?

— O que é, comadre Onça?

— Você está vendo aquele foguinho acolá?

— Estou vendo, comadre.

— Pois aquele ali é o fogo da casa do meu compadre. O senhor vá buscar um foguinho para eu assar milho para nós comermos.

— Está certo.

O Veado foi correndo no meio do mundo. Rhum! Veado é bicho muito besta: fez carreira. Se ele chegava nunca onde estava o sol! Fez carreira, fez carreira, fez carreira, fez carreira no meio do mundo, fez carreira. Correu tanto que cansou:

— Ah! Não chego não. Vou voltar.

Ah, já estava ficando tarde. Ele voltou em toda a carreira, chegou nos pés da Onça caiu:

— Comadre Onça, eu não. . . cheguei não.

— Chegou não, compadre?

— Cheguei não.

— Ah, então compadre não trouxe?

— Fugiu, comadre. Fugiu para bem longe.

O Veado não chegava nunca à casa do sol.

— E agora?

— Agora vamos fazer um foguinho e assar milho para comer.

— Já está tarde. O senhor custou muito.. Não dá mais tempo. Nós vamos embora.

— Saíram.

— Olhe, compadre, se o senhor encontrar com quem falar, não fale. Não fale com ninguém. Quando eu falar com uma pessoa, o senhor também não fale. Não fale com ninguém senão eu volto para casa.

— Está certo, comadre.

Na frente, a Onça encontrou com um compadre.

— Oh, compadre! Como vai o senhor? Cadê comadre? Está boa? Como vai a família?

— Estou bem. Está tudo bem. Está tudo bem.

— E esse rapaz não fala com ninguém não?

— É porque ele tem vergonha. Quando ele anda no mundo é assim. Ele é vergonhoso, não fala com ninguém não.

Como é que o Veado ia falar! A Onça havia passado ordem para ele não falar.

— É compadre, está ficando tarde. Eu vou para a casa de um compadre comer um queijo com coalhada.

— Está certo, comadre. Outro dia, quando nós nos avistarmos, falamos direito.

Disse que aí foram. Andaram, andaram, andaram, chegaram num pé de pau que tinha assim para chegar na casa do compadre, a Onça disse:

— Compadre, está vendo esse pé de pau? Aqui são as colheres da casa do compadre. Quando chegar lá que ele botar comida que perguntar: “Comadre Onça, como vai seu compadre?” O que é que a senhora quer? Queijo ou coalhada?” Se eu disser: “ Compadre, eu quero coalhada”. Então o senhor corre e vem buscar as colheres.

— Está certo.

Chegaram lá na casa do compadre da Onça já de noite. A Onça falando com o compadre dela e o Veado todo por fora. A Onça passou ordem para ele não falar com ninguém. O Veado todo por fora, o outro foi e disse:

— Comadre, entre, comadre. Eu vou cuidar no café para a senhora tomar mais seu companheiro.

— Está certo.

Na hora do café o compadre da Onça disse:

— Comadre, o que é que a senhora quer? Quer queijo ou coalhada?

— Compadre, eu quero coalhada.

A Onça disse:

— Compadre Veado, a colher?

O Veado fez carreira. Longe que só a molinga. Fez carreira, fez carreira, correu, mas correu mesmo! A Onça cá, comendo. Comeu queijo, coalhada, não deixou nada para o Veado.

Quando o Veado voltou a Onça cá já havia comido tudo, enchido a barriga. E o Veado se acabando de fome:

— Pronto, comadre Onça.

— Coitado! O Compadre já está dormindo. O senhor não chegou logo. Ele já guardou os pratos.

— Mas comadre! Já guardou?

— Já.

O compadre da Onça disse:

— Comadre, cadê seu compadre? Já veio?

— Já. Mas ele disse que não quer tomar café mais não que já está na hora de dormir. Vai dormir. Não quer café mais não.

A Onça já havia comido tudo e o Veado se acabando de fome.

O Veado disse:

— É.

— Compadre Veado o senhor arranje um catinho aí no pé da parede que ela vai caçar um lugar lá dentro para dormir. O senhor como é homem dorme aí na sala. Eu sou mulher não posso dormir aqui na sala mais o senhor.. Ela vai dormir na cozinha. Compadre já arrumou uma dormida para ela.

O Veado ficou dormindo cá na sala e a Onça foi para a cozinha.

O compadre da Onça tinha um chiqueiro de bodes. Era cada bodão bonito! Cada bode aqui assim (faz o gesto correspondente). A Onça danada por sangue de bode. O Veado dormindo cá fora na sala. De madrugada a Onça foi para o chiqueiro dos bodes, agarrou uma cuia grande, desse tamanho (fez o gesto correspondente), chupou um bocado de sangue dum bode e chupou sangue, chupou, chupou, chupou. Quando encheu a barriga, encheu a cuia de sangue e lá vem com a vasilha na cabeça. Lá vem, lá vem, lá vem por dentro de casa. Chegou onde estava o Veado jogou a cuia de sangue em cima do compadre: pou!

— Acuda, compadre, que o Veado está acabando com os seus bodes!

O dono da casa enterrou os pés:

— Não diga uma coisa dessa!

— É. Já chupou o sangue de um bode. Chupou o sangue todinho. Olhe. Não está vendo o serviço aqui dentro de casa?

O dono da casa viu o Veado molhado de sangue estrumou os cachorros em cima do pobre. Os cachorros dentro de casa, bate aqui, bate acolá; bate aqui, bate acolá. O Veado sem poder correr e os cachorros em cima. O Veado foi, achou uma brechinha, fez carreira pela porta da cozinha, se mandou no meio do mundo.

A Onça disse ao compadre:

— Está vendo! Está vendo!

— Por isso que meus bodes estão desaparecendo.

— Pois é compadre Veado. Compadre Veado de vez em quando vem chupar o sangue dos seus bodes.

— Mas comadre, como é que a senhora anda com um homem daquel?

— É, compadre, eu não sabia não. Estou sabendo agora que ele está chupando o sangue de seus bodes mesmo. Está vendo, compadre como é que a pessoa pega um bicho que come os bichos do povo! É assim.

— Está certo, comadre. Tem nada não. Daquele nós estamos descansados. Ele não vem mais não.

— Vem mais nada, compadre, nem tenha medo!

— Comadre Onça, quando a senhora andar, ande com um camarada que não tenha aquele jeito. Comadre, eu conheci logo porque quando ele chegou aqui eu falei com ele, ele todo por fora, todo desconfiado. . . Eu conheci que aquele cara não era boa peça, bom elemento. Porque um cara quando chega na casa de uma pessoa assim fala ao menos com o

camarada, embora não conheça, mas fala. E ele chegou aqui todo por fora, não falou comigo nem com minha família. A senhora falou e ele ficou todo por fora.

— Eu chamei ele porque pensei que era um bom elemento. É um compadre que a gente não deve andar com ele. Mas eu sei que ele não vem aqui mais não.

— É. Está certo. Mas a senhora venha aqui de hoje a três dias. Tenho outro queijo, tem coalhada. A senhora venha, mas não traga camarada; mas não traga um cara daquele não!

— Está certo.

— Quando vir para aqui que a senhora trouxer um camarada seu, comadre, um vizinho, traga um bom elemento, uma pessoa assim que a gente se agrade da conversa dele. Mas aquele dali não tem jeito não. Além de vir para minha casa ainda vai acabar com os meus bichos! Não dá certo não.

— Agora eu vou trazer um cara bom.

E a Onça queria comer o pobre do Veado. Ela bateu para pegar o Veado, mas não pode.

— Eu não peguei compadre Veado. Eu pego compadre macaco.

No negócio do Macaco ela atrapalhou-se.

— Eu pego compadre Macaco.

Chegou em casa falou para o Macaco:

— Que é, comadre?

— Vamos comer uma coalhada com queijo do sertão?

— Comadre, esse negócio não dá certo não.

— Nada, compadre. É na casa de um compadre meu. Talvez seja até compadre seu. Algum tempo aí, que o senhor gosta de andar, o senhor é muito conhecido quando anda no meio do mundo. Mas o senhor chegando lá, compadre, se for comigo, não vá se adiantar, como o senhor é muito adiantado aqui não.

— Nada, comadre. Eu sei andar no meio do mundo. Comadre, eu faço isso aqui porque aqui é meu lugar, é minha casa. Na casa da senhora, faz muito tempo que a gente se conhece. A senhora é minha comadre, gosta muito de mim. Eu gosto muito da senhora. Mas eu chegando na casa dos outros, comadre, eu sei andar. Comadre, esse compadre seu é boa pessoa?

— Ah! O senhor chegando lá talvez não queira voltar mais. Ele pode gostar muito do senhor. Ele é um compadre que quando gosta de uma pessoa assim . . . Eu chamei compadre

Veado. Ele não gostou de compadre Veado porque ele é um homem que não gosta de conversar com ninguém. Mas do senhor eu sei que ele vai gostar.

— É, comadre, vamos embora. Eu vou. Quando é?

— É amanhã. Amanhã nós vamos, se Deus quiser.

— A que horas eu vou chegar lá?

— O senhor chega lá em casa de três para quatro horas da madrugada.

— Está certo.

— Olhe, compadre Macaco. Eu vou logo avisar uma coisa ao senhor. O senhor vai para a casa de meu compadre comigo, mas não leva nadinha. O senhor não traga nada de casa.

— Está certo. Eu vou para casa dos outros, eu vou andar com maleta! Eu vou andar com maleta no meio do mundo! Também não vou andar com a minha espingarda, com o meu bisaco, nem vou levar fumo — que eu gosto muito de fumar — nem vou levar meu caco de fogo, não. Eu não vou sair com nada não. Deus me livre. Eu vou para a casa dos outros, para uma festa. Eu vou lá levar esses negócios! Não levo nada não senhor.

— Bem, compadre Macaco. Não traga nada. Não quero que o senhor traga nada.

— Está certo. Se importe não que eu vou. Logo cedo estou lá.

— É para estar de três horas.

— Rhum! Está certo. Está bom.

O Macaco foi para casa. Eram nove horas da noite quando ele chegou. Preparou um bisaco desse tamanho. Era um bisaco em que ele botava tudo dentro. Botou uma parelha de roupa, uma rede, um caco de fogo, um seiro de fumo desse tamanho — que o Macaco gosta de fumo (antigamente ele gostava de fumo). — Tudo ele botou dentro do bisaco. Sei que era um bisaco assim. Pegou a espingarda botou nas costas.

Era para o Macaco chegar à casa da Onça às três horas da madrugada, ele às duas estava batendo na porta:

— Comadre Onça! Comadre Onça!

— Oxente, compadre! Você está doido?

— Doido o que, comadre! A gente deve viajar cedo. A gente deve se prevenir antes do tempo. A senhora disse que eu viesse às três horas, a senhora dorme muito, mas toda a vida eu fui acordado. A gente podia perder a hora. Nem dormir eu dormi. Cheguei logo antes.

— Então vamos conversando por aqui. Vamos conversando devagarinho que é longe demais. Vamos conversando que quando amanhecer o dia nós já estaremos longe.

O macaco já sabendo tudo o que ela havia feito com o Veado, não deixou a Onça ver nada.

— Lu vou trocar de roupa para nós irmos.

Quando a Onça saiu que viu o Macaco com aquele bisaco cheio de coisas, disse:

— Oxente, compadre Macaco, você é doido! Para onde é que você vai com esse negócio?

— Que é isso comadre? Eu vou andar no meio do mundo sem minha rede, meu caco de fogo? A senhora sabe que eu gosto de fumar. Agora eu vou estar no meio do mundo procurando gente para pedir fogo para acender meu cachimbo! Eu levo minha rede. Pode ser que nós tenhamos que passar a noite na casa de seu compadre e não haja dormida para mim. . . Eu não sou maluco não comadre. Eu vou com minha espingarda porque eu não sei o que vou encontrar no meio do caminho. Pode ser que eu encontre um mal elemento, e eu posso me livrar do que for ruim.

— Está certo.

A Onça já saiu com raiva porque o Macaco ia com esse negócio. Andaram, saíram. Quando chegaram no caminho, que o dia foi amanhecendo eles foram passando no roçado de milho. O sol vinha saindo.

— Compadre Macaco.

— Que é, comadre?

— O senhor está vendo aquele foguinho ali?

— Estou vendo, comadre.

— Aquele foguinho ali é na casa do meu compadre. O senhor vá buscar um foguinho daquele para nós fazermos um fogo aqui para assar milho e comer.

— Ah, comadre! Que nada, comadre!

Abriu o bisaco, tirou o caco de fogo, aquele fogão:

— Vou fazer o fogo. Pronto. Pode quebrar milho, comadre. Pode quebrar milho e trazer para assar. Juntou garrancho, basculho, fez o fogo.

— O senhor quer quebrar para comer pode quebrar. Eu mesmo não quero mais não.

— Não quer não?

— É. Não quero não.

— Então eu vou quebrar milho, assar e comer.

O Macaco entrou no roçado e lá vem com os braços cheios de milho.

— Rhum!

A Onça com raiva porque queria fazer com o Macaco o que fez com o Veado, para mata-lo de fome. Mas o Macaco não é menino besta.

O Macaco fez fogo, assou milho, comeu.

— Quer não, comadre Onça?

— Quero não.

Com a cara feia porque não podia fazer com o Macaco o que fizera com o Veado. E o Macaco comeu, comeu, encheu bem a barriga, pegou cinco espigas, daquelas maiores, assou bem assadinhas — Pum! — Dentro do bisaco.

— Compadre Macaco, para onde você vai com esse negócio? Homem, você já comeu milho, e ainda quer levar!

— Que nada, comadre Onça! Deixe de besteira. Eu levo porque quando der fome no meio do caminho a gente come.

— Está certo. O senhor quer levar, leve. Mas você vai é fazer vergonha a mim. O senhor vai é me fazer vergonha.

A Onça com cara feia, na frente, e o Macaco atrás:

— Quem o senhor encontrar daqui para lá não fale. Não fale com ninguém.

— Está certo.

Andaram, andaram, na frente a Onça encontrou um compadre;

— Compadre, como vai o senhor? Como vai a comadre?

— Vou bem.

O Macaco disse:

— Oh! Como vai o senhor? O senhor está bom? Sua família está boa?

— Está boa, obrigado.

A Onça ficou com raiva.

— O senhor fuma?

— Fumo.

O Macaco pegou o bisaco, tirou um saeiro de fumo que era desse tamanho, partiu um pedaço, disse:

— Pegue para o senhor fumar quando chegar em casa.

A Onça disse:

— Compadre Macaco, o senhor está adiantado demais. Todo mundo que vai encontrando no meio do caminho é falando sem conhecer, sem nada. Olhe, compadre

Macaco. Quando o senhor chegar na casa de meu compadre não é para se adiantar assim não, ouviu?

— Está certo, comadre. Eu sei andar no meio do mundo.

Andaram, andaram. E a onça com raiva. O Macaco conversando com a Onça e ela sem falar. Saíram, saíram, chegaram embaixo de um pé de pau. A Onça disse:

— Compadre Macaco, você está vendo esse pé de pau?

— Estou vendo.

— Pois isso aqui são as colheres da casa de meu compadre. Agora daqui para a casa de meu compadre é longe.

— Quando nós chegarmos lá, se ele perguntar: "Comadre Onça, o que é que a senhora quer? Quer queijo ou coalhada? Se eu disser: "Compadre, eu quero coalhada". Então, compadre Macaco, o senhor vem aqui buscar as colheres.

— Está certo.

O Macaco já havia levado duas colheres de casa. Ele já sabia tudo o que a Onça havia feito com o Veado. Vinha preparado.

Saíram, saíram, saíram. Andaram meio dia. Chegaram na casa do compadre da Onça já de noite.

A Onça falou para o compadre:

— Como vai, compadre?

— Já chegou de novo?

— Cheguei, compadre, cheguei.

O Macaco:

— Seu Zé, como vai o senhor? Como vai a sua mulher? Como vão os seus filhos?

— Comadre agora trouxe um cara até bom. Um cara contente. Mas aquele outro que chegou aqui era pelos pés de parede, todo por fora. Falava com ele, não respondia. Mas esse daqui está bom.

O Macaco disse:

— É, eu não gosto de andar no meio do mundo me mostrando. Mas quando eu chego, gosto de falar com o dono da casa, com o povo que está presente, porque a gente deve saber andar no meio do mundo.

— É, mas comadre Onça chegou com um cara aqui, rapaz, que além de não falar com a gente ainda me deu prejuízo.

— É isso. É assim mesmo. Um cara que não é acostumado a andar no meio do mundo, tudo o que ver gosta de bolir.q

— Comadre, a senhora pelo lado de fora!. . . Fique aí conversando que ele vai mandar a mulher fazer café para vocês tomarem.

O dono da casa foi para a cozinha. A Onça disse:

— É, compadre Macaco. Cuidado na vida. Está se adiantando demais.

— Nada, comadre, não tenha cuidado não.

O dono da casa voltou:

— Comadre, o que é que a senhora quer? Quer queijo ou coalhada?

— Compadre, eu acho que quero uma coalhadinha.

— E seu compadre?

— Compadre Macaco também quer uma coalhadinha.

— Quero coalhada meu senhor.

— Compadre Macaco, as colheres?

O Macaco foi no bisaco:

— Pronto, comadre, as colheres.

A Onça ficou com mais raiva ainda:

— É, o senhor quer ir comer quando ele chamar, vá. Eu não quero mais não.

O dono da casa disse:

— Quer não?

— Não.

— Chegue, Macaco.

— É, compadre Macaco vai. Ela não quer mais não.

— Por que você não quer comer mais?

— Porque não quero.

A Onça com raiva porque queria que o Macaco tivesse ido buscar as colheres no pé de pau como o Veado que era para ela comer a coalhada sozinha e matar o compadre de fome.

— É, eu vou comer.

O Macaco foi comer. Encheu a barriga. Terminou foi para o terreiro da casa, acendeu o cachimbo, foi fumar.

O dono da casa disse:

— É, comadre, está na hora de dormir. A senhora já sabe onde é sua dormida. Agora arranje uma dormidazinha ali para o seu compadre que ele não sabe onde vai dormir.

— É, compadre Macaco, o senhor fique aí, forre sua rede no pé da parede, vá dormir aí que eu vou lá para dentro.

— Está certo, comadre. Pode ir lá para dentro que ele vai procurar um canto para dormir.

O Macaco pegou a espingarda botou nas costas junto com a rede e o bisaco e subiu para a cumeeira da casa.

— Para onde o senhor vai, compadre Macaco? Fique aqui embaixo. O senhor está doido?

— Doido o que? Eu vou dormir trepado que eu não sei o que é que há aqui no chão. Vou dormir trepado.

— O senhor é doido. O dono da casa dormindo lá dentro mais a mulher dele e o senhor vai armar a rede aí, trepado na cumeeira da casa!

— Não se importe. A gente deve se prevenir antes do tempo. Eu, como sou um bicho antigo, dormindo no chão, encostadinho na parede, vem um bicho lá de fora e me pega. Vou dormir trepado.

O Macaco subiu assoviando, assoviando. Lá vai, lá vai assoviando: fi, fi, fi, fiu . . . fi, fi, fi, fiu . . . e a Onça com medo, mandando-o descer. E ele sem querer descer. Chegou na cumeeira da casa, armou a rede de um caibro para outro. E a Onça cada vez com mais raiva.

— Compadre Macaco, o senhor desça daí. Porque o dono da casa dormindo lá dentro com a mulher dele na camarinha e o senhor trepado aí!

— Rhum! Ele está dormindo lá mais a mulher dele e eu estou dormindo na minha rede. Eu não estou dormindo lá mais ele. Ele está no quarto dele mais a mulher dele.

A Onça com raiva, com raiva.

O Macaco deitou-se na rede, acendeu o cachimbo, pegou a se balançar para lá e para cá. E a Onça lá:

— Eu pego compadre Macaco mais tarde. Compadre Macaco está enganado com ela.

O Macaco foi dormir. Botou a espingarda na beira da rede assim e ficou espiando, fazendo que estava dormindo, roncando. Dava cada ressono que parecia que estava dormindo mesmo.

De madrugada a Onça foi ao chiqueiro dos bodes pegou o bode mais gordo que havia, chupou o sangue, chupou. E o Macaco ouvindo o bode berrando. O bode bééé, beéé, bééé! O Macaco disse:

— Comadre Onça está chupando o sangue do bode do compadre dela. Compadre Veado bem que me disse como era o negócio.

O bode era: bééé, beéé, bééé! . . . A Onça estava com fome. Com a molinga de fome. Três dias de fome. Chupou o sangue do bode, chupou, chupou todinho. Foi pegar outro bode, mais bonito que havia. Chupou o sangue do bode, chupou, chupou. Quando encheu a barriga que não cabia mais disse:

— Agora eu vou encher uma cuia de sangue e levar para sacudir em compadre Macaco para dizer que ele era quem estava chupando o sangue dos bodes.

Do jeito que ela fez com o Veado foi fazer com o Macaco. Encheu a cuia bem cheia, disse:

Agora eu vou sacudir em compadre Macaco.

Entrou em casa, e lá vai subindo, subindo, quando ia jogando a cuia com o sangue para cima do Macaco, ele já estava com a espingarda de espera. Tocou a espingarda no fundo da cuia lá vai a cuia caindo em cima da Onça. E desceu a Onça com a cuia de cabeça abaixo, bate aqui, bate acolá, bate aqui, bate acolá, aquele desespero. O Macaco meteu os pés, gritou:

— Acuda, seu Zé, que comadre Onça está acabando com seus bodes!

— Não diga uma coisa dessa, não!

O dono da casa enterrou os pés:

— Como é que é?

— Comadre Onça está acabando com seus bodes. Olhe. Eu estava deitado na minha rede só ouvi a zoada lá para os chiqueiros dos bodes: beéé, bééé, bééé! Os bodes berrando. Pensei. Aquilo é comadre Onça chupando o sangue dos bodes. Quando eu dei fé lá vinha ela com a cuia cheinha para derramar em cima de mim para dizer que era eu quem estava matando seus animais. Mas eu sou um bicho ligeiro. Quando ela vinha, eu taquei a minha espingarda no fundo da cuia e o sangue derramou-se por cima dela. Ela caiu aqui e fez carreira. Agora saia da frente e não tenha medo.

Disse que o Macaco enterrou o joelho no chão, tocou fogo na Onça: pêêêi! A Onça fez carreira no meio do mundo com medo. Mas o tiro não alcançou, pegou só na mão dela. O dono da casa disse:

— Mas está vendo! Olhe, mas como é que pode, a comadre Onça, uma mulher, tanto que eu a considerava, ela chegava aqui era mesmo que ser a dona da casa e quando acabar fazer uma coisa dessa! Foi isso que ela fez com compadre Veado. Disse que era o pobre do

Veado que estava chupando o sangue dos meus bodes, sendo ela. Agora, o que ela fez com o Veado queria fazer com o senhor também. Mas o senhor . . .

— Eu sou bicho antigo, rapaz. Eu sei quem é comadre Onça não é de hoje nem de ontem: faz um bocado de anos que eu a conheço. Ela queria matar compadre Veado de fome do mesmo jeito que quis fazer comigo. Ela conseguiu enganar compadre Veado, mas comigo se deu mal.

O Macaco queria ir-se embora. O dono da casa:

— Nada. Você não vai-se embora não. Você vai passar um bocado de tempo comigo.

— Não. Eu não posso passar tempo com o senhor não porque eu vivo no meio do mundo. Tenho minha casa, tenho meus bichos e eu não posso sair de casa não.

— Mas fique.

— Está certo. Eu vou passar três dias com o senhor.

Passou três dias conversando, conversando muito. Com três dias, despediu-se do dono da casa e deu de presente um bocado de fumo e umas espigas de milho:

— Para o senhor comer.

E foi grande festa. Se abraçou com o dono da casa, se despediu da família:

— Comadre Onça é assim mesmo.

O dono da casa ficou muito agradecido. Pelejou para o Macaco ficar mais tempo, mas ele não quis.

Despediu-se, foi-se embora.

Até hoje que espera pelo Macaco mas ele nunca mais voltou.

ANEXO 7: O reinado das caveiras (RC)

Bem, era um viúvo que morava num arrebaldezinho distante da cidade e vivia de trabalhar num roçado, Esse homem tinha três filhas – três moças bonitas! A caçula era a mais bonita das três.

Pegou a passar toda tarde uma caveira na frente da casa desse homem. A caveira fazia: tico! tico! tico!.... Vinha assim de baixo, ouviu! E subia espiando para as moças. Aquela caveira – os braços tão fininhos!... Aquelas canelas tão finas!...Ela só vinha às três horas da tarde. Aquela caveira espiando para as moças...

A moça mais velha disse:

– O que é que aquela caveira quer espiando para a gente?

A caçula disse:

– Ela quer falar com a gente.

– Se ela vier falar comigo eu dou uma carreira para dentro de casa.

A moça do meio disse:

– Eu também corro.

As duas tinham medo da caveira. A caçula disse:

–Pois eu não corro não. Eu fico para saber o que ela quer.

– Mas, fulana, tu não tens medo da caveira não?

– Tenho não.

Essa caveira ainda não tinha visto o pai das moças - há muito tempo que ela passava e ainda não tinha visto o velho. Um dia, a moça mais velha disse ao pai:

– Aqui está aparecendo uma caveira toda tarde. Ela espia para a gente e vai-se embora. Eu tenho medo dela.

A segunda:

– Eu também.

A caçula:

– Eu, não. Eu não tenho um tico de medo da caveira. Eu tenho lá medo!

O pai das moças disse:

– Agora eu vou ficar em casa que eu quero ver essa caveira.

No outro dia, o velho ficou em casa. Às três horas, lá vem a caveira. Passou, disse:

– Boa tarde!

Aquela fala bem feia. O homem respondeu

– Boa tarde!

– Eu posso ir aí?

– Pode vir.

A caveira chegou onde estava o pai das moças. As duas mais velhas correram. A mais nova ficou.

– Olha, camarada, eu não vim aqui para lhe visitar. Eu vim para pedir uma de suas filhas a casamento. O senhor, das três, me dá uma para casamento?

Aquelas duas moças estavam escondidas no meio da casa. O pai chamou pela mais velha:

– Fulana!

Ela respondeu de lá:

– Sim, meu pai!

– Você quer se casar com este rapaz?

– Deus me livre! Ave Maria! Quero lá casar com caveira! Deus me defenda!

A segunda disse logo:

– E eu pior!

A caçula disse assim:

– Eu quero. Eu quero casa com ele. Eu quero. Eu não tenho medo dele.

A caveira disse:

– Bem. Tome este dinheiro, prepare a casa bem preparada, que quando for tal dia de tal mês, eu venho para me casar. Já esteja aqui tudo arrumado: altar, padre e tudo.

Desse dia em diante a caveira deixou de passar na frente da casa das moças.

Fizeram toda a arrumação: a moça foi confessada, tudo. O homem preparou a casa d tudo. Quando chegou o dia, lá vem a carruagem cheia de caveiras – caveiras de toda qualidade. Vinha *avassalo* ali, vinham todos do reinado – todos feitos caveiras. Chegaram na

casa da noiva, desapearam todas aquelas caveiras, entraram. A moça saiu lá de dentro trajada de noiva – aquela noiva bonita chega causava espanto!

A caveira disse ao pai da moça:

– Bem, meu sogro, nós vamos na frente. Quando você ouvir uns tiros bem fortes é que nós chegamos em minha casa. Você pode se arrumar e pode ir – pode seguir aqui neste caminho que você dá na minha casa.

O sogro nem as duas cunhadas não disseram nada. A caveira levou a noiva para a carruagem e seguiram. Seguiram, seguiram. Chegou muito na frente, a carruagem parou. A caveira disse:

– É aqui. Vamos descer.

A caveira desceu e esperou pela noiva. Quando ela botou esse pé aqui, que botou o outro no chão *estabeleceu*! *Estabeleceu* aquele reinado! Desencantado com toda a riqueza. Haja tiro, haja tiro, haja tiro, haja tiro! De lá ouviram:

– Vamos agora!

– Agora, foi que a caveira chegou à casa dele.

– Vamos para a casa dele que a festa é lá.

– Vamos embora!

Arrumaram-se o velho e as duas moças e saíram. Chegaram lá, cadê caveira, cadê nada! Tinham todos virado gente: eram rainha, rei, *vassalo*, criado, todos, todos viraram gente! Caveira nenhuma. As duas moças e o pai pegaram a caçar:

– Cadê a caveira?

– Cadê a caveira que ninguém acha *ela*?

– Vamos caçar no palácio.

E hajam caçar por todo canto e nada de acharem a caveira. Um *avassalo* viu aquele velho com as duas moças, perguntou:

– O que é que vocês estão caçando?

– Nós estamos procurando a caveira. Uma caveira que casou com minha filha e disse que eu viesse para aqui para a festa. E nós não encontramos nem a minha filha nem a caveira.

– Venha cá, venha cá que eu vou lhe *amostrar* a caveira e sua filha.

Saíram assim, estavam eles dois num salão – ela trajada de rainha e ele como rei.

– Estão aí a caveira e sua filha.

As duas moças mais velhas ficaram doidas:

– Ah! Se eu soubesse, tinha me casado com a caveira!

A irmã caçula disse:

– Agora é tarde. Vocês tinham medo da caveira, disseram que não queriam se casar com ela e mangavam porque eu me casai com uma caveira... Está aí agora: Eu feita uma rainha e vocês sem nada.

E a felicidade foi para ela.

Pronto.

ANEXO 8: Os três soldados que fugiram da guerra (TSFG)

Bem, era um rei que foi guerrear muito longe e levou todo o seu exército. A guerra estava feroz, então um soldado raso, - que soldado raso é encapetado, de prosa – chegou onde estavam um alferes e um major e disse:

– Eu tenho muita experiência comigo. Vamos fugir daqui que o rei não vai vencer essa guerra e nós vamos morrer.

O soldado raso, o alferes e o major se juntaram e ganharam o meio do mundo, as montanhas. Chegaram muito na frente, tinha uma encruzilhada: um caminho ia assim e outro assim e tinha uma espingarda velha e um facão velho no chão. O soldado disse:

– Eu vou levar essa espingarda e esse facão velho para mim. Essa espingarda e esse facão vão me servir bem.

O alferes disse:

– Isso serve para nada! Você é um tolo.

Os três seguiram viagem. Entraram numa mata esquisita, aqueles cipós intricados, o soldado haja a danar o facão abrindo o caminho:

– Olhe seu alferes, o que foi que eu disse! O facãozinho está servindo agora.

– Está muito certo.

Passaram vários dias andando dentro dessa mata, com muita fome, o alferes disse assim:

– Soldado, sobe num pé de pau para ver se tu vês algum sinal de gente por aqui.

O soldado subiu:

– Seu major e seu alferes, estou vendo uma fumacinha muito longe.

– Vamos pra lá! Vamos pra lá!

Eles tocaram no meio do mundo para o lado da fumacinha. Deram numa casa e ficaram os três ali. Com pouco tempo que eles tinham chegado, ouviram uma sineta; tilingo!, tilingo! tilingo! O soldado:

– Seu major, seu alferes, estão chamando nós.

– Cala a boca soldado raso!

– Vamos seu Alferes. Estão chamando nós. Eu vou.

Então ouviram uma voz dizer:

– Aí tem um banheiro para tomar banho e trocar de roupa para fazer a refeição.

Eles foram tomar banho, se prepararam, a sineta tornou a tocar.

– Vamos, seu alferes. Está chamando. Eu vou, que eu estou é com fome.

Foram os três. Estava a **mesada** completa de toda qualidade de comida. Sentaram-se à mesa e cearam, que era de noite. Não viram ninguém. Acabaram de cear, ouviram uma voz:

– Aí tem violão para tocar, tem livro para ler...

Então começaram a ouvir música – um tocava violão, outro clarinete, mas não viam nada. E o barulho de pés arrastando, dançando, sem eles verem quem era. Mas tarde a voz disse:

– Bem, tem Três camas: para cada um, uma cama. Vão dormir que vocês estão cansados.

O soldado raso que era encapetado:

– Eu vou dormir que eu estou com sono. Eu não dormi mais nunca numa cama. Vamos seu alferes. Vamos dormir seu major.

O major disse:

– Eu também vou.

O soldado raso entrou no quarto, estava aquela cama forrada, decente, direita. Ele deitou-se. O major deitou-se em outra e o alferes em outra. Cama um em sua caminha. Nessa noite eles não viram nada – todos três enfadados de andar. Dormiram a noite toda. Acordaram no outro dia, tomaram café da manhã, almoçaram e cearam. Comida boa, cama para dormir, banheiro para tomar banho. Os três soldados ali muito satisfeitos.

– Aqui eu estou muito bem.

Já estavam desenfadados.

– Vamos dormir que é hora.

Eles foram dormir. Quando estavam dormindo, chegou uma patinha na cama de cada um e deitou-se. O soldado raso disse assim:

– Oxente! Isso é um negocinho que nem uma galinha!

O alferes passou a mão:

– Galinha não é... não é galo...

O major:

– Os pés são de pelhas...

E aquelas patinhas dormiram mais eles. Também não disseram mais nada. Amanheceu o dia, as patinhas foram-se embora pra o rio onde elas viviam. Passou-se o dia sem faltar nada para eles. Na outra noite foi do mesmo jeito – quando eles estavam dormindo as patinhas chegaram. Na terceira noite, quando as patinhas chegaram, o soldado estava acordado. Disse:

– Seu alferes, já chegou lá?

– Já, soldado.

– Seu major, já chegou lá? Que a minha chegou.

O major acordou-se com aquilo e sacudiu a pata dele no chão. Oh, não prestou não! O alferes era muito paciente, mas o major não. A patinha disse ao alferes:

– Olha, se tu quiseres me ver agora é na cidade da Ponte de Marfim.

As três patinhas foram-se embora e a casa com tudo desapareceu. De repente eles se viram no meio da mata sem saber o que fazer. O alferes não disse nada que a patinha tinha dito. E aquele major ficou mal satisfeito com ele. Queria amarrar o alferes num pau, queria matar. E o alferes sem dizer nada. Ele era comportado, paciente e o major era vexado, n~/ao sabia de nada. No outro dia, eles foram viajar. Andara, andaram, andaram, aperreados com fome já. O major:

– Tão bem que eu estava!

O major era reclamando. Por causa disso, aquilo, aquilo outro.

E o alferes:

– Calma.Tenha paciência.

O alferes só fazia dizer isso, não dizia mais nada.e eles andando. Hajam andar, hajam andar, hajam andar...não sei quantos dias de viagem por dentro da mata. O major disse:

– Soldado, assuba num pau para ver se você vê uma casa senão nós morreremos de fome dentro dessa mata.

O soldado atrepou-se num pau bem alto:

– Major, eu estou vendo uma torre branca muito longe!...

Era a cidade da Ponte de Marfim, o reinado das três patinhas.

as patinhas já tinham chegado lá no reinado. Ficaram vivendo no rio caudaloso que tinha a ponte de marfim.O rei sabia que as três filhas dele estavam encantadas cada uma numa patinha.Quando aquelas três patinhas apareceram no rio, cada uma com um ovinho no bico, o rei botou por voz de fama que aquele que desencantasse as princesas casava com uma delas.

Agora, para daesencantar as princesas tinha que quebrar o vinho que cada uma patinha trazia no bico.

O soldado, o alfeares e o major se botaram para a cidade, se botaram para lá... se botaram, se botaram. Chegaram na beira do rio estava aquela multidão.O que era de rapaz, toda qualidade de homem– só não era homem casado, que homem casado não podse casar duas vezes– estava na beira desse rio.Rio fundo para atravessar era na ponte de marfim. Para ir para o palácio do rei passava na ponte de marfim.

Nisso chegou o rei naquela carruagem.O rei com desgosto, só queria achar quem desencantasse aquelas três princesas. Estavam as três patinhas no rio pra riba e pra baixo. O alferes, que já sabia de tudo, espiou assim:

– Muito bem. Que festa é essa aqui?

– É o rei que chegou para assistir ao desencanto das três princesas fillhas dele. Quem desencantar uma princesa, casa com ela.

– É.

O rei mandou os homens fazer fila.Fizeram uma fila de um em um. Cada um atirava com uma balazinha levezinha para não ofender às patinhas. Um atirava, errava, saía. Vinha outro, errava. Até o derradeiro atirou e nada. Não tinha quem acertasse. Aí, o guarda viu os três soldados assim, disse:

– Vão para a fila! Vão para a fila. Aqui não tem qualidade.

Eles três foram para a fila. E o rei assim na carruagem prestando atenção. O soldado disse assim;

– Tome, alferes, essa espingardinha, dê um tiro.

Ele atirou. Oh! Nunca passou nem por perto! O major disse assim:

– Soldado raso, agora quem vai atirar sou eu.

Atirou. Nada. Aí o soldado gritou:

– Minha gente toda! Minha gente toda! Eu vou desencantar as princesas. Agora sou eu!

Fez pontaria, fez pau! Oxente! Performaram-se aquelas três patinhas em três princesas lindas! Quem foi? Quem não foi?

Aquele rei abraçou aquele soldado, aquele alferes, aquele major e botou na carruagem pra levar para o palácio. Lá a música foi tocando, ajuntou-se gente. Quando chegaram no palácio, o rei disse:

– Bem, vão se banhar para se trajas de príncipes.

Os três foram-se banhar e trajar de príncipes. Trajaram-se de príncipes e se apresentaram na sala:

– Agora, cada um de vocês vai se casar com uma princesa.

O alferes disse:

– A gente vai se casar com as princesas e ficar morando aqui no palácio?

– Não. Se algum de você quiser, fica comigo. Mas eu vou mandar preparar casa para cada um de vocês.

Casou-se uma princesa; com uns dias casou-se a outra e depois a outra. A derradeira que se casou foi a caçula, que ficou no palácio do rei e as outras foram morar cada uma em sua casa.

E foram viver muito bem.

Acabou-se.

ANEXO 9: O papagaio encantado (PE)

Um viúvo casou-se pela segunda vez. Da primeira mulher ele tinha uma menina e a segunda esposa duas filhas. A filha do homem foi crescendo, foi crescendo... As filhas da madrasta pegaram a judiar com a menina. Davam bofete, muxicão. A bichinha dizia:

– É, se eu tivesse mãe, não era judiada assim. Como eu não tenho mãe, sou judiada.

Agora, o pai dela gostava muito da filha.

A menina foi crescendo. Um dia, o pai dela foi para feira, a menina pediu:

– Meu pai, me traga de lá um passarinho.

– Está certo minha filha.

Todo o gosto o pai fazia a filha. Caçou o passarinho e não achou na feira. Quando vinha de volta, tinha um papagaio num galho de pau: “Eu vou levar esse papagaio para minha filha.” Pegou o papagaio, botou no ombro e levou pra casa. Um papagaio novo, pequeno. Chegou em casa entregou o papagaio á filha:

– Tome, minha filha. O que eu achei para lhe trazer foi este papagaio.

– Muito bem meu pai. Tão bonitinho!

Pegou a criar. Aquelas meninas da madrasta pegaram a judiar com o papagaio, bolindo com o bichinho. Ela só vivia com ele para as meninas não judiarem.

Crescia o papagaio e crescia ela.

– Ô papai, me faça uma casinha que eu quero morar sozinha mais meu papagaio. Quero morar sozinha num cantinho.

O pai fez uma casinha para ela morar. Então uma amiga, da mesma idade, que morava perto dela, disse:

– Fulana, tu vais morar naquela casa sozinha?

– Vou.

– Eu vou dormir **mais tu**.

A amiga pegou a dormir mais ela. E ela já se formando de moça, o papagaio grande. Quando ela se formou de moça e o papagaio se formou de rapaz (que era um príncipe encantado), uma noite ele disse a ela:

– Fulana, aquela sua amiga é falsa. Ela vai **lhe** trair e lhe fazer um grande mal.

– Nada. Vai não. Ela gosta muito de mim.

– Quem?! Você vai me dizer mais tarde.

Passou-se. Uma noite o papagaio disse:

– Olhe, encha uma bacia d'água e bote perfume dentro pra eu me banhar.

Ela fez tudo como ele pediu. Mais tarde, ela estava dormindo no quarto com a outra, o papagaio voou de lá pra bacia e tomou banho. Rabiscou as penas na água, ficou amarelinha daquelas moedinhas de ouro bem bonitinhas. A amiga estava acordada, viu tudo: "Ah! O papagaio é rico! Que as penas dele quando fazem assim cai ouro! Aquilo, cai ouro!... "(Era sabida, ouviu! Era da idade da amiga, mas era sabida)". Ah! Eu vou fazer um serviço.

Na outra noite, a moça pegou, botou a bacia com a água perfumada para o papagaio se banhar. A outra chegou, botou uma navalha dentro da bacia. Tarde da noite, quando o papagaio voou que pousou dentro da bacia, feriu os pés na navalha.

–Ah, ingrata! Tu dobraste meus encantos. Tu não me desencantas mais. Se tu quiseres me ver um dia, terás de me procurar no Reino da Torre de Brilhante.

O papagaio voou pela janela e foi-se embora. A moça ficou chorando em desespero.No outro dia ela foi onde estava o pai e disse:

– Papai, eu vou embora pelo mundo.

– Minha filha, como é que você vai sair pelo mundo sem destino?

– Eu vou me distrair pelo mundo.

Saiu pelo mundo. Anoitecia, ela chegava numa casa pedia uma dormida, o povo dava. Ela dormia, no outro dia seguia a viagem. Andou, andou, andou... muito tempo ela andou.

Agora, o papagaio chegou no reinado dele e desencantou-se. Mas, ficou doente dos ferimentos com a navalha e não havia jeito de curar aquelas feridas. O rei, pai dele, botou voz de fama que quem pusesse o príncipe bom, casava com ele. Aí uma princesa tomou conta do príncipe, tratando das feridas para ver se ele ficava bom para casar com ela. E ficou lá a princesa tratando do príncipe –quando mas tratava, mas a ferida abria.

E a moça viajando, procurando o Reino da Torre de Brilhante. Mas ninguém dava notícia.

Com muito tempo, ela vinha chegando num lugar, deu na casa de uma fada à boquinha da noite. Pediu arrancho:

– Ah, minha netinha! Que anda fazendo por aqui?

– Minha avozinha, eu ando a procura de uma cidade que tem uma torre de brilhante. É chamada Reino da Torre de Brilhante.

– Ah, minha filha, é muito distante! Para você chegar lá demora muito. Demora uns poucos de dias.

– Está certo.

– Olhe, minha netinha, lá tem um príncipe que está muito doente. O rei botou voz de fama que quem pusesse o príncipe bom, casava com ele. E tem uma princesa que está tratando dele para se casar com ele. Mas não casa não, porque quanto mais ela trata dele, mais a ferida inflama. Amanhã, minha netinha, eu vou lhe dar três objetos para você levar. Amanhã, quando você seguir viagem.

– Está certo, minha avozinha.

(Ela nem sabia que era uma fada. Sabia nada!)

No outro dia de manhã, a moça preparou-se para seguir viagem. A fada chegou, deu a ela três objetos:

– Pegue este leãozinho de ouro, este bezerrinho de ouro e esta almofadinha com brilhinhos com renda de ouro. Leve também este pozinho para botar na ferida do príncipe.

A moça tinha dinheiro guardado. Pegou aquele dinheirinho deu à fada. Ela ficou muito satisfeita com a moça:

– Ah, minha netinha, você vai ganhar tudo o que quiser!

Ela fez um pacote com os objetos que a fada deu e cascou-se no meio do mundo. Andou, andou, andou, andou... Chegou num lugar onde tinha uma cacimba em que as criadas do palácio vinham buscar água, sentou-se assim debaixo dum pé de pau e ficou. Chegou, botou o leão de ouro assim num cantinho, em cima de umas pedras dessa altura. Lá vem uma criada do palácio do rei:

– Ah, que leão de ouro bonito! Bom da princesa quando se casar com o príncipe botar na banca dela.

– E, é?

– É.

A criada voltou para o palácio.

– Princesa minha senhora! Olhe, eu fui ver água. Lá na cacimba tem uma peregrina com um leão de ouro tão bonito que só presta para a princesa minha senhora quando se casar, servir de enfeite.

– Vá perguntar a ela se quer vender.

A criada foi perguntar à moça se ela vendia o leão de ouro. A moça disse:

–Não vendo, como dou se ela deixar eu dormir uma noite no quarto do príncipe.

A criada voltou!

– Princesa minha senhora, ela disse que não vende como dá se **deixar ela** dormir mais o príncipe.

– Está bêbada! Eu mando **matar ela**!

– Nada princesa! A senhora ganha o leão de ouro. Quando ela chegar, dá dormideira a ele e ele não vê.

– Pois vá dizer a ela que venha às seis horas.

A criada voltou lá, acertou tudo com a moça. Às seis horas ela chegou:

– Tome, princesa, o leão de ouro é seu.

Antes da moça entrar no quarto do príncipe, a princesa foi e deu um copo de dormideira a ele. A peregrina entrou no quarto, fechou a porta, ficou lá dentro com o príncipe. Ela pegou, botando o remédio naquelas feridas e dizendo:

– Ô príncipe Papagaio, tu não disseste que se eu quisesse te ver viesse ao Reino da Torre de Brilhante! Eu andei tanto, príncipe, e tu não falas! Que sono pesado é esse?

Pronto, amanheceu o dia!

– Peregrina, fora!

Ela saiu. Chegou lá na cacimba botou o bezerro de ouro de mostra na pedra. A criada:

– Oh, que coisa linda esse bezerro de ouro! Só presta para princesa no dia em que se casar.

Foi contar a princesa o que tinha visto. A princesa mandou a criada saber se a peregrina vendia o bezerro de ouro:

– Diga a princesa que eu não vendo como dou, se eu passar a noite no quarto do príncipe.

A criada levou a proposta à princesa:

– Está bêbada! Eu mato essa peregrina atrevida!

– Nada, princesa. Ela já dormiu uma noite. A senhora dá a dormideira, que ele não **vê ela**.

– Está certo.

Lá foi a criada chamar a peregrina:

– Traga o bezerro de ouro.

Ela foi:

– Tome, princesa, pra senhora.

Antes da peregrina entrar no quarto do príncipe, a princesa deu um copo de dormideira a ele. Ela entrou, fez o curativo com o pozinho que a fada tinha dado. Era fazendo o curativo no pé do príncipe e ele melhorando. Disse:

– Oh, príncipe Papagaio, tu não disseste que eu quisesse te ver viesse ao Reino de Brilhante! E já são duas noites com essa e tu dormindo, não acordas!

Ele calado, dormindo. Parede-meia do quarto do príncipe dormia um vassalo. Ouviu aquela reclamação nas duas noites. (Só faltava uma, ouviu! Eram três noites). Bem cedinho, a peregrina foi embora lá para a cacimba. O vassalo veio visitar o príncipe.

– Ô príncipe meu senhor, olhe, eu já ouvi duas noites uma revelação. Uma voz de mulher diz: Ô príncipe Papagaio, tu não disseste que se eu quisesse te ver viesse ao Reino da Torre de Brilhante! Já são duas noites e tu não falas. Que sono pesado é esse?" Já são duas noites que ouço essa voz. Príncipe, eu vou lhe dizer: é dormideira que estão lhe dando. O senhor faça que bebe e não beba. É dormideira que a princesa está lhe dando para o senhor não conhecer a moça.

Ele já ficando quase bom dos cortes.

Lá na cacimba, a peregrina botou em cima da pedra a almofadinha de ouro, com os brilhinhos, com as rendinhas, tudo de ouro. Aquela almofadinha bonitinha! A criada foi ver água, voltou correndo para o palácio:

– Princesa! Ela botou uma almofadinha de ouro, que é uma coisa mais lindo do mundo! Só está bom para a princesa minha senhora no dia em que se casar servir de enfeite.

–Negra, vá lá falar para comprar.

A negra foi:

– A princesa disse que quer comprar.

– Não vendo como dou, se ela deixar eu passar outra noite no quarto com o príncipe.

A criada voltou.

– Vá, negra. Diga a ela que venha. Traga às seis horas.

A peregrina chegou com a almofadinha de ouro com os brilhinhos, entregou a princesa:

– Pronto, princesa minha senhora, o seu presente.

A princesa disse:

– Mas **deixe eu** entrar no quarto primeiro.

Olhe! Era sabida. Foi dar o copo de dormideira ao príncipe:

– Agora entre.

A peregrina, quando entrava no quarto do príncipe, fechava a porta por dentro. Ninguém entrava. Ela chegou, foi tratar do príncipe, botar aquele pozinho no ferimento. Ele fez que estava dormindo. Dessa vez, ele não bebeu a dormideira não. E viu a moça tratando, botando o pozinho nas feridas dos pés dele. Ela pegou a dizer:

– Ô príncipe Papagaio, tu não disseste que se eu quisesse te ver viesse ao Reino da Torre de Brilhante! Já são três vezes que eu venho aqui e falo toda a noite e tu não dizes nada. Tu disseste que eu era ingrata. Ingrato és tu!

Ele abriu os olhos:

– Ah, É você? Por aqui?

– É. Eu vim a tua procura. Quem tem amor anda a vida inteira e nunca se cansa. Eu nunca me cansei de andar atrás de ti.

– Pois está certo.

Ficou ela. No outro dia, a princesa bateu na porta do quarto pra ela sair:

– Peregrina fora!

O príncipe disse:

– Peregrina, dentro!

Ela abriu a porta, o príncipe disse à princesa:

– Pode ir-se embora. Meu pai vai telegrafar para o reinado do seu pai pra ele mandar buscar você. Eu não quero me casar com você não, que quem eu queria já apareceu. Essa aqui teve muito trabalho comigo, acabou de me criar. Eu tenho que me casar com ela, que não vou pagar firmeza com ingratidão.

Telegrafaram para o pai da princesa vir **buscar ela**. Ela muito zangada, foi-se embora para o reinado dela.

A moça ficou com os três objetos, que eram dela mesma, casou-se com o príncipe e foi viver uma vida maravilhosa. O rei e a rainha gostavam muito dela, que desencantou o filho. Ela ficou morando no palácio. Uma pobrezinha, ouviu! Casou-se, teve a felicidade de arranjar aquele príncipe, porque era uma boa filha, gostava muito do pai. Criada sem mãe! Deus deu uma felicidade a ela muito grande, até o fim da vida.

ANEXO 10: O reinado dos leões (RLE)

Um rei tinha três filhos já rapazes e no reinado havia uma fada que tinha três filhas mocinhas. As filhas dessa fada se interessavam em namorar com os príncipes, mas eles não queriam.

– Nós não podemos namorar com vocês. A mãe de vocês é uma fada e se nosso pai souber que nós estamos namorando com vocês ele fica mal satisfeito. E nós somos muito obedientes a nosso pai. Vocês acabem com isso.

– Deixe estar! Nós vamos mandar nossa mãe dar um castigo a vocês!

As filhas da fada se desvaneceram dos príncipes, mas juraram vingança.

Um dia, os três príncipes estavam assim num canto deu aquele pé de vento, **performaram-se** cada num leão − três leões, três feras tiranas! Os leões foram para as matas, desapareceram os príncipes do reinado. O rei mais a rainha ficaram doidos, que os filhos tinham desaparecido.

Então, o rei mandou botar uma bandeira encarnada pedindo guerra e uma bandeira preta de sentimento, que os três filhos tinham desaparecido.

Um conselheiro vendo o desespero do rei, disse:

– Rei, meu senhor, em tal parte assim, assim, tem umas fadas. Vá lá para ver o que as fadas lhe dizem.

O rei mandou preparar um cavalo bem selado, foi bater na casa das fadas. Chegou lá, bateu palmas, as fadas saíram:

– Ah! Rei meu senhor, já sei a que o senhor veio.

– Eu vim saber se vocês me dão notícias de meus três filhos que desapareceram lá do reinado e ninguém sabe de nada.

– Rei meu senhor, eu vou lhe dizer: cada um virou-se num leão e ganhou as matas.

– Mas, fada, me diga uma coisa: e quando é que esses meus filhos se desencantam?

– Ah, rei, vai custar muito! Não é agora não. Isso foi uma vingança das filhas da outra fada.

O rei agradeceu às fadas e voltou para o palácio. Chegou lá, mandou soltar boletim por todos os lugares avisando que quem visse três leões, não matassem não que eram os filhos dele.

Passou-se, passou-se. Com muitos anos, num lugar muito distante, tinha um homem que tinha três filhas moças. Um dia, a mais velha disse assim:

– Ô papai, vamos passear? Me deu vontade de passear nessa estrada. Um sombrio tão bom de passear

–Minha filha, que invenção é essa! Você nunca quis passear nessa estrada, por que hoje está com essa invenção?

– Ora, papai, é porque é na fresca. Esse sombrio agora de manhã é bom da gente passear.

Aquela estradona larga, com aquele sombrio de manhã! O pai, para fazer o gosto da filha, foi. Saíram passeando naquela estrada. Muito na frente, tinha aquele pezão de pau, quando eles iam passando caiu uma fruta no chão − uma fruta da cor de uma maçã. Ela disse:

– Papai, ê que fruta bonita!

Apanhou a fruta e cheirou. A fruta **performou-se** naquele leão e carregou a moça − foi-se embora. O pai botou as mãos na cabeça, que o leão tinha carregado a filha para devorar. Voltou para casa no maior desespero do mundo.

O leão era o príncipe mais velho. Levou a moça para uma cidade. Quando chegou perto da cidade − O Reinado dos Leões − Ele parou e disse assim:

– Moça, você vá nessa rua, vá, vá, vá, vá, quando encontrar um palácio grande, bonito, é o palácio do rei − você peça emprego. Não queira emprego em outro canto não. Só queira no palácio do rei. Chegue lá, procure a rainha, e diga assim: “Olhe, rainha minha senhora, me dê um empreguinho, que eu sou uma peregrina, preciso de trabalhar.” Agora não vá dizer nada sobre o passado − nem sobre você, nem sobre mim. Senão dobra meu encanto.

–Está certo.

O leão foi-se embora para onde estavam os outros irmão e a moça saiu, saiu, deu no palácio do rei. Chegou lá, pediu emprego à rainha, como o leão havia mandado, ficou trabalhando no palácio.

Com um ano, a outra moça lá, encostada à mais velha, disse assim:

– Minha mãe, eu estou com vontade de ir passear.

–Minha filha, que conversa é essa! Hoje faz um ano que minha filha mais velha foi passear e desapareceu. Até hoje!

–Mas, minha mãe, por ela ter desaparecido eu não vou desaparecer não. Se minha mãe não for, eu vou sozinha.

A mãe, para fazer o gosto da filha, foi mais ela passear. Chegaram no dito pezão de pau, caiu aquela fruta. Ela disse:

– Ô que fruta bonita!

Apanhou a fruta, cheirou − a fruta **performou-se** naquele leão, carregou a moça.

– Valha-me! Volta aqui!

A mãe doidinha!

– Eu bem que não queria vir! Foi o mesmo que se deu com a minha outra filha! Agora são duas, meu Deus! Só ficou a caçula.

E gritava, e gritava! Voltou para casa naquela agonia.

O leão carregou a moça para a mesma cidade onde estava a irmã. Chegou lá, disse:

– Você vá procurar emprego no palácio do rei. Olhe, se descarte, não diga nada a ninguém. Guarde esse segredo senão você perde o que tem para ganhar.

O leão foi-se embora para a mata, onde estavam os dois irmãos. A moça foi para o palácio, pediu emprego, a rainha deu. Encontrou-se com a irmã.

– Fulana, e tu chegaste aqui também?

Faz um ano que eu cheguei aqui. E tu, como chegaste aqui?

– Ah! Me deu vontade de andar pelo mundo.

Ficou calada, não disse nada. A outra irmã também não falou nada. Ficaram as duas irmãs trabalhando no palácio.

Passou-se, passou-se. No outro ano − está fazendo três anos − a derradeira, a caçula − a mãe ficou com o maior cuidado do mundo naquela moça e o pai não deixou mais nunca ela pender para o lado da estrada − disse assim:

– Ô mãe, a senhora não quer que eu vá andar nessa estrada. Se a senhora não for comigo, eu vou sozinha.

– Minha filha, não vá não. Hoje faz um ano que sua irmã desapareceu. Agora você quer andar na estrada!...

– Vou, minha mãe.

Ficou por ali, a mãe se esqueceu daquilo, ela foi sozinha passear naquela estrada. Quando a mãe procurou aquela moça, cadê? O outro leão carregou − fez as três. A mãe chegou, deu o alarme:

– Fulana! Por caridade, cadê minha filha!

Caçou naquela vizinhança todinha, nada!

O leão levou para o mesmo canto onde os outros tinham botado as duas irmãs. Chegou lá, disse:

– Bem, fulana, fique aqui. Vá procurar emprego no palácio do rei. Olhe, quando for daqui a seis meses, cada uma de vocês tem um aviso para desencantar nós três.

O leão foi-se embora para onde estavam os outros dois irmãos e a moça seguiu para o palácio do rei. Chegou lá, pediu emprego à rainha, ela deu. Ela se encontrou com as outras duas irmãs, mas não disse nada do que tinha se passado. Nenhuma disse nada a outra. Ficaram, ficaram. Com seis meses que a derradeira irmã tinha chegado, elas três estavam assim debaixo de um pé de pau, em frente do palácio, ouviram uma voz dizer:

– Cada uma de vocês peça uma espada virgem ao rei − uma espada que nunca foi usada. E peçam também para fazer um cercado. Vocês vão lutar cada qual com um leão. Quando tirar sangue do leão com a espada virgem, o príncipe se desencanta. Digam que é para fazer a festa em três dias. Na hora, quando estiver tudo pronto, os leões chegam no cercado.

Aquela voz desapareceu. Elas compreenderam tudo e voltaram para para o palácio.

– Fulana, será bom a gente dizer à rainha ou dizer ao rei?

A mais velha disse assim:

– Dizer ao rei e dizer à rainha. Vamos ver o que o rei responde à gente.

Elas foram onde estavam o rei e a rainha, que gostavam muito delas. A irmã mais velha disse:

– Rei meu senhor, eu vou lhe pedir uma coisa. É para o senhor fazer meu pedido como sem falta.

O rei disse assim:

– Faça. Você não é a empregada de meu palácio há tanto tempo!

– Sou.

– O pedido de você faço.

– Rei meu senhor, daqui a três dias eu quero dar um festim lá naquele pátio...

De frente do palácio tinha um **paitão**, que dava muito bem para lutar com os leões.

– Rei meu senhor, quero uma espada virgem, que nunca foi usada.

A outra disse:-

– Rei meu senhor, eu também quero uma espada que não foi usada.

A caçula disse assim:

– Eu quero outra – uma espada que nunca foi usada.

– Para que vocês querem cada uma espada?— Não se importe não, rei meu senhor. Na hora o senhor vê o que é que vai se dar. Rei meu senhor, nós queremos que o senhor mande fazer lá um circular, como um cercado. As pessoas todas ficam fora do cercado. Somente nós três entramos no cercado.

O rei falou assim:

– Oxente, Rainha! Que é que vem a ser uma coisa dessa? Vamos ver o significado, o que vem a ser isso!

A irmã mais velha disse:

– Rei meu senhor, olhe, leve uma carruagem com banda de música que depois a festa vai ser maior, outra festa!

O rei mandou fazer o cercado lá no pátio em frente do palácio como as moças haviam pedido e soltou boletim para todo canto do reinado convidando o povo. No dia, **ajuntou** foi gente − todo mundo em redor do cercado! O pessoal do reinado todinho. E a banda de música também veio.

Quando estava tudo pronto − tinha um guarda que dava um apito para as três moças entrarem no cercado − o guarda apitou, elas marcharam para o centro do cercado. Chegaram lá, a irmã mais velha disse, bem alto para todo mundo ouvir:

– Os três príncipes encantados cada um num leão apareçam para lutar conosco!

Quando deram fé, chegaram aqueles três bichões! Cada um pegou a lutar com uma moça. Os leões avançavam, as moças negavam o corpo, escapoliam. A luta maior do mundo! Na primeira oportunidade, a mais velha feriu o leão nas costas − deu aquele golpezinho; a outra feriu o outro na pata e a caçula na perna. Quando os três estavam feridos, aí **estabeleceram** aqueles três príncipes! E elas cada qual com sua espada na mão, que era para ficar assim ao lado do príncipe e dar provas de que tinham desencantado − Tinha que ficar assinalado.

Aí foi uma grande festa. Todo mundo alegre, feliz, disseram:

– Viva as três moças! As três moças pobrezinhas, desencantaram os três filhos do rei, os três príncipes!

Isso foi uma grande felicidade para essas três moças! Um conselheiro fez um discurso bonito, como seu Altimar fez aqui naquele dia. Acabar foram para a carruagem os três príncipes e as três moças juntos com o rei e a rainha. E a banda de música pegou a tocar − e haja tocar música até chegar no palácio! Chegaram no palácio, a rainha disse às três moças:

– Vocês vão lá pra dentro tomar banho e se trajar de princesas.

Elas entraram, foram tomar banho, já voltaram vestidas de princesas e cada qual ficou ao lado do seu príncipe palestrando, se divertindo na festa. E foi muita festa. Ficaram logo morando no palácio. Com uns poucos dias fizeram o casamento dos três príncipes com as três moças. Mas não foram todos no mesmo dia não. Casaram-se o príncipe mais velho com a irmã mais velha num dia, com oito dias houve o casamento do segundo príncipe com a irmã do meio e com mais oito dias do príncipe caçula com a derradeira irmã.

Cada casamento era uma festa que o rei fazia − músicos de toda qualidade: um tocava harmônica, outro zabumba, outro realejo, outro gaita, era uma festa muito grande; tanto dos ricos como dos pobres. Os ricos, a festa deles era separada − era um violão bom; e daqueles pobres eram os instrumentos mais fracos. E era um festão!

Os dois príncipes mais velhos foram com as mulheres cada qual para um palacete, mas a irmã caçula disse assim:

–Eu fico aqui, mais minha sogra e meu sogro.

Ficou morando com o marido no palácio do rei.

Agora vamos ao irmão das moças. Quando a derradeira moça desapareceu, a mãe delas estava em dias de dar à luz. Com dois dias ela descansou de um menino. Ela botou o nome do menino de Minervino. Ele era alvo, muito bonito e a mãe tinha grande amor por Minervino − esse menino foi criado com muito zelo. Quando Minervino já estava assim grandinho, perguntou à mãe:

–Mas, minha mãe, me diga uma coisa: eu não tenho irmã nem irmão não?

– Você tinha três irmãs, meu filho. Todas três desapareceram. Foram dar um passeio e desapareceram. Primeiro desapareceu a mais velha, depois a do meio e por fim a caçula. Cada ano desaparecia uma.

– O quê? Minha mãe, quando eu estiver grande vou atrás de minhas irmãs.

Minervino nunca se esqueceu daquilo. Quando estava com quinze anos, ele disse:

– Mãe, agora eu vou atrás de minhas três irmãs. Se eu der com elas, eu volto; se não der, fico lá mesmo no meio do mundo.

– Mas meu filho, não faça uma coisa dessa! As suas três irmãs sumiram até hoje, você também quer me deixar?

– É o jeito minha mãe.

Minervino pegou uma rede, coberta, umas coisinhas e tacou-se no meio do mundo sem saber de mais nada. Ficaram mãe e o pai, os dois sozinhos. E Minervino andando no meio do mundo − passava três meses num canto, quatro noutro, seis noutro, indagando, procurando as irmãs.

“Eu não vou ficar em cidade nenhuma. Algum dia eu encontro minhas irmãs” Ele nem mesmo conhecia as irmãs, porque quando ele nasceu elas já haviam desaparecido.

Assim, esse rapaz andou cinco anos. Em todo canto ele perguntava pelo Reinado dos Leões.

– O Reinado dos Leões é muito na frente.

Ele seguia em frente. Saiu de casa com quinze anos, já estava com vinte anos. Então, deu numa cidade muito elevada − era o Reinado dos Leões!”Eu vou caçar emprego para ficar num cantinho só”. Foi procurar emprego no palácio do rei. Chegou lá, bateu, saiu o guarda. Minervino perguntou pela rainha, pelo rei.

– Estão lá dentro no salão.

– Seu guarda, vá dizer ao rei e a rainha que venha cá que eu ando pelo mundo trabalhando para me manter. Eu preciso arrumar um trabalho para arranjar dinheiro para me manter.

O guarda foi falar com o rei. Com pouco chegou o rei:

– Moço, que é que procura pelo mundo?

– Rei meu senhor, um trabalho. Faz cinco anos que eu ando a procura desse Reinado dos Leões.

– Tem. Aqui tem trabalho. Você trabalha aqui e trabalha nas casas de minhas noras.

(Das irmãs! No jardim das casas delas)

– Porque tem dois jardineiros, mas não dão para fazer o trabalho. Porque trabalham aqui e nas casas de minhas noras. Com você vai dar muito bem.

Ficou Minervino. Foi. Aceitaram muito bem − ele trabalhava no palácio do rei e nos palacetes das duas irmãs, sem conhecer. Quando foi um dia, ele estava aguando aquelas flores, chegou uma mulher disse assim:

– Ah! Princesa minha senhora, esse seu jardineiro já parece com a senhora! Uma pessoa que veio de fora... Só sendo irmão.

A princesa disse assim:

– Aparência não é certeza.

Ficou. Um dia, juntaram-se as três irmãs no jardim do palacete de uma delas, enquanto o rapaz estava trabalhando. Uma delas disse:

– Dona fulana veio aqui fazer uma visita a mim e disse que Minervino parece muito comigo. Eu disse a ela que aparência não é certeza. Vamos especular a vida daquele rapaz?

Elas foram falar com Minervino.

– Ô Minervino, me diga uma coisa: você é desses arrebaldes por aqui ou é de mais longe?

– Princesa minha senhora, eu sou de tão longe. Olhe, eu andei cinco anos para chegar aqui. Eu saí de casa a procura de minhas três irmãs que desapareceram. Quando eu saí de casa, disse a minha mãe que só voltava se encontrasse as minhas irmãs. Se não encontrar, eu não volto nunca mais.

A irmã mais velha pegou a especular:

– Me diga uma coisa: como se chama seu pai?

– Francelino.

O nome do pai delas.

– E sua mãe?

– Angelina.

A mãe delas.

– Onde é que você mora?

– No Pauzinho Cacunda.

(Que nessa estrada tinha um pau que tinha uma cacunda − o povo botou esse apelido naquele lugar)

A irmã mais velha disse:

– Oxente! Essa velha chamada Angelina é minha mãe e Francelino é meu pai! Mas quando eu saí de lá, não existia você. Como é que pode ser? Fulana, me diga uma coisa: quando você saiu de casa lá ficou esse rapaz? Porque quando eu saí não ficou esse rapaz.

A segunda irmã responde:

– Não, não ficou esse rapaz não.

Perguntou então à caçula:

– E você, que saiu por derradeiro, quando você saiu de casa minha mãe ficou com filho?

– Ficou não!

– Moço, como é que eu posso acreditar que você é meu irmão? Eu só acredito se você for buscar meu pai e minha mãe.

(Espia!)

A irmã mais nova disse:

– O que é que se faz agora?

A mais velha:

– Vou mandar um cavaleiro com Minervino urgente na casa de meu pai e de minha mãe para eles virem provar essa história.

A mais velha mandou um guarda do palácio com Minervino em dois cavalos bons para trazerem o pai e a mãe para provar se aquele rapaz era irmão delas. Elas só acreditavam se vissem o pai e a mãe.

(Essa estória tem muita coisa. É coisa muita!)

O cavaleiro e Minervino foram-se embora à toda. Minervino tinha passado cinco anos na viagem porque vinha parando nos lugares e viajava a pé. Mas agora iam a cavalo e só paravam um pouquinho para descansar os animais. Andaram, andaram, andaram. Com muitos dias chegaram no Pauzinho Cacunda. A mãe de Minervino estava assim na porta da casa − nem esperançava mais ver o filho! − viu aqueles cavaleiros apontar:

– Francelino! Ali vem um cavaleiro... pareceu meu filho. Ah! Quem me dera fosse meu filho!

Os cavaleiros vieram, vieram, vieram. Chegaram, aquele moço lindo, bem alvo desapeou-se:

– Francelino, eu não disse que era meu filho que vinha ali!

Minervino abraçou o pai e a mãe, mandou o guarda desapear do cavalo, entraram na casa. Ele contou que deu com as três irmãs, cada uma casada com um príncipe:

– Agora eu cheguei lá, disse o nome da senhora e de meu pai, mas elas não acreditaram, porque quando a derradeira foi-se embora eu ainda não tinha nascido.

–É, meu filho, você apareceu depois que elas foram embora. Por isso elas não acreditaram

– Minha mãe, eu tenho que levar a senhora e meu pai para elas acreditarem que eu sou irmão delas.

Compraram dois burros jumentos, arrumaram as coisas − o que puderam levar, levaram; o que ficou, ficou − lá foram-se embora, o rapaz, a velha, o velho e o guarda.

Danaram-se no meio do mundo andar a procura do Reinado dos Leões. Passaram muito tempo andando. As três irmãs já estavam agoniadas com a demora.

– Mas cadê Minervino? Minervino está custando!

– Nada. É porque é muito longe.

Um dia, quando elas menos esperaram estavam as três juntas na casa da irmã mais velha, lá vem aquela velha e aquele velho montados cada um num burro e dois homens montados a cavalo. O rapaz riscou na casa da irmã:

A mãe correu abraçar as filhas:

– Minhas filhas, vocês mandaram me buscar?

– Mandamos, minha mãe. Porque nós só cremos que este rapaz é nosso irmão se a senhora e meu pai disserem.

– É, sim, minha filha. Minervino é irmão de vocês. Ele nasceu depois que vocês três desapareceram.

– Mas, minha mãe, ele vivia aqui trabalhando como criado! Meu irmão!

Depois, a mãe chamou Minervino assim num canto resguardado:

– Meu filho, me diga uma coisa: suas irmãs lhe maltratavam?

– Não. Tinha vez que alguma delas se aborrecia, mas aquilo passava. Todas três me tratavam bem.

O rei comprou uma casa muito boa perto dali para os pais das noras dele e Minervino foi morar com eles e estudar, que não sabia ler − saiu de casa com quinze anos, não pode aprender a ler. E as três princesas foram sustentar a mãe e o pai delas até morrerem.

Fim da estória.

ANEXO 11 – A Bota Misteriosa (BM)

O rei tinha uma filha que gastava três pares de sapatos por noite e ele não sabia como. Toda a noite a princesa recebia três pares de sapatos novos e, quando amanhecia, todos estavam furados.

– Mas não sei o que é isso! Eu fico pode de comprar sapatos para essa moça.

Então o rei soltou uns boletins prometendo a mão da princesa em casamento a quem adivinhasse como a filha gastava os três pares de sapatos por noite. Agora quem se submetesse à prova e não descobrisse o mistério da princesa, morria. Vieram diversos príncipes e não conseguiram adivinhar o mistério e foram mortos.

Um rapaz amarelo, um carinha fraco deu-se com aquele boletim, aquela notícia, disse:

– Meu pai, eu hoje vou onde está o rei. Vou desencantar esse segredo da princesa.

– Meu filho, você vai morrer. Os outros morrem, quanto mais você!

– Eu vou, meu pai.

Saiu andando, andando... chegou looonge, encontrou dois rapares brigando:

– Mas o que é que vocês tem que estão brigando?

– É porque meu pai morreu, deixou uma capa e nós dois queremos ficar com ela.

– E que mistério tem essa capa?

– Essa capa, a gente diz: “capa, me encapa” e ela encapa a gente que não tem quem veja.

– Vamos fazer o seguinte: um vai para um canto e outro pra outro, pra ver quem fica com a capa.

Disse que foi um para um canto e outro para outro. O amarelo correu, pegou a capa e foi embora.

Quando os dois irmãos voltaram, continuaram a briga:

– Está aí: nem eu nem você!

E ficaram naquela peleja, enquanto o amarelo seguiu com a capa. Na frente encontrou dois rapazes brigando:

– Por que estão brigando?

– É porque meu pai morreu e deixou esta carapuça. E eu quero e ele quer a carapuça. Nem ele quer me dar nem eu quero dar a ele.

– Que mistério tem essa carapuça que vocês estão brigando tanto por ela?

– É porque essa carapuça, a gente diz: “carapuça me esconde”, ela esconde a gente que não tem quem veja.

– Está certo. Pois corra cada qual para um canto diferente, o que chegar primeiro fica com a carapuça.

Quando os rapazes correram, o amarelo pegou a carapuça e escondeu no bolso da capa e foi-se embora. Os rapazes chegaram, começaram nova peleja: “Está aí, nem eu nem tu!” “Nem eu nem tu!”

Ficaram naquela contínua e o amarelo seguiu com a carapuça.

Chegou adiante encontrou mais dois rapazes brigando:

– Está! Já é a terceira vez que encontro dois rapazes brigando. E o que é que vocês têm?

– É porque meu pai morreu, deixou uma bota. Eu quero e ele quer. Nem ele dá a mim nem eu dou a ele.

– Que mistério tem essa bota, homem?

– Essa bota a gente diz: “Bota me bote em tal canto”. Ela bota a gente onde a gente quiser.

– Está certo. Você vá para acolá e o outro para ali. Corra um para um canto e o outro pra outro.

Os rapazes correram. Ele pegou a bota, botou no bolso da capa e foi embora.

Andou, andou, andou com os três objetos. Deu na casa do rei. Bateu palmas. O rei foi olhar.

Disse que ele com um saco nas costas com os objetos dentro:

– Quem é?

– É o rapaz. Um rapaz que veio descobrir o mistério de sua filha que gasta três pares de sapatos por noite.

– Mas é de fato mesmo! Outras pessoas vieram e não viram, para esse amarelo ver!... Um mendigo, com esse saco nas costas!

– Mas eu vou descobrir o mistério da princesa.

– Pois entra.

Entrou. O rei mandou botar de cear para o amarelinho, ele ceou. Foram para o quarto da princesa:

– A princesa dorme acolá. Tem uma coisa: se você não vir, quando amanhecer o dia, vai pra forca.

– Tem nada não.

De noite, a princesa deitou-se, ele ficou assim, acolá dum lado, sem dormir. Ela pelejava para o rapaz dormir:

– Não vai dormir não?

– Não, não tenho sono.

– Você não dorme não?

– Não, não tenho sono.

E pelejando, pelejando e ele nem queria dormir. Muito tarde, depois que a princesa pelejou e pelejou, sem ele dormir de jeito nenhum, de meia-noite em vante, disse:

– Você usa tomar bebida quando vai dormir?

– Uso.

A princesa cá pegou um copo de dormideira, deu ao amarelinho. Ele mentiu, que ele não bebeu: fez que bebia e sacudiu fora a bebida. Fez que estava dormiiiindo, aquele soooono...

A princesa olhou assim, disse:

– Já. Já veja agora.

Pegou um cacetinho, foi debaixo da cama, bateu:

– Meu boneco Fulustreco!!

Fulustreco, meu boneco!

Mais depressa de que tudo.

Me bota na casa de Dão José.

Disse que apareceu aquele boneco, botou a princesa nas costas, saiu que saiu solto. Aqui, o amarelo pegou os três objetos:

– Capa, me encape! Carapuça, me esconde ‘Bota, me bote’ na casa de Dão José primeiro de que aquela moça!

Ora, quando a princesa chegou, ele já estava escondido. Dão José e a princesa se abraçaram. Disse que era um baile, já havia começado a festa:

– É. Você custou hoje. Você custou muito.

– É porque meu pai botou um amarelo lá no meu quarto pra me vigiar. O amarelo quase não dorme. Só dormiu agora porque eu dei um copo de dormideira. Se não fosse isso ele não tinha pegado no sono.

Ficou lá. Aí disse que começaram a dançar. A princesa dançou umas três partes, o sapato furou-se:

– Meu sapato furou-se.

Avoou para lá. O amarelo pegou o sapato botou no bolso da capa. Ela despediu-se de Dão José:

– Agora eu vou-me embora que seu pai está me esperando. O amarelo quase não dorme, quase que eu não saio.

– Vamos tomar café antes de sair.

Vai, disse que botaram comida numa mesa que tinha assim. A princesa foi fazer refeição. O amarelo sentou-se junto da moça. Agora, ela sem ver o rapaz que estava encoberto pela capa. De cada prato ele tirou um pouquinho e botou no bolso da capa. De tudo que a moça comeu o rapaz também provou. Terminou, a princesa disse:

– Agora, até amanhã.

Foi para o terreiro:

– Meu boneco Fulustreco!

Fulustreco, meu boneco!

Mais depressa do que tudo

Me bota da casa de Dão Rafael!

O boneco correu, botou a princesa nas costas e danou-se no meio do mundo:

– Capa, de encapa! Carapuça, me esconde! Bota, me bota na casa de Dão Rafael primeiro de que a moça!

Quando a princesa chegou à casa de Dão Rafael, o amarelo já estava lá há tempo.

– Oh! Mas mulher, hoje você quase não vem!... Houve um custo!

– Ora, meu pai botou um amarelo lá em casa que quase não dorme. Foi serviço para ele dormir! Eu tive que dar um copo de dormideira para ele dormir.

– Vamos dançar!

O baile estava travado. E a princesa dançou, dançou, dançou. Furou outro par de sapato, sacudiu fora. O amarelo pegou, guardou no bolso da capa.

– Vou-me embora.

– Mas você custou muito... e está vexada! Vamos tomar café.

Foram fazer uma refeição. O amarelo também foi. E botou no bolso da capa de tudo o que havia na mesa. Um taquinho de bolo, um taquinho de queijo,, tudinho. O amarelo tirava e guardava e ninguém via.

Acabou, a princesa despediu-se e foi para o terreiro:

– Meu boneco Fulustreco!

Fulustreco, meu boneco!

Mais depressa do que tudo

Me bota da casa de Dão João!

Antes do dia amanhecer

Senão o meu pai vê

A minha chegada em casa

E já é muito tarde.

Disse que o boneco pegou a princesa, botou nas costas e saiu.

O amarelo disse:

– Capa, me encape! Carapuça me esconda! E bota me bote na casa de Dão João primeiro de que aquela moça!

Quando a princesa chegou, o amarelo já estava lá.

– Eita, para que você veio a esta hora! Eu estava esperando, mas era um custo!

– Foi meu pai que botou um amarelo que não dorme pra me vigiar. Isso, aquilo outro e haja não queria dormir. Não queria dormir. Não queria dormir. Eu fui quem deu um copo de dormideira e ele pegou no sono, dormiu.

– Vamos dançar!

Ela dançou, dançou, furou o par de sapatos, botou para lá. O amarelo foi, botou no bolso da capa.

– Vamos tomar café.

Foram fazer refeição. De cada prato que havia na mesa o amarelo tirou um pouquinho e botou dentro do bolso da capa. A princesa acabou de comer, disse:

– Vou-me embora senão eu chego de dia e meu pai dá fé.

– Mas você veio muito tarde!...

Disse que Dão João foi dar um beijo na princesa, o amarelo danou-lhe um bofete que o sangue desceu.

– Mas quem deu deu esse bofte em Dão João, meu Jesus! Quem foi que deu esse bofete? Corre, menino, vai ver o livro da Capa Verde lá no quarto para adivinhar quem foi que deu esse bofete.

Disse que o amarelo correu depressa, pegou o livro e botou no bolso da capa. O menino chegou lá, caçou, caçou e não achou.

– Não achei não.

– Pois eu vou-me embora. Não tem jeito.

Muito desgostosa, a princesa seguiu para o terreiro.

– Meu boneco Fulustreco!

Fulustreco, meu boneco!

Mais depressa do que tudo

Me bota da casa de meu pai

Antes que amanheça o dia .

– Capa, me encapa! Carapuça, me esconde! Bota, me bote na casa do rei, primeiro de que a moça!

Ela chegou, o amarelo já estava disse que há tempo, deitado!

– Já visse?

O amarelo calado, nem escutou. Mais tarde, o rei abriu a porta:

– Agora, cadê, você viu porque a moça furou os três pares de sapato?

– Vi sim senhor. Mas a história vai ser contada em meio à presença de doutores e capitão para testemunhar o que ela fez e o cumprimento da palavra, que o senhor disse que, quem adivinhasse, casava com sua filha. Mas eu não quero. Eu quero assinado a metade dos bens. Casar eu não quero não que eu não vou me casar com o diabo. Aquilo é o diabo e não gente!

O rei mandou chamar os doutores, assinou que a metade dos bens era do amarelo se ele adivinhasse o mistério da princesa. Tudo pronto, o amarelo disse:

– Olhe, ela tem três namorados: Dão José, Dão Rafael e Dão João. Toda noite ela visita todos três e dança um baile na casa de cada um. Tem um moleque debaixo da cama, que ela chama – um tal de Fulustreco, que é quem leva a princesa para os bailes. Eu também fui e vi.

O amarelo começou a tirar tudo o que havia escondido no bolso da capa.

– Olhe, a princesa rasgou esse par de sapatos no primeiro baile. No segundo baile furou este outro e no terceiro, este aqui. Estão aí os sapatos furados. Aqui está um pouco de cada refeição que ela fez nas três casas. Agora chame a princesa e pergunte quem foi que deu um beijo nela.

Sei que a princesa não teve não teve jeito de negar nada do que o amarelo disse:

– Você não quer mesmo casar com minha filha?

– Não, senhor rei, como eu vou casar com uma moça que gasta três pares de sapato por noite? Eu me arraso. Fico mais pobre do que estou. O que eu quero é a metade da sua riqueza.

O rei deu a metade da riqueza ao amarelo e ele voltou feliz para casa do pai.

ANEXO 12 - As Melancias (M)

Bem, a estória das melancias. Um homem tinha três filhos. Um dia, os três rapazes resolveram viajar. Chegaram onde estava o pai, disseram:

– Meu pai, nós três vamos andar pelo mundo.

–Meus filhos, vocês querem pouco dinheiro com a minha bênção ou muito dinheiro com a minha maldição?

Os dois mais velhos disseram:

– Oh, meu pai, nós queremos muito dinheiro com a sua maldição!

O irmão mais moço disse assim:

– Meu pai, eu quero pouquinho dinheiro com a sua bênção.

Dois com a maldição e com muito dinheiro e um com a bênção e pouquinho dinheiro. Seguiram caminho. Andaram, andaram, andaram. Muito longe, os três irmãos chegaram à casa do Vento. A mãe do Vento recebeu os três rapazes:

– Meus netinhos, o que andam fazendo por aqui?

–Minha velhinha, nós queremos uma dormida.

– Ih! Meus filhos, olhem. Estão vendo eu aqui toda inquirida, toda amarrada? É que eu sou a mãe do Vento. Eu já estou aqui bem encolhidinha mode o Vento.

Aí, minha senhora, quando deram fé, chegou o Vento. Foi quebrando pau e pedra e rebolava tudo com aquela danação! Ouviu! O vento!

– Aquieta, querido filho! Se aquieta, querido filho! Aquieta. Tenha calma! Se acomode.

Os três rapazes correram, se esconderam num cantinho assim.

Aí o Vento falou:

–Aqui me fede a sangue real! Aqui me fede a sangue real!

–Nada meu filho. Se aquiete. Você está com fome. Venha comer.

O Vento se acalmou, a velha botou a comida, Ele comeu. Acabou, ela disse:

–Ô meu filho, se aqui chegassem uns peregrinos o que é que meu filho fazia?

–Eu venerava como venero minha mãe. (Diabo de venerar! Dar queda na velha...)

A velha disse:

– Vocês três, saiam. Podem sair. Os rapazes saíram do esconderijo e se apresentaram ao Vento. O Vento mandou dar ceia a eles e dormida. No outro dia de manhã a mãe do Vento entregou ao irmão mais velho uma melancia e disse:

– Olhe. Tome esta melancia. Você só parta no lugar que tenha água e mato verde.

Os rapazes agradeceram, se despediram, foram-se embora andar. Chegou no caminho, o mais velho, que recebeu a melancia da mãe do Vento, não teve paciência – cortou a melancia em cruz. Quando partiu, saltou uma princesa de dentro da melancia e muito gado. A princesa disse:

–Me dê água! Me dê água!

Não tinha água para a moça beber, ela morreu de sede.

Agora morreram a moça e aquele gado todinho, que a riqueza dela era aquele gado, ouviu! Ele perdeu a princesa porque não teve paciência.

Então os três irmãos resolveram se separar. O mais velho seguiu por um caminho e os outros dois por outro.

Os dois rapazes andaram, andaram, andaram, com muitos dias chegaram na casa da mãe da Lua. A mãe da lua perguntou:

–Meus netinhos, o que é que andam fazendo?

Um dos rapazes disse:

– Minha avozinha, nós queremos um comerzinho que a gente está com fome, que vem de viagem.

– Ah, meus filhos! Eu estou aqui junto desta coivara de fogo para me esquentar. Olhe, quando minha filha chega é uma frieza!

(A Lua é fria, ouviu! Ela vai saindo, é aquele ventinho frio...)

–Vocês se encostem também por aí, pela beira do fogo.

Os dois rapazes se encostaram mais a mãe da Lua. Com pouco lá vem a filha, lá vem, lá vem... Disse:

– Ah! Aqui me fede a sangue real! Aqui me fede a sangue real!

–Não, querida minha filha, aqui não tem ninguém não. Aqui não chega essa gente não.

A lua se acalmou.

– Minha filha, se aqui chegassem uns peregrinos, o que é que você fazia?

– Nada, minha mãe. Eu venerava como venero a senhora.

– Saiam rapazes.

Os rapazes saíram. A mãe da Lua deu um comerzinho a eles dois e depois eles foram dormir. No outro dia, a mãe da Lua deu uma melancia ao segundo irmão. Disse:

–Tome esta melancia. Você só parta no lugar que tiver água e mato verde. Não parta no seco. Um já perdeu a princesa dele e se você fizer que nem ele você perde a sua princesa também.

Os rapazes agradeceram à mãe da Lua e seguiram viagem. Andaram, andaram, andaram, andaram, andaram. E o rapaz com a melancia. Disse:

– Eu vou lá em besteira de velha! Eu vou partir esta melancia.

Partiu a melancia, saltou a princesa e ficou coalhado, coalhadinho de ovelhas! Era muita ovelha. Era ovelha que só! E a princesa:

–Me dê água! Me dê água!

Não teve água para dar a ela, ela morreu. Todas as ovelhas morreram também.

Aí, minha filha, ele disse:

Agora eu fiquei sem a princesa, vou-me embora sozinho.

Seguiu viagem sozinho. Ficou o rapaz mais moço. Ele seguiu por outro caminho, diferente do irmão. Andou, andou, andou, andou, andou, andou, andou... Deu na casa da mãe do Sol. Bateu na porta, a mãe do Sol veio atender:

– Meu netinho, que é que você anda fazendo por aqui?

– Ah, minha avozinha! Eu quero uma dormida e um comerzinho.

– Ah, Meu filho quando chega é tão brabo que eu já estou aqui encostada desta jarra d’água, que ele me queima todinha. Estou aqui amoquecadinha detrás da jarra d’água.

Quando deram fé chegou o Sol.

– Aqui me fede a sangue real! Aqui me fede a sangue real!

–Aquieta, querido! Meu filho, você está com fome. Você se acalme. Tenha calma.

O Sol se acalmou. A velha disse:

– Meu filho, se aqui chegasse um peregrino, o que é que meu filho fazia?

– Eu venerava como venero minha mãe.

– Saia, rapaz.

(Só tinha um rapaz. Esse ficou com pouco dinheiro com a bênção do pai)

Cearam e foram dormir. No outro dia, a mãe do Sol deu uma melancia ao rapaz.

–Olhe, rapaz, você só parta esta melancia no lugar que tiver água. Se você partir, como seus outros dois irmãos, você perde. Os seus dois irmãos partiram as melancias em lugares secos, perderam o que tinham de ganhar.

– É.

(Ele era abençoado, ouviu!). O rapaz saiu.”Eu vou fazer o que a mãe do Sol me disse.” (Tomou o conselho, ouviu! Tomar conselho é muito bom). Andou, andou, andou, andou, andou, andou, andou. “Ah! Queria achar um rio, um açude!...” Andou, andou, andou, andou. Achou um rio. Disse: “Agora eu vou partir a melancia!” Partiu a melancia. Saltou aquela princesa:

–Me dê água! Me dê água! Me dê água!

Ele deu água que ela encheu a barriga. Ficou ele mais ela. A melancia não tem umas sementinhas? Cada sementinha daquela era uma moedinha de dinheiro. Ele disse assim:

– Agora vamos apanhar essas moedas e viajar pra frente.

Viajaram, viajaram, viajaram. Chegaram num deserto, perto de uma cidade. Tinha assim uma cacimba, debaixo dum pé de pau, eles ficaram. O rapaz disse:

– Olhe, você fique aqui debaixo deste pé de pau que eu vou à cidade comprar uma casa, arrumar, preparar, depois venho lhe buscar. Eu só posso voltar amanhã. Você fique aqui esperando por mim.

A moça disse assim:

– Quando anoitecer, eu subo no pé de pau, vou dormir lá em cima.

A moça ficou e o rapaz foi-se embora para a cidade. Anoiteceu, a moça subiu no pé de pau, foi dormir. No outro dia, de manhã, chegou uma fada na cacimba, foi beber água. A moça, lá em cima do pau, ficou espiando a fada beber água. A fada olhou assim, viu a imagem da princesa na água, disse:

– Oh, que cara mais bonita dentro d’água! (Pensou que era a dela, era a da moça)

Então a fada olhou para cima, viu a princesa no pé de pau. Disse:

– Ah! Bichinha, é você! Ah! Minha filha desça que eu quero pentear seu cabelo, catar um piolho...

A moça foi, disse!

–Eu estou esperando pelo meu noivo que foi ontem comprar uma casa na cidade, mobiliar para vir me buscar.

– Ah!, minha filha!desça. Nós ficamos aqui de camaradas até ele chegar.

– Está certo.

A princesa desceu do pé de pau e veio para junto da fada. A fada foi catar piolho na cabeça da princesa. Quando a princesa menos esperou, a fada pegou um alfinete enfeitiçado enfiou na cabeça dela – pum! A moça virou-se num passarinho e foi-se embora. A fada subiu num pé de pau e ficou lá esperando para quando o rapaz chegasse pensar que era a princesa.

– Oxente! Oh! E você está preta! Feia...

– É. Eu levei chuva, sol e sereno. Só posso ficar assim.

A fada foi com o rapaz para a casa que ele tinha comprado na cidade. Chegaram lá, casaram-se. (Fada era preta. Pretona, quase negra). Um dia, apareceu um passarinho no jardim da casa:

– Oh! Oh! Meu Senhor, como vai com a sua morena comendo e bebendo água de meu poço? (Não vê que a moça foi do poço! Ouviu! Chamava a fada de morena)

– Oxem! Um passarinho falar!

Um passarinho bonitinho – era a princesa. Ele disse assim:

– Eu vou fazer um laço para pegar aquele pássaro.

Fez um lacinho, pegou o pássaro, botou lá na gaiola. E toda vida que ele passava perto da gaiola:

– Oh! Meu senhor, como vai com a sua morena comendo e bebendo água em meu poço?

E ele não compreendia. Foi dando, foi dando, foi dando, quando foi um dia, a fada disse:

– Oh! Fulano! Eu estou grávida e quero comer aquele pássaro assado.

Ela conheceu que era o passarinho, ouviu! Era uma fada... Ele disse assim:

– Mas fulana, eu gosto muito daquele passarinho! Não tenho coragem de matar o bichinho não.

– Nada. Você quer perder o filho?

Gravidez!

Ele chegou, foi, tirou o pássaro da gaiola para matar. Pegou alisar o passarinho, achando o bichinho bonitinho... Viu aquele carocinho na cabecinha, disse: “O que é isto na

cabecinha deste bichinho?” Olhou, abriu assim as peninhas, viu que era um cascãozinho. Fez assim. Quando fez assim, apareceu a moça. Disse:

Ah! Ah! É você fulano? Você me enganou.

– Ah! Minha filha, eu cheguei lá achei essa morena atrepada no pau, fazendo as suas vezes. E eu disse que casava com ela, mas pensando que era você. Agora eu vou matar ela e me casar com você.

Mandou matar essa morena, essa fada, e foi-se casar com a moça da melancia.

A bênção do pai foi que valeu ele. E os outros, amaldiçoados, não ganharam nada.

Fim da estória. Fim.

ANEXO 13 - A Pedra Sem Fim (PSF)

Bem, havia uma gruta de pedra num lugar que nunca houve quem fosse no fim. Nunca houve. Todos que tentavam chegar ao fim dessa gruta ou morriam de fome ou de sede – *não voltava mais para trás*, que não tinha por onde voltar. Quando a pessoa entrava, formavam assim três degraus que depois desapareciam: ficava aquele abismo maior do mundo de um lado e de outro.

Nesse lugar tinha um rapaz chamado João. Um dia, ele disse assim:

– Eu vou ao fim daquela pedra!

João foi. Chegou lá na entrada da gruta, apresentaram-se três degrausinhos. Ele subiu. Espiou para trás, os degraus tinham sumido – era aquele abismo que fazia horror! Pronto! João seguiu por dentro da pedra: quanto mais andava, mais a pedra ficava comprida. Ele foi andando, andando... Aqui, acolá achava uma caveira – aquele pessoal que tinha morrido tentando chegar ao fim da pedra. Se acabava a comida, se acabava a água, morria de fome e sede. Aqui, acolá se achava uma caveira. João andando, João andando. Acabou-se a comida de João. Acabou-se a água também. Ele disse: “Agora quem vai morrer sou eu. Vou morrer de fome nesta pedra que não tem quem vá ao fim nunca!”

Mesmo assim, João continuou andando. Já estava com dois dias de fome. Numa curvazinha assim do caminho, João saiu assim emboloando, emboloando, mais morto do que vivo, caiu embaixo. Caiu embaixo como morto. Quando acordou, que olhou assim pra riba, viu um pé de goiaba que estava assim de frutas. Ele estava para morrer de fome,cascou o pau a comer goiaba. Haja João comer goiaba! As goiabas doces... Ali mesmo, debaixo do pé de goiaba, ele adormeceu.

No outro dia, bem cedinho chegaram três novilhas.

– João, tu estás com fome?

Ele disse:

– Estou. Estou com muita fome.

– João, eu vou voltar e trazer comida para ti. Vou trazer também um fortificante.

As três novilhas foram embora e depois voltaram com comida e água para João. Trouxeram também um fortificante, confortaram bem o rapaz.

– Olha, João, tu vais sofrer muito. Se tu não *arresistires*, tu dobras meu encanto. Tu vais comer três dias, se confortar bem que é para tu *arrestitir*, senão tu não *arresestes* e dobra o meu encanto.

Aquela vaquinha dizendo a João.

Ele pegou a comer e se confortar. Foi-não-foi, tirava uma goiaba, comia. Foi se confortando. As novilhas vinham todo dia. Quando fez três dias, as novilhas chegaram:

– Ô novilhinha, que projeto é esse que vai haver aqui?

– Bem João, eu vou te dizer. Hoje vai aparecer um bicho *gigantado* para te dar uma surra para te matar, que esse bicho não quer que se desencante nós três de jeito nenhum. Quem aparecer por aqui ele mata. Olha, João, quando ele estiver dando a surra em ti, não grites por mim. Se tu gritares por mim, dobras meu encanto.

Assim mesmo foi. No outro dia, de noite, chegou aquele bicho:

– Aqui me fede a sangue real! Aqui me fede a sangue real!

Aqui tem gente. Ah! Aqui tem um sujeitinho!...

Esse bicho *gigantado* danou a peia em João.. Mas deu com arte! O galo cantou a primeira vez, o bicho foi-se embora. João ficou morto. No outro dia, bem cedinho, chegaram as três novilhas. Cheiravam João, escutavam...

– Ele está vivo! Vamos ver remédio para ele.

As novilhas foram ver remédio para João. Voltaram, deram remédio a João. Ele foi melhorando, melhorando. Mais tarde, uma novilha disse:

– João, hoje é que a surra vai ser maior. Tu prestes atenção ao que eu estou te dizendo: são Três surras que tu levas, João.

De noite, o bicho chegou. Deu outra surra em João. Outra surra. Foi maior do que a primeira. Quando as novilhas chegaram de manhã. João só batia o coração – doente que nunca vi! Doente mesmo! Doente para morrer. Elas foram ver o remédio, deram a João – botaram cheiro na venta dele, que ele não tornava mais de tão doente que ficou.

– Ah!, João! Agora só falta uma noite para tu venceres a batalha. Se tu venceres, tu vais ser um grande, João! Mais na frente tu vais ser príncipe e depois rei.

Aquela novilha dizendo a João.

Ele agüentou. De noite, o bicho veio, deu uma surra em João e arrancou o coração do rapaz e sacudiu lá embaixo, num canto da pedra. De manhã, as três novilhas chegaram, escutaram João de cima a baixo. Uma novilha disse assim:

– Ah!, O coração dele não está não. O coração dele está fora do corpo.

Caçaram por ali, foram ver aquele coração *incolocaram* em João, ele tornou.

– Pronto, João! Pronto. Tu ficaste livre de apanhar. Agora, tu não apanhas mais não. João, eu vou te dizer uma coisa: nós vamos nos desencantar e vamos embora par nosso palácio. Agora, quando for meio-dia eu passo aqui numa carruagem dentro duma ventania para te levar com a gente para o nosso reinado que fica do outro lado do mar.

Ir o quê! Ora, João morto de apanhar, todo moído de peia!...

As novilhas foram-se embora. Ao meio-dia, veio aquela ventania com aquela carruagem e João morto, dormindo, que nem viu quando a princesa passou. Sabe o que a princesa fez? Deixou junto de João o lenço dela e o retrato e foi-se embora na carruagem. Quando a carruagem chegou lá no reinado do pai das princesas, tudo se desencantou – a pedra ficou assim por terra, acabou-se. Ficou João naquele pé de goiaba, comendo goiaba. “Enquanto tiver goiaba aqui, eu estou comendo. E quando as goiabas se acabarem?

Com uns três dias para quatro, João melhorou: Quer saber de uma coisa? Eu vou-me embora daqui. Eu não sei onde estou, eu vou-me embora daqui”.

João guardou aquele lenço com o nome da princesa e o retrato que ela deixou e atirou-se no meio do mundo. Haja João andar, haja João andar. Chegou muito na frente, ele encontrou um homem:

– Meu senhor, o reinado do outro lado do mar ainda está longe?

– Está meu amigo. Para você chegar lá ainda vai custar muito.

João danou o pé a andar, cascou-se a andar no meio do mundo. Cascou-se andar. Chegou na beira-mar. Pronto. Aquela beira-mar esquisita... “Agora sim!” A cidade da princesa era do outro lado do mar.”Pronto. Agora, o que é que eu faço?” Sabe o que foi que fez João? Pegou, arranjou um pedaço de pau grosso, forte, matou uma cobra e botou assim num canto. Tinha muitas águias ali naquela beira de praia. Águia come cobra, ouviu! Veio aquela águia para pegar a cobra.João montou-se nela. A águia tomou vôo. A felicidade de João foi que a águia tomou vôo assim de banda... não seguiu nem assim, nem assim. A águia

foi soltar João do outro lado do mar. João disse: “Agora, eu vou procurar onde é esse reinado”.

Ele foi andando, andando, deu numa vertente d’água. Ficou lá naquela vertente. As criadas do palácio foram ver água nessa vertente. João estava lá – aquele bicho cabeludo, a roupa só era tira, as unhas grandes!... As criadas viram aquele bicho na beira da cacimba, voltaram com os potes vazios para o palácio, com medo:

– Princesa minha senhora, lá na vertente tem um bicho. Aqueles olhos dele... são uns olhos bonitos. Mas é barbudo, muito feio!

A princesa disse assim:

– Oxente! Que bicho será esse? Volta e pergunta se o bicho está com fome.

Uma criada voltou lá onde estava João:

– A princesa mandou perguntar se você está com fome. Ele disse:

– Estou com muita fome, que mais nunca comi.

A criada voltou para o palácio:

–Princesa, vamos fazer um comerzinho e vamos levar para ele. A princesa era a mesma noiva dele. Agora, ela havia esperado por João muitos anos. Como ele não apareceu ela estava para casar com um príncipe. Faltavam só três dias para ela se casar com o príncipe.

A criada preparou um comerzinho e levou para João lá na vertente. Aquele prato emborcado por cima do outro. João comeu aquela comida forte, disse:

–Bem, eu vou lavar o pratinho.

–Não, deixe o prato que eu lavo.

Sabe o que João fez? Pegou, lavou o pratinho, botou o lenço com aquele retrato enrolado dentro, emborcou outro por cima:

–Tome. Você não descubra este prato, ouviu! Entregue isso a princesa.

A criada com o pote d’água na cabeça, recebeu os pratos com uma mão, não podia nem abrir para ver o que tinha dentro. Chegou lá;

–Princesa minha senhora, está aqui o pratinho que o bicho comeu e mandou coberto. Agora, eu não sei o que tem nesse pratinho.

A princesa recebeu assim, abriu, viu aquele lenço preto, desenrolou, estava o retratinho dela.

–Ai, meu Deus! É João!

Faltavam três dias para ela casar.

–Ah! É João.

Viu a firma dela no lenço e o retrato.

–Vá dizer ao bicho que venha cá.

A criada foi lá onde estava João:

–Princesa minha senhora mandou dizer que você fosse lá, bicho.

Ele disse:

–Não vou não que eu estou com vergonha de ir. Estou cismado. Pode ela mandar me matar...

–Não. A princesa disse que fosse. Não tem nada contra você não.

João assim mesmo foi – esmolambado, sujo, aquele bicho feio. Chegou lá no palácio, a princesa olhou para ele de cima a baixo. Caiu aos pés de João:

–Ai, João! Eu pensava que tu eras morto. Sois vivo! E minha arrumação para casar com aquele príncipe!

A princesa pegou João, trancou dentro de um quarto. Ficaram todos calados. Ali, ninguém disse mais nada. A princesa mandou ver um barbeiro e cortar o cabelo de João, fazer a barba. Ele vestiu uma roupa boa e ficou lá trancado dentro do quarto da princesa. Ela ia lá no quarto dar uma palestrazinha com ele, uma conversinha.

Chegou o dia do casamento. (Aí é que está o nó, ouviu!)

Quando o príncipe que vinha casar com a princesa de João chegou... (Eu acho até graça!) Chegou aquela carruagem com o príncipe e aquela gente para assistir o casamento dele com a princesa. Ela disse assim:

–João, eu vou trazer um traje de príncipe para tu vestires, que tal hora eu ia me casar com o príncipe. Mas tu chegaste, eu não vou me casar mais com ele.

Assim mesmo João fez. Pegou o preparo de príncipe, botou assim num canto, quando deu fé chegou todo o pessoal entrou no salão. Rei, rainha, padre para casar, estavam todos ali no salão. Estava tudo pronto. NA hora, ela disse assim:

–Meu pai e minha mãe, dêem licença que eu vou aqui no quarto.

Foi lá no quarto onde estava João:

–João, saia. É agora.

João saiu de braço mais a princesa que ia se casar naquela hora. Chegaram no salão, o rei disse assim:

–Oxente, minha filha! E você vai casar com dois príncipes?

–Não, meu pai. Vou lhe dizer o projeto como foi. Esse rapaz é João que me desencantou, sofreu muito por mim. Eu só posso me casar com ele. Eu ia me casar com esse príncipe, porque pensava que João não vinha mais. Agora...

Aí, o príncipe levou a mal, *quis fazer uma greve*. O rei disse:

– Não, calma. Eu faço a acomodação. Ela vai casar com ele porque é de gosto dela. Ela ia casar com você porque não sabia que ele chegava. Tenho outra princesa. Eu vou dar a outra princesa para você se casar.

O príncipe estava alterado, se acalmou. João casou-se com a princesa dele mesmo e o príncipe com a irmã dela.

E foram viver muito bem até não sei que ano.

ANEXO 14 - José e Maria (JM)

Narração: HERMES DO NASCIMENTO

Era uma família.. Aliás, a família era só a mãe e dois filhos. Eram órfãos de pai. A velha era viúva... Tudo pobrezinho, viviam passando necessidade.

Um belo dia, José – o nome do homem era José e a menina Maria – José teve um sonho. Amanheceu, disse:

– Mamãe, é o seguinte. Eu sonhei que a gente ia melhorar nossa situação.

– Como assim, José?

– Veio uma pessoa e disse pra mim: “José, amanhã logo cedo tu dizes a tua mãe que vais procurar a vida pelo mundo”.

– Está certo, meu filho. Eu não vou fazer objeção no seu destino. Se você quiser partir, parta, e se não quiser fique conosco que a gente passa a vida como Deus quiser.

– Eu vou.

Arrumou a trouxinha dele, pediu a bênção à mãe, despediu-se da irmã e partiu de mundo a fora...

Andou, andou, andou. Muito longe da cidade, com sede e fome, sem casa, por ali, tudo morto, ele viu uma fumacinha. Então partiu pra fumaça. Era uma cabanazinha. Só tinha uma velha, muito feia.

Ele teve medo. A velha com o rosto todo cheio daquelas pipocas, um dente só, toda malamanhada:

– Eu não vou falar com aquela velha não que aquilo é o diabo. Aquela velha vai me levar pro inferno. Mas eu vou ficar por aqui pra ver o que é que eu arranjo pra comer.

Arrodeou a casa encontrou logo um poçozinho. Tomou um coco d'água, que estava com sede. Aí sentiu aquele cheiro. Cheiro de uma coisa boa no fogo. Casa de palha, ele abriu aquela brechinha, a velha estava assando bolo, com um gato assim perto. De vez em quando o gato dava com a mão pra ver se roubava um bolo e a velha dizia:

– Chichichi, meu gatinho. Quando fizer os bolos eu lhe dou um pedacinho.

No que ela virou-se pra falar com o gato, José meteu a mãozinha por entre as palhas e roubou um bolo. Foi lá fora comeu, bebeu água novamente e ficou por ali.

Chegou a noite, ele disse:

– Eu não vou pedir pousada na casa dessa velha. Olhou pro mato assim tinha um pau bem copado, muito alto, ele subiu, dormiu lá.

De manhã, desceu. A velhinha tinha por obrigação fazer bolo todo dia. De manhã, meio-dia e de tarde. Quando ela foi falar com o gato José botou o braço novamente e roubou um bolo.

Passou uns quatro dias. Numa das vezes, José foi roubar o bolo, a velha pegou. Disse:

– Ah, meu netinho! É você! Entre. Eu tenho um negócio com você. Você vai ficar morando comigo.

Ele todo assombrado, por ali, mas não tinha o que fazer. A velha pegou José botou num caixão e fechou. Pra engordar pra comer. Ela comia gente. Ela se alimentava mais daquelas crianças que encontrava por ali. Às vezes dava um bordo fora da cidade, encontrava aquelas crianças e engordava pra comer.

Antes disso... Não. José está no caixão, engordando, engordando. Passou muito tempo. Maria disse:

– Mas minha mãe, esse tempo todinho que José foi embora, não voltou ainda. Eu vou atrás de meu irmão.

– Minha filha, se você quiser ir, vá. Mas eu não mando.

– Eu vou.

Arrumou a trouxinha também e largou-se. Ela saiu comendo milho, saiu comendo milho. Ali, na metade do caminho, viu aquela fumacinha, partiu pra lá. Lá, é a velha fazendo bolo. Ela pegou o pedaço do milho que ainda estava sobrando. Deu as caras. A velha disse:

– Ah, minha netinha, você por aqui! Eu tenho um negócio com você. Você vai fazer parelha com meu netinho que está ali. Vou engordar todos dois.

Bom, ela prendeu a menina também. A menina, antes tinha pegado uma lagartixa. Uma lagartixa. Tinha guardado a lagartixa pra brincar, não sabe?

Amarrou e guardou a lagartixa. Quando estavam os dois dentro do caixão, ela disse:

– A velha me pegou e me prendeu. Ela vai engordar a gente pra comer.

– Não, vamos enganar ela.

Com uns dez dias mais ou menos, a velha foi disse:

– Meus netinhos, vocês já estão gordinhos?

Ela conservava na comida pra engordar logo. Maria foi e botou o rabinho da lagartixa pela brecha do caixão. Ela disse:

– Ah, Ainda está magra!

Comida, comida, comida. Com mais uns dez dias, ela disse:

– Vou ver se meus netinhos estão gordos.

Maria foi botou o tronco do rabo da lagartixa. Ela disse:

– Oi, estão engordando.

Depois não tinha o que por, botou o dedo mindinho. E assim consecutivo. Foi botando dedo maior, o anular, o médio, e saiu. Por último btou esse daqui, o polegar. Botou o polegar, a velha disse:

– Agora está bom. Abriu o caixão, tirou.

Maria tinha devoção com Nossa Senhora. Nossa Senhora era madrinha dela. Sempre por onde ela andava, Nossa Senhora era na companhia dela. A velha disse:

Bom. Vou preparar uma fogueira e vocês vão dançar em cima da fogueira que eu quero me divertir.

Maria disse:

– Agora que está ruim. E o que é que a gente faz, José?

– Vocês dois vão apanhar lenha pra fazer a fogueira.

José cortava e Maria carregava pra fogueira. Nisso aparece aquela mulher bonita, bem vestida de azul, com uma estrela na testa. Maria disse:

– É minha madrinha.

– Eu vou dar um conselho. O que a velha mandar fazer, faça. Mas é o seguinte. Ela vai por uma prancha e embaixo fazer a fogueira pra assar vocês e comer. Quando vocês estiverem dançando ela vai empurrar dentro da fogueira. Mas eu vou ensinar. Vocês procurem

pegar a velha e enganar pra ir pra prancha. Ela em cima da prancha vocês empurram pra dentro do fogo. Deixem o corpo queimar até ficar em cinzas. Vocês guardam a cinza que vai virar-se em três cachorros. Você dá o nome de um Rompe-Ferro, Rompe-Nuvem e Catavento. É a sua felicidade aqueles três cães.

– Sim, senhora.

Pegou toda a instrução. A madrinha se despediu, foi embora. Desapareceu a Santa. Cortaram a lenha e levaram. Fizeram uma fogueira. A velha botou uma prancha em cima da fogueira e disse:

– Agora, meus netinhos, vocês vão dançar e cantar em cima da prancha.

José disse:

– Minha velhinha, eu não sei cantar nem dançar.

E Maria:

– Eu também não sei, minha velhinha. Vá ensinar a gente como é.

– Olhe. Eu vou somente dar assim uma noção a vocês.

A velha subiu na prancha, foi cantando e dançando aquele bailado. José saltou e empurrou a velha. A velha dentro do fogo. O fogo queimou, queimou. José apanhou a cinza, levou pra dentro d casa. No outro dia aquela cinza estava transformada em três cachorros. Ele deu os nomes de Rompe-Ferro, Rompe-Nuvem e Catavento.

– Maria, vamos embora. Aqui não dá certo pra gente. Nós dois sozinhos. Vamos procurar um lugar para ficar. Depois a gente volta para casa. Quando eu arranjar minha vida a gente volta para casa.

Saíram eles dois. Bem longe, encontraram um desses mascates vendedor ambulante.

– Pra onde vocês vão? Vão pra cidade do Vai Não Torna?

– Eu não sei nem onde é essa cidade.

– É porque hoje tem uma grande festa. O rei vai fazer a escolha de uma pessoa para enfrentar o monstro que anda devorando a cidade. O rei dá a filha de presente a quem matar esse monstro. A cidade do Vai Não Torna. Já tem o nome. Nessa cidade tem um tempo que esse monstro sai devorando. E todo ano o rei tem que dar uma filha das dele ou dos moradores, dos súditos. Senão o monstro termina devorando a cidade. E hoje calhou o dia da filha do rei. E o camarada que aparecer pra sal var a princesa desse monstro ganha a moça.

José disse:

– Eu vou.

Menino-moço, viu! Preparado com os três cachorros bons. Partiu pra cidade. Chegou lá apresentou-se ao rei.

– Pronto, rei meu senhor. Eu vou enfrentar o monstro.

– Você vai mesmo? Com pena de morte? Se não tiver êxito na missão, você vai ser degolado.

– Está certo.

Chegou lá, sentou-se embaixo do pé de árvore. Com pouco mais chegou o pagem do rei com a moça. José pediu ao rei pra mandar Maria embora que sabia que ia morrer e não queria ir com a irmã. Ela foi embora pra casa da mãe. Ele partiu com os três cães para o lugar onde o monstro vinha apanhar a princesa. Não demorou nada chegou o bicho. Chegou o bicho. O bicho partiu pra moça assim, José tomou a frente. Tomou a frente. Era um monstro de três caudas:

– Valha-me Rompe-Ferro.

Rompe-Ferro partiu. Ele chamou Rompe-Nuvem. O cachorro partiu, ficou ajudando.

Esse monstro tinha uma escama que não tinha bala nem ferro que rompesse. O terceiro cachorro, Catavento, muito vivo farejou o lugar de morder, o lugar mortal, o lugar mole. Farejou assim que deu uma dentada, pouca, não precisou nem apertar muito a presa, o bicho esmoreceu logo. Esmoreceu, pra encurtar a história, José foi tirou um dente e cortou um pedacinho da ponta de cada cauda do monstro. Depois de salva a moça, o carroceiro, muito vivo, foi, disse:

– Fique aí na carruagem que eu já volto.

Partiu o tronco, o resto do rabo do monstro para ir mostrar ao rei. Seguiram. Numa ponde que eles iam atravessando disse a José:

– Salte.

– Saltar pra que?

– Salte que eu quero levar a moça.

José o jeito que teve foi saltar da ponte. Sorte dele que abaixo da ponte tinha uma varanda. Não chegou embaixo pra morrer. O carroceiro chegou lá, disse:

– Quem salvou a moça fui eu:

A moça testemunhou, disse:

– Quem me salvou do monstro foi um rapaz.

O rapaz que saiu daqui pra me salvar. Então ele tem como prova as três pontinhas das caudas do monstro.

O carroceiro disse:

– Foi eu. Olhe aqui.

Mostrou. Era o tronco da cauda.

A moça:

– Se o rapaz não morreu, ele aparece.

O rei disse:

– Você está preso. Enquanto não aparecer esse outro, que minha filha está dizendo, você não se solta. E se aparecer você morre. Já está marcada a sua morte.

Eu sei que passou muito tempo. José era um jovenzinho assim de uns dezoito anos. Chegou já rapaz formado. Disse:

– Senhor rei, eu vim cobrar o que o senhor me deve.

O que é que eu lhe devo?

– Eu sou aquele menino que se ofereceu aqui espontaneamente pra ir salvar sua filha das garras do monstro que estava devorando a cidade.

– É você, é?

José mostrou as Três pontinhas da cauda. O rei disse:

– Agora falta a prova chave. Um dente, que minha filha disse que você tinha arrancado. O carroceiro disse que quem matou o monstro foi ele. Mas ela disse que foi você. E que você tinha além das três pontas da cauda da serpente, também o dente.

Ele desenrolou um lencinho. Na ponta do lenço tirou o dente e mostrou.

O rei disse:

– Mande chamar o carroceiro.

Foram chamar o carroceiro. Os dois cabras do rei trouxeram o carroceiro.

– Bom, esse camarada daqui você leva pra beira daquele mato e tira o couro dele. Ele vendo. Abra ele pelas costas e tire o couro. Deixe morrer mesmo. Que um cabra dessa qualidade só presta mesmo morrendo assim.

Eu sei que o carrasco foi... a missão de carrasco já sabe como é: fazer o mal. Escalaram o cara lá, tiraram o couro.

O rei disse:

– E o senhor ganhou minha filha. Vai casar.

À noite, José em seu berço de ouro, naquele palacete muito bem ornamentado, repousando, aparecem os três cães transformados em pombos. Um pousou à cabeceira, outro

pousou nos pés e outro na palma da mão de José. Ele sentiu aquele negócio frio na palma da mão, acordou. Disse assim:

– Que é isso?

Olhou pra cabeceira da cama viu um pombo pousado, olhou para os pés, viu outro pombo, ficou espantado. Disse:

– Que é isso?

O pombo que estava na palma da mão disse:

– José, nós somos os três cães. Eu sou Catavento. Agora estão ali Rompe-Ferro e Rompe-Nuvem. Nós somos os anjos da sua guarda. Agora nós vimos nos despedir, você está como Deus quer. Então eu vou lhe dar um conselho. Nunca despreze sua mãe nem sua irmã. Adorne aí uma carruagem de ouro e vá apanhar sua mãe e sua irmã pra morar com você.

Despediu-se, foi-se embora, o pombo. Despediu e foi embora.

José, no outro dia, bem cedo, preparou uma comitiva, montou na carruagem foi buscar a mãe e a irmã.

E foram felizes.

ANEXO 15 - A árvore da Miséria (AM)

No tempo da antiguidade, a Miséria vivia reinando em toda parte. Tinha uma pereira que todos os meninos subiam e derrubavam suas frutas e a Miséria quando chegava onze horas para o almoço, encontrava as peras estinhoradas (1), ficava muito irada.

Foi quando veio um emissário de Deus à terra para dar cobertura à pessoa mais caridosa que encontrasse. Esse emissário era São Patrício.

Pedia esmola em várias portas, ninguém dava. Chegou à casa da Miséria. Ela disse:

Pode entrar, meu filho. Aqui eu não tenho muita coisa. Mas tenho um pedaço de pão e uma cama velha. Come o pão e se deita na cama da Miséria até que o senhor descanse e possa ir embora.

São Patrício resolveu viajar e disse a Miséria que pedisse o que ela quisesse que sua vontade seria satisfeita pois ele era um enviado de Deus.

Miséria pediu que todo aquele que subisse na pereira não descesse. Só descesse com a ordem dela. São Patrício disse:

– Seja feita a vontade do meu Deus.

E foi embora.

No dia seguinte, a Miséria foi esmolar, chegaram as crianças pra tirar pêra. E quando quiseram descer ficaram lá pregadas. Deu onze horas Miséria chegou. Catucava os meninos de vara, dava pancadas, eles querendo descer e não havia jeito. Até que... ela deu uma surra em cada um e mandou ir embora.

Depois disso não havia mais quem fosse roubar as peras da Miséria.

Acontece que a Morte tem seu dia marcado. E chamou Deus a Morte, mandou que fosse buscar a Miséria. E quando chegou a Morte onde estava a Miséria disse:

– Miséria, hoje é o dia que tu vais morrer. Chegou a tua hora.

Miséria se fez de bem doente e disse:

– Está Morte. Ela (2) está bem doente como tu vês. Agora ela está desejando comer aquela pêra bem madura que tem lá no olho daquela pereira.

A Morte disse:

– Se é por isso você come a pêra e eu te levo.

Subiu, tirou a pêra, derrubou, que quando quis descer não pode:

– Miséria, me desce.

– Tem jeito não. Agora você só vai me matar mesmo quando eu quiser que você desça daí.

Ficou a Morte lá em cima. Desse dia em diante não houve mais mortandade. E o número de gente foi crescendo, crescendo, crescendo. Era velho, carquejo (3) todo jeito e não havia morte. Os países decretavam guerra. O camarada vinha entre a vida e a morte, mas escapava.

Os homens reuniram-se e disseram:

– Vamos procurar a Morte.

Saíram a procurar a Morte. Descobriram que ela estava presa na pereira.

Chegou o governo lá onde estava a Miséria. Disse:

– Miséria, tu soltas a Morte que o povo está demais.

Disse:

– Vamos firmar um contrato. Se a morte disser que não me leva, ela desce. E se disser que eu tenho que ir, ela fica lá permanente.

A Morte de lá de cima disse:

– Seja feita como você quer. Garanto que você eu nuca matarei.

– Se nunca me mata pode descer.

Quando ela caiu os que estavam ali ficaram logo arriados. Saiu matando e a Miséria ficou reinando até hoje.